

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
ERLY ROSA DA SILVA

**REPRESENTATIVIDADE DAS BIBLIOGRAFIAS DE REFERÊNCIA DOS
*DICIONÁRIOS HOUAISS E AURÉLIO***

GOIÂNIA
SETEMBRO/2008

ERLY ROSA DA SILVA

**REPRESENTATIVIDADE DAS BIBLIOGRAFIAS DE REFERÊNCIA DOS
*DICIONÁRIOS HOUAISS E AURÉLIO***

Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Goiás.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof. Dra Alice Maria de Araújo Ferreira.

GOIÂNIA
SETEMBRO/2008

PARA MINHA ESPOSA E FILHO,

Em cujos braços pude embalar suavemente
meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, Orientador maior, pela graça de usufruir a beleza de sua criação;

À orientadora, Dra Alice Maria de Araújo Ferreira, por conduzir este trabalho partilhando a fruição do fazer lexicográfico;

A meus irmãos, meus amigos sinceros, pela ausência em tempos difíceis;

A meus amigos, colegas, alunos e companheiros de caminhada, meu afeto e carinho;

A meus pais, que mesmo estando longe, tenho certeza que velam por mim.

À minha grande amiga, colega, admiradora, professora Esmeralda Sebastiana que me ajudou dar os primeiros passos na busca incessante pelo ato de aprender.

*O advento da palavra manifesta a soberania
do homem. O homem interpõe entre o
mundo e ele próprio a rede das palavras e
torna-se, por via disso, o senhor do
mundo.*

GUSDORF

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal o estudo comparativo das bibliografias de referências dos dois dicionários de língua portuguesa mais usados: *Aurélio* e *Houaiss*. A bibliografia de referência serve de fonte para o levantamento das unidades lexicais e seus atributos semânticos. Ela então permite constituir um “retrato” da língua. A partir da análise das obras que compõem a bibliografia de referência podemos observar a concepção de língua participa ativamente da política lingüística de cada país pela sua função normativa, além de participar do debate da lusofonia no mundo com a presença ou não de obras de outros países de língua portuguesa. É imprescindível discutir tais obras que de tão banais passam despercebidas.

Assim, no trabalho, discutimos as relações língua/discurso e língua/literatura para verificar que tipo de representação da língua portuguesa aparece nos dicionários. A análise comparativa parte de um estudo quantitativo onde foram levantados os tipos de obras; o ano das edições usadas para consultada; os países representados; e as regiões brasileiras. Para nosso estudo, fundamentamo-nos nas teorias lexicográficas de Biderman, Barbosa, Meschonnic, Rey e Dubois, entre outros que nos serviram para a análise das obras. É possível verificar a visão de mundo construída pelos dicionários de língua e seu papel na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: dicionário de língua; língua/discurso; língua/literatura; representatividade; bibliografia de referência.

ABSTRACT

This piece of work has as an objective the comparative bibliography study with regard to two Portuguese language dictionaries that are more used: Aurélio and Houaiss. The bibliography of reference are source of the uprising from lexicon units and their semantics attributes. So, it permits to establish one "picture" of the language. From the analysis ahead of the reference work bibliography that are part of this work, we can notice that the conception of the Portuguese language that each one establish. One language dictionary active involves the linguistic politics from each country, because of its normative function, besides being involved in discussions in the "lusofonia" in the world with the presence or not of the reference work of other countries with Portuguese language. It's essential that we discuss these reference work that are so trivial and go way without being noticed.

So, in this piece of work, we discuss the relation between language\speech and language\literature to verify the kind of representative shown by Portuguese language that are in the dictionary. The comparative analysis goes from a quantitative study where was raised the kind of piece of work; publishing year used for checking; the countries represented and the Brazilian region. For our study, we based in lexicography theories from Biderman, Barbosa, Meschonnic, Reis and Dubois, among others that were useful for the analysis of the books. It's possible to verify the source of world built by the language dictionaries and their function in the society.

Key-words: Language dictionary, language\speech, language\literature, representativity, reference bibliography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O DICIONÁRIO DE LÍNGUA: receptáculo de uma visão de mundo linguisticamente construída	13
1.1 Entre língua e discurso, a variação e a norma	13
1.1.1 Língua	15
1.1.3 Norma	23
1.1.4 Discurso	26
1.2 língua/literatura	32
1.2 Breve histórico da língua portuguesa	39
CAPÍTULO 2	45
2 LEXICOLOGIA/LEXICOGRAFIA: do léxico de uma língua em geral ao dicionário de língua portuguesa em particular	45
Chega mais perto e contempla as palavras	45
2.1 O léxico e a obra lexicográfica	45
2.1.1 Lexicologia	46
2.1.2 Lexicografia	48
2.1.3 Estrutura da obra lexicográfica	52
2.2 Dicionário de língua	55
2.2.1- Dicionário: gênero literário	58
2.3 A Língua Portuguesa e seus dicionários mais representativos	66
2.3.1 Houaiss	66
2.3.2 Aurélio	73
CAPÍTULO 3	80
3 HOUAISS / AURÉLIO E A BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	80
3.1 Bibliografia de referência: apresentação e análises	81
3.2 A bibliografia de referência do Houaiss e Aurélio: um estudo quantitativo	85
3.3 Leitura dos gráficos	88
3.3.1 Apresentação e análise dos gráficos do Dicionário Houaiss	89
3.3.2 Análise dos gráficos do Dicionário Aurélio	103
3.3.3 Considerações sobre comparações e discursos construídos	116
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118

INTRODUÇÃO

Na dissertação, propõe-se discutir a importância da bibliografia de referência nas obras lexicográficas – os dicionários de línguas. A bibliografia de referência serve de *corpus* para o levantamento das unidades lexicais e das acepções semânticas que entrarão nos dicionários. Serve, então, de referência para o *espetáculo* da língua em uma determinada época.

Nosso objetivo principal é discutir a questão da representatividade das bibliografias de referências nos dois dicionários mais respeitados no Brasil: o *Houaiss* e o *Aurélio*. Pois, o dicionário de língua como receptáculo do universo léxico de uma língua busca normatizar um uso e registrá-lo. Assim, é necessário questionar de um lado, a concepção de língua dessas obras, e por outro, a concepção de Língua Portuguesa, sabendo que ela perpassa as fronteiras do Brasil, sendo usada também no continente Africano (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau) e na Europa (Portugal).

Tanto o Houaiss quanto o Aurélio defenderam a unificação da língua portuguesa nestes territórios e logo no prefácio de suas obras pretendem contemplar o conjunto da lusofonia¹. Propomos então, uma análise minuciosa da bibliografia de referência de cada uma destas obras para verificar se as escolhas das obras que a compõem representam o mundo lusófono ou em outros termos de que língua portuguesa se trata? Assim, dentre as diferentes concepções de língua, sabemos que uma língua é um sistema (estruturalismo), que esse sistema se realiza na diversidade (sociolingüística e a variação), e que precisa ser usado pelos falantes nos diversos discursos para se efetivar e ganhar sentido (pragmática), além de usar meios para a conservação de sua unidade (norma). Logo, as palavras que entram nos dicionários são palavras realizadas em discursos e a bibliografia de referência serve para extrair os contextos de usos, os atributos semânticos e claro as próprias palavras.

Acreditamos com Pais (1998) que: “o dicionário ou vocabulário transcende sua natureza de obra lexicográfica e/ou terminológica, para revelar-se ao sujeito enunciativo/enunciatário do discurso como *espetáculo semiótico*, no sentido em que o entende Greimas e, por isso mesmo, como *simulacro* dos discursos/textos de

¹ Diz-se dos países que compõem a língua portuguesa.

área(s) e domínio(s)”. Os dicionários de línguas se constituem, assim, como *espetáculos semióticos*² das línguas a partir do conjunto das obras da bibliografia de referência. E é na e pela literatura que o dicionário busca, na maioria das vezes, representar a língua. Assim Maingueneau (2006, p. 197) nos lembra que:

A literatura desempenha um papel capital nesse processo de delimitação das línguas. Para surgir uma língua como totalidade, para que se tracem as fronteiras de um espaço estabilizado, vinculado com uma comunidade, é necessária a referência a um *corpus*, um ambiente de uso restrito e prestigioso, particularmente uma literatura

O dicionário é, como diz Henri Meschonnic “um discurso de discursos” (p.12) e é nesse interdiscurso que temos que procurar a representatividade da bibliografia de referência.

É necessário então discutir o interdiscurso no dicionário a partir dessa bibliografia e verificar os interdiscursos por ela produzidos: os discursos que representam a língua e a apropriação do sujeito-usuário para a criação de outros discursos. Enquanto discurso de discurso, o dicionário de língua tem se apresenta como metadiscurso. É na escolha das obras que compõem o *corpus* que verificamos o discurso sobre a língua construído no dicionário.

O dicionário, enquanto obra de referência merece uma atenção particular já que além da função normatizadora (normatiza o uso e a existência de uma palavra) tem uma função primordial na política lingüística de um país. O dicionário de língua é confeccionado por uma equipe de especialistas de vários domínios e países o que demonstra uma preocupação com a confiabilidade entre os países que compõem a lusofônia. A forma dicionário, um livro de palavras, organiza a língua por uma rima inicial - a ordem alfabética - que lhe confere o estatuto de obra aberta por excelência já que abraça o universo léxico de uma língua de A à Z (ou quase) e onde cada letra está aberta ao infinito.

A pesquisa tem como metodologia uma abordagem estatística-quantitativa da porcentagem de cada tipo de obras presentes delas nas bibliografias de referências dos dois (2) dicionários de língua portuguesa: *Houaiss* e *Aurélio*. Os dados estatísticos serão apresentados em gráficos.

² A semiótica postula como metaciência, já que ela assume a posição de observadora em relação ao sistemas significantes, a semiótica visa aos modos da significação, seu domínio é o texto como prática significante.

O dicionário de língua se apresenta como uma obra que se propõe registrar e eternizar um momento da língua através do seu conjunto léxico. A referência bibliográfica é o *corpus* da obra que a citou. No caso do dicionário, as citações das referências não ocorrem no decorrer do discurso, mas informadas no final, estabelecendo uma veracidade das acepções apresentados para cada palavra e a fonte onde foi buscar aquela significação. Daí a importância da referência.

No caso dos dicionários estudados é nítida a interferência da bibliografia de referência na criação do discurso sobre a língua de cada um. O que é perceptível na construção do dicionário é a documentação exaustiva que o fazer lexicógrafo tem para com o trabalho de leitura e conhecimento em cada área, por isso a necessidade da colaboração de uma equipe de profissionais de várias áreas do conhecimento para concretizar a dura tarefa da elaboração de um dicionário.

Como já dissemos, vale ressaltar o interdiscurso presente no dicionário; sendo ele metaforizado por diversos pensamentos. Percebe-se que a bibliografia de referência interfere nas acepções das palavras, pois, é nela que os pesquisadores da língua subjetivam seus ideais e de alguma forma isso aparece implicitamente no discurso construído. Assim é importante ressaltar a periodicidade das obras lexicográficas, uma vez que seus registros fazem parte de uma dinâmica da língua em determinados momentos históricos. Mas é difícil estabelecer uma relação entre língua e período histórico no dicionário, pois nem sempre o dicionário consegue dar conta da dinamicidade da língua. Aí, também, vale questionar a atualidade das referências bibliográficas.

Como atribuir uma interpretação à palavra, hoje, dicionarizada? É preciso que o consulente faça isso ao interpelar uma palavra e escolher a interpretação dada pela definição nas várias acepções propostas de acordo com a bibliografia de referência. Carvalho (1983, p. 127) discute a interpretabilidade de bibliografias e ressalta: “Compreender um texto equivale a haver entendido o que um autor quis dizer, os problemas que postulou e as soluções que propôs para os mesmos”. Como os seus autores e equipes interpretaram suas bibliografias de referências para então escolher essa ou aquela definição? E, nós, enquanto usuários dessas obras, como podemos estabelecer critérios de interpretação em seus discursos? Espera-se desse consulente um conhecimento das obras arroladas na bibliografia e sua empregabilidade corrente tanto na obra dicionarística como no contexto que por ele for usada.

Para a metodologia de análise da pesquisa nos apoiaremos nos trabalhos de Maria Aparecida Barbosa, Enilde Faustisch, Maria Teresa Biderman, Henri Meschonnic, Jean Dubois, Alain Rey, José Horta Nunes, Silvana Gurgel, Maria da Graça Krieger entre outros estudiosos de lexicografia e terminologia. Podemos concluir que a bibliografia de referência é essencial em qualquer texto científico, pois busca positivamente registrar a vida das idéias no trabalho discutido.

Nenhuma obra se sustenta sozinha. É preciso que as opiniões sejam mescladas de outras discussões para se ter uma idéia científica. O dicionário de língua vai buscar em um imenso acervo bibliográfico, palavras, produzidas em vários contextos para sustentação do discurso escolhido como fonte a representatividade do léxico de uma língua.

Na presente dissertação, buscamos discutir o dicionário de língua, como construção de um metadiscorso e de uma visão de língua a partir do estudo veremos também a relação estabelecida entre língua e literatura para entender o papel da literatura no fazer lexicográfico e da bibliografia de referência. Discute-se a relação entre língua e literatura na seleção da bibliografia de referência. Assim analisamos os (02) dois dicionários de língua portuguesa *HOUAISS* e *AURÉLIO*. A escolha desses dois dicionários para nossa pesquisa foi baseada na leitura que já fazemos deles no decorrer de nossas pesquisas. E também por ser dois dicionários muito usados e populares em nossas bibliotecas.

No primeiro capítulo buscou-se discutir noções fundamentais como língua, variação, norma e discurso para ao entendermos a concepção de língua e o seu registro nos dicionários. Em uma outra parte apresentamos uma história da língua portuguesa e o surgimento dos dicionários dessa língua e sua relação com a literatura.

O segundo capítulo traz uma discussão sobre a lexicologia e a lexicografia, onde apresentamos a estrutura dos dicionários de língua, sua formação e o gênero a que ele postula, procurando abordar os princípios da formação cultural dicionarística. Além de apresentar uma tipologia das obras lexicográficas. Discutimos também o texto literário usado como *corpus* nos dicionários de língua e sua representação dentro de cada dicionário estudado.

No terceiro capítulo, busca-se evidenciar que tipos de obras são elencadas nas bibliografias de referência dos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*; a partir de um estudo quantitativo apresentamos a porcentagem dos livros quanto: Ano de edição,

país, região, tipo de obra e língua; o que nos permite em uma segunda parte discutir a representação da língua portuguesa na bibliografia de referência.

Além desses três capítulos evidenciou-se com bastante ênfase mostrar os *limites e desafios para se ler um dicionário de língua*. Assim percebemos que embora o dicionário de língua portuguesa seja muito usado por uma diversidade de consulentes é, no entanto ainda pouco estudado e discutido.

CAPÍTULO 1

1 O DICIONÁRIO DE LÍNGUA: receptáculo de uma visão de mundo linguisticamente construída

A língua é um poema original por meio do qual um povo diz o ser. Inversamente, a grande poesia, aquela pela qual um povo entra na história, é aquilo que começa a dar figura à sua língua.

Hiedegger, 2003

1.1 Entre língua e discurso, a variação e a norma

No intuito de entendermos a representação de uma língua em uma obra lexicográfica como o dicionário de língua, cabe em primeiro momento discutirmos alguns conceitos fundamentais, tais como: língua, variação, norma e discurso.

Assim ao longo do século XX principalmente o conceito de língua foi discutido pelas diferentes correntes da lingüística desde Saussure.

Quanto à variação, mesmo Saussure reconhece que a língua é um fato social e assim é sujeita à variação, esta nunca constituiu seu objeto de estudo. Esperamos em 1964 com a criação da sociolingüística para se ter um reconhecimento da noção de variação.

Outra noção fundamental é a norma, já que o dicionário de língua além de compilar o conjunto léxico de uma língua tem a função de normatizar. Podemos então indagar sobre a norma: o que vem a ser? Quais seus critérios? E qual seu papel na unificação lingüística?

A noção de discurso aparece nos estudos lingüísticos com a teoria da enunciação de Benveniste e depois se tornando propriamente o objeto de estudo da análise de discurso. Corrente esta que vem discutindo esse conceito a partir das concepções de Foucault, Pêcheux e mais recentemente Maingueneau.

Abordar a noção de discurso em um trabalho que se propõe discutir a representação da língua em um dicionário se justifica pelo fato de que as entradas

são unidades lexicais realizadas em discursos e neles suas acepções semânticas são retiradas.

É relevante abordar conceitos como língua e discurso, pois nosso trabalho visa discutir o dicionário de língua e a bibliografia de referência como universo discursivo. Discursos atribuídos a partir de conceitos de literatura, cultura, língua e dicionário de língua. Buscamos relacionar o dicionário de língua como representação de um léxico de uma cultura atribuído a um discurso da literatura como discurso vivo representativo do uso, que o homem faz da língua. Segundo Costa (2004, p. 31), “Como todo signo representa sob certos aspectos, certos pontos de vista, isto é, faz escolhas, então deixa de lado outros aspectos. Por isso, desde Saussure, já se diz que o ponto de vista cria o objeto.” Dessa forma questionamos o fazer dicionário de língua, pois a linguagem não duplica, nem é cópia da realidade através do signo. O signo sendo responsável por mostrar essa realidade, então nos influencia nossa visão do mundo construída linguisticamente. Já dizia Guimarães Rosa (2003, p. 13) que “a língua é um rastro de velho mistério”. Assim é relevante discutirmos que somos feitos por palavras e é por elas que captamos o mundo. A língua sendo um mistério; o dicionário de língua é um rastro desse velho mistério.

Perceber a língua e o discurso no dicionário de língua é navegar por um emaranhado de palavras organizadas pela ordem alfabética sem um enunciador explícito, é sem dúvida uma tarefa árdua, porém prazeroso, pois é interessante descobrir os conceitos de cada unidade registrada por diferentes lexicógrafos. Matoré (apud COSTA, 2004) diz que o interessante é perceber que as palavras não caem do céu, mas têm uma data e hora de nascimento, um vocabulário não é só um conjunto de palavras, é veículo de idéias e sentimentos, e traduz a existência de fatos, a presença de coisas.

São as palavras carregadas de sentimentos, idéias, e, de alguma forma, relacionada a fatos, que representam idéias e sentimentos oriundos de espaços de produção diferenciados; carregados de significação. No dicionário de língua o sujeito da enunciação é apagado, de modo que as definições dadas aparecem como se fossem naturais (COSTA, 2004). O que é verdade é que subjaz às definições a concepção de linguagem como um código, em que os sentidos estão lá, já prontos. Para Costa (2004) o dicionário seria “um depositário de sentidos”. O que faz o homem ser um caçador de sentidos não é a vontade de descobrir? Então temos no dicionário de língua o local mais apropriado para uma “caçada criptológica” como

afirmou Costa; já que os sentidos estão lá, escondidos, prontos para serem apanhados e decodificados.

A língua não é apenas fonte de transmissão de idéias e discursos. É muito mais, pois é a forma como interlocutores trocam pensamentos em diversos espaços e falam desses espaços de forma a acentuar relações significativas de produção, pois, os dicionários são reflexos da sociedade como já dizia Matoré.

1.1.1 Língua

Ao longo do século XX, a lingüística conheceu um desenvolvimento sem precedente na sua história. Ao mesmo tempo em que discute seu objeto, o define e suas concepções orientam suas abordagens. Assim se o estruturalismo, herdeiro de Saussure privilegiou a língua, a partir dos anos 60 as correntes começam a considerar os fatores extra-lingüísticos como parte do estudo lingüístico e voltam-se para o fenômeno concreto e manifestado: a fala, o texto, a enunciação e o discurso. Mas isso nunca descartou a língua como noção fundamental. No entanto, sua definição e conceptualização foram mudando.

As questões relacionadas ao estudo da linguagem se deram no início do século XX, pelas mãos de Ferdinand de Saussure e hoje este estudo não se esgota. Saussure (2003. p. 17) define a língua como:

[...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de Linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Na concepção saussureana, a língua é um produto social, onde os indivíduos se relacionam através da linguagem que é o resultado da concretude da língua. Os indivíduos usuários de uma língua que se relacionam em diversos contextos, sendo esses contextos diferenciados; os responsáveis para que a língua seja, “um tesouro depositado pela prática da fala” (SAUSSURE, 2003, p. 21) torna-a relevante, pois todo indivíduo convive com outros semelhantes de regiões diversas, o que só faz a língua se enriquecer por meio dos contatos lingüísticos.

De posse desse saber sobre a linguagem, o homem tenta moldar seus poderes e trazê-los para si, tudo o que faz, parte da necessidade de refletir sobre a língua. Desde os séculos XVII e XIX a língua vem sendo estudada por meio das gramáticas que eram vistas como construtoras do saber falar. O alvo dos estudiosos desses séculos era buscar a língua ideal, sem ambigüidades capazes de assegurar a unidade da comunicação do gênero humano como argumenta Orlandi (1999. p. 12).

No entanto, a gramática tradicional não conseguiu abordar a contribuição da fala para a sociedade, surge então no século XIX a lingüística histórica que buscava discutir a mudança da língua com o tempo. Visava discutir a história da língua no decorrer do tempo o que assegurava a não participação do homem nessa mudança. Segundo Orlandi (1999, p.17), os estudos do século XIX ajudaram a lingüística a se fixar como ciência.

No século XX com Saussure, a lingüística define seu objeto principal: a língua, e, Saussure via a língua como já dissemos como um “sistema de signos”, ou seja, um conjunto de unidades que se relacionam para formar um todo.

A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem valor funcional determinado pela relação. A teoria de análise lingüística desenvolvida a partir de Saussure foi assim entendida pelo estruturalismo, mas seus princípios foram se desenvolvendo e ultrapassando barreiras da lingüística, tornando mais contundente a crítica ao caráter excessivamente formal e distante da realidade social do método estruturalista.

Discutir como a língua é vista por diferentes correntes e sua relação em compor um dicionário de língua é de fundamental importância, pois o dicionário é um compilador desses signos em consonância com o uso. Como a lexicografia se organiza a partir de uma língua, sua manifestação na sociedade e como a cultura desse povo é assimilada pela obra lexicográfica. Segundo Krieger *et. al.* (2006, p.174) o dicionário de língua é:

[...] a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade lingüística, permitindo que ela reconheça-se a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico.

Com Sapir e Whorf a língua começa a ser estudada a partir do fator cultural,

ou seja, em uma perspectiva antro-po-linguística. Dessa maneira ela deixa de ser apenas um sistema e passa ser também organizadora da cognição e da visão de mundo. Para Whorf vemos o mundo a partir de nossa língua. Nesse sentido o dicionário de língua participa da construção dessa cosmovisão.

A língua é então um sistema de signos socializados, compartilhados pelos membros de uma comunidade lingüística. Ela é produto das interações verbais ao mesmo tempo em que permite e autoriza essas interações. Ela é veículo da cultura de um povo e carrega valores e preconceitos. Enfim, a língua para Jackbson é o código necessário para comunicação dos falantes, não sendo esta, sua única função.

Enquanto comunicação social e interação verbal, a língua está intrinsecamente ligada à sociedade.

Assim, a relevância de abordar questões sociais da língua, leva a entender que ela, como fenômeno social e cultural de um povo, tende a apresentar relações complexas e de diferentes formas de se manifestar devido ao uso social lingüístico do grupo, o que não nos permite descartar a influência da sociedade na língua e desta, na sociedade.

No entanto, é recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diferenciadas socialmente, culturalmente e geograficamente, pois tudo isso influencia na construção do léxico e, posteriormente, no dicionário de língua. Nesse sentido, uma língua não é unitária, mas um conjunto de sistemas lingüísticos que se inter-relacionam, transformando o estudo do léxico em uma complexidade que precisa ser ainda mais debatida pelas ciências da língua, pois essa variação sistemática caracteriza-se apenas como uma parte de seu estudo.

Não estamos afirmando aqui que os estudos da língua em relação a sociedade não foram discutidos antes da criação da sociolinguística. Saussure (2003, p. 17) não separa língua de sociedade, apenas esta – a sociedade, não foi seu objeto de estudo. O que é restabelecido por Meillet, aluno de Saussure (apud ALKMIN, 2001, p. 24) quando diz:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma

existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, lingüística e social.

A sociolingüística centrada na relação língua sociedade torna-se mais importante do que nunca para compreender a fala de um grupo (usuários nativos dessa língua). Aí vale observar que esses falantes não falam somente de uma maneira, porque se notam reconhecidas as variações geográficas, históricas, sociais, estilísticas da língua. Por conseguinte, essa relação entre língua e sociedade nos mostra os problemas da variação lingüística e a problematização na elaboração de um dicionário de Língua que se baseia no uso, e que esse uso é muito complexo, pois se trata de diferentes regiões de um país e de outros que fazem o uso do mesmo idioma.

O que podemos perceber é que a língua passa por diferentes concepções (formal, social, pragmática e discursiva) sem, no entanto, anularem-se umas das outras. Pois, se para a sociolingüística ela passa a ser heterogênea, ela continua sendo um sistema comum a uma comunidade de fala – os subsistemas se estruturam e constituem um primeiro grau de abstração dos atos de fala. Se os estudos pragmáticos vão dar mais importância e focalizar seus estudos nos atos de fala e nos usuários, esses falantes podem estabelecer uma comunicação porque compartilham de um mesmo paradigma no qual, segundo as situações e circunstâncias, farão escolhas diversas e orientadas pelas intenções comunicacionais.

É importante então perceber que a língua se constitui como resultado dos atos de fala que a enriquecem, a renovam e assim lhe dão dinamicidade, que ela é heterogênea mesmo conservando uma unidade (abstrata que seja), constituindo-se como diassistema em que variações ligadas a aspectos externos a ela (sociais, geográficos, históricos) a manifestam e lhe dão concretude, caracterizando-a como uma entidade histórica, social e discursiva.

A face efetiva da língua (quando queremos aprendê-la) se torna a primeira necessidade do lexicógrafo que partirá de enunciados realizados não só para exemplificar um uso, mas também para o levantamento das acepções semânticas da unidade lexical.

Nesse sentido, enquanto ideológico, histórico e dinâmico, a língua é um

discurso de discurso. Bakhtin já via na língua o aspecto interacional e dialógico que a constitui como fenômeno social, conforme citado anteriormente.

Como se abordará nos próximos capítulos uma reflexão sobre a obra lexicográfica e sua relação com as manifestações da língua que se faz objeto do seu fazer, discutimos os estudos lingüísticos e sua formação no decorrer da evolução da humanidade, o que é de fundamental importância, pois a construção de um dicionário de língua é sim, também um fato social, e que nele estão centradas as acepções colhidas no uso que se faz da língua.

Dessa forma, é de grande relevância discutir a relação entre língua e sociedade que são consideradas por Alkmin (2001, p. 24):

A tradição de relacionar linguagem e sociedade, ou, mais precisamente, língua, cultura e sociedade, está escrita na reflexão de vários autores do século XX. Integrados ou não à grande corrente estruturalista, que ocupou o centro da cena teórica, particularmente, a partir dos anos 1930, encontramos lingüistas cujas obras são referenciais obrigatórias, quando se trata de pensar a questão do social no campo dos estudos lingüísticos.

A língua como fenômeno social e cultural de um povo, tende a apresentar relações complexas e de diferentes formas de se manifestar devido ao uso social lingüístico do grupo, o que não nos permite descartar a influência da sociedade na língua e desta, na sociedade.

Dessa forma estamos, então, frente de novo a uma dicotomia: unidade lingüística/diversidade. A língua então será vista como heterogênea e dinâmica. Frente a essa heterogeneidade da língua provocada pelo ato de fala. Os lingüistas passam a focalizar seus estudos na enunciação enquanto ato revestido de uma carga histórica, ideológica e variando segundo as situações comunicativas em que os usuários estão envolvidos. Junto à teoria da enunciação, a lingüística textual, a pragmática, irão propor uma nova concepção da língua.

O conjunto língua-linguagem contém ainda a noção de sujeito que estabelece por meio do falante, o que fala, pra quem fala e o que se deseja que o outro entenda. Tratando dessa relação, observa-se que a língua e a fala devem ser distinguidas, mas inseparáveis, pois uma é dependente da outra. Dessa forma, a língua é condição para produzir a fala e a fala relaciona-se diretamente com os fatos sociais e históricos de um povo que se manifestarão na língua. Assim, cada indivíduo manifesta seus anseios por meio da linguagem, influenciados pelo fator

social da Língua.

1.1.2 Língua e sociedade: A variação

O dicionário de língua vive uma dicotomia entre arrolar todas as palavras de um léxico e valorizar o uso variado que se faz delas. Dessa forma, a sociedade, em consonância com o uso que se faz da língua, influencia no feitiço do dicionário, pois é quem parece decidir é o uso. Horácio (apud HOUAISS, 2001, p. 7) coloca que “muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala”. Uso este atribuído pelas questões sociais, políticas e históricas que passam pelo léxico de um povo. Essa pluralidade do uso da língua faz enriquecer ainda mais o idioma que os falantes se apropriam.

Mais uma vez, há um questionamento sobre a língua e dicionário pela ótica da sociolinguística. Não seria uma forma de promoção social rotular o dicionário como denotação e o uso como conotação? Se considerarmos os dicionários de língua como “donos da verdade”, sim. Mas o nosso estudo se baseia no paradigma de que o dicionário é um “discurso de discurso”, ou seja, “procuramos palavras, encontramos o discurso. Procuramos o discurso, encontramos palavras” (MESCHONNIC, 1991, p. 9, tradução nossa)³, o que nos leva a não ignorar a conotatividade, a subjetividade na obra lexicográfica.

Muitas discussões cercam o estudo da língua e sociedade. Bakhtin (apud ALKMIN, 2001, p. 25) traz para o debate do estudo da língua a noção de comunidade social:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a validade fundamental da língua.

Então, essa noção de língua como comunicação social não se dá por abstração, mas de forma concreta, isto é, por meio da fala/linguagem de cada indivíduo socializado ao ato de sua produção. Ludwig Wittgenstein (apud HOUAISS,

³ On cherche des mots, on trouve le discours. On cherche le discours, on trouve des mots.

2001, p. 7) afirma que “os limites de minha linguagem denotam os limites do meu mundo”, o que nos faz entender que a linguagem é realmente fator social, com ela o indivíduo demarca seus limites enquanto cidadão e é por meio dela que ele se apropria de conceitos, virtudes, ideologias e transforma em discursos subjetivos o ato de falar.

Há uma riqueza muito extensa entre a pluralidade cultural lingüística de um povo e suas relações na construção de um léxico e posteriormente em um dicionário de língua. Tratar dessa riqueza, dessa variedade cultural apreendida pela experiência comum é fonte inesgotável quando se discute o que é língua. Benveniste (1989, p. 73) “articula a questão da relação língua e sociedade no plano geral da construção do humano e, particularmente, no plano das relações concretas e contingentes estabelecidas pela vida social”, o que favorece a língua enquanto instituição do indivíduo e que para ele foi formada em suas particularidades, no caso aqui estudado, *a língua portuguesa*. Os falantes produzem enunciados que, a despeito das variações individuais, lhes permitem comunicar-se e compreender-se, que repousam sobre um mesmo sistema de regras e relações possíveis de descrever.

A partir de uma crítica a dicotomia Saussureana Língua/Fala. E. Coseriu (1987) propôs uma tripartição para a descrição da linguagem: Sistema-Norma-Discurso em que o sistema equivale à língua e o discurso à fala. A norma teria para o autor características da língua enquanto uso coletivo e características da fala, já que realizada. A norma corresponde para Coseriu à sub-sistemas enquanto primeiro grau de abstração da fala. São assim variedades lingüísticas ligadas a fatores extra-lingüísticos que ele subdivide da maneira seguinte:

- VARIEDADES

Diatópicas: geográficas-regionais

Diastráticas: sócio-culturais

Diasfásicas: situacionais

Diacrônicas: históricas

Assim todos nós falamos a língua portuguesa. Não nos escapa, porém, que pessoas das regiões rurais falam de um modo diferente das que vivem nos centros

urbanos, que o falar nordestino tem características próprias, diferentes, por exemplo, do falar mineiro ou do falar gaúcho. De região para região, existem diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe. Trazemos no nosso modo de usar a língua marcas de nossa identidade geográfica.

Essas variações da língua existem também entre pessoas de uma mesma região, observam-se também variações provenientes de fatores sociais, como idade, sexo, profissão, nível de escolaridade, classe social, etnia e até de afinidades relativas a esportes, diversões e *hobbies*. Com frequência, podemos identificar se o locutor de um texto é um adolescente ou um adulto. Isso porque temos variações entre a própria língua. Como o dicionário de língua vê essa variação? Qual a importância dele para a conservação dessa cultura lingüística? Quais fatores fazem do dicionário o acervo dessa variação? Será que ele convalida essa variação? Como essas variedades, dialetos são registrados na obra lexicográfica?

É importante discutir a questão da variação na confecção de uma obra lexicográfica pelo fato de estarmos falando de uma obra enquanto “espetáculo semiótico” de uma língua e sociedade. Na variação lingüística há fatores situacionais que determinam variações no uso da língua. Pessoas da mesma região. Do mesmo nível sociocultural e com a mesma formação acadêmica, empregarão formas lingüísticas diferentes, de acordo com o assunto, o ouvinte, o objetivo da comunicação e as circunstâncias em que ela ocorre. Ninguém fala da mesma maneira em uma reunião formal e entre amigos. Segundo Alkmim (2001, p. 37), “Aprende-se falar na convivência. Mas, mais do que isso, aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro”. Dessa forma percebemos o quanto a questão da variação deve ser levada em consideração na construção de um discurso. Para esse mesmo autor a questão da variação é discutida como: “uma variedade lingüística vale o que valem na sociedade os seus falantes. Isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. (p.37)

Percebe-se que a relação entre língua e sociedade vai muito além da capacidade que o homem tem de se comunicar com seu semelhante. Mostra aqui uma relação de poder que a língua estabelece com o seu falante e seu ouvinte. A cultura “letrada” sobrepõe à outra cultura. Desvaloriza, ridiculariza e o faz como forma de dominação. No entanto, quando aprendemos nossa língua, aprendemos a usar ou, pelo menos, a reconhecer um variado conjunto de formas lingüísticas,

bastante diferenciadas entre si no que diz respeito à pronúncia dos sons, à entonação, ao vocabulário e às formas de estruturar as frases e textos. Fatores geográficos, sociais e situacionais, que se interpenetram e se sobrepõem, estão na base do processo de variação lingüística e que não são considerados no decorrer do registro.

Para Alkmim (2001, p. 33), qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações e que nunca é homogênea. Se a língua e a variação são inseparáveis, são então produtos de uma história e do seu presente. Nenhuma língua é inferior e nenhuma língua é superior no discurso da variação. Todas são essenciais para que possamos dialogar em diferentes contextos.

Entretanto, não podemos lidar com a escrita como se ela fosse uma transcrição direta da fala. A linguagem escrita tende a ser mais conservadora e homogênea porque é seu objetivo assegurar uma comunicação mais ampla no tempo e no espaço. É por meio dela que se estabelecem e se divulgam os conhecimentos da ciência, que se instituem as leis e demais documentos de valor político e jurídico, que se assegura a manutenção da unidade lingüística de um povo. Por isso nem todas as mudanças da variação são incorporadas à escrita e, quando o são, isso acontece muito lentamente. Vale lembrar que o dicionário de língua é o guardador dessa norma lingüística. Podemos e devemos nos perguntar como as variedades lingüísticas são representadas no dicionário de língua por fazer também parte do conjunto léxico dessa língua? Para isso é necessário um levantamento cuidadoso das obras regionais na bibliografia de referência dos dicionários (o que é apresentado no terceiro capítulo).

1.1.3 Norma

Refletir sobre a norma é de fundamental importância, pois o dicionário de língua, sendo um depositário da língua de uma sociedade, prima por um registro padrão que é considerado pela cultura letrada como um registro culto da língua. Por meio da convivência social, todo falante aprende e sabe como usar sua língua, pelo menos uma de suas variantes orais. O conjunto de regras que se utiliza para se comunicar constitui a sua gramática de uso. Nessa perspectiva, a palavra gramática

não tem nenhum sentido avaliativo - não define o certo e errado-, mas faz referência ao conjunto de princípios que o falante inconscientemente domina e de fato utiliza para se comunicar em seus grupos de convivência. Todo mundo sabe a gramática da variedade de língua que aprendeu durante o processo de socialização. Porém essa diversidade discursiva da língua não é apresentada nos registros na língua escrita, isso porque existe uma norma de registro a ser seguido pela língua escrita facilitando a compreensão dos textos. Esse registro aparece na literatura já que há uma representação da variedade lingüística na literatura de língua portuguesa (pensamos aqui na literatura regional, mas não só!)

Os grupos sociais tendem a compartilhar os mesmos hábitos lingüísticos, porque a língua é instrumento de comunicação, identificação e entendimento mútuo. Entre o hábito e a norma, a distância é pequena. Em geral, todas as comunidades tendem a avaliar os diferentes modos de usar a língua e a estabelecer normas de uso. Para Coseriu (1987) a norma lingüística se diferencia das noções de sistema e fala. Segundo o autor a norma lingüística é um “Sistema de realizações obrigadas de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade”. Ela é composta de uma tradição pretéica que permeia um grupo social que a segue sem sentir e reage às tentativas de ruptura à essa tradição.

Se o sistema é o conjunto de entidades gerais e abstratas que podem se realizar de diversas maneiras válidas, a norma seria uma dessas realizações em uma sociedade, enquanto que a fala é a realidade concreta com a qual nos comunicamos.

Embora a lingüística indique que a norma determina o sistema é necessário entender que a existência de uma norma de maior prestígio é a única ensinada e codificada em cada língua histórica. Segundo uma perspectiva pragmática de Alain Rey (1977) “há a norma do falar objetivo da língua efetivamente realizada nos discursos grupos sociais, chamada norma objetiva”, tendo assim cada grupo social sua própria norma. Existe, portanto tantas normas objetivas quantos grupos sociais. Porém há uma norma que se impõe pelo uso literário. Essa norma é a única codificada explicitamente e é portanto a que se presta aos objetivos político-pedagógicos da escola. Na perspectiva sócio-antropológico há uma norma explícita, codificada e divulgada pela escola, a gramática e os dicionários que se diferencia das normas implícitas, mutáveis de cada grupo social.

È esta norma que nos interessa no nosso trabalho já que é a veiculada pelo

dicionário de língua. Preti (1999) conceitua esta norma dita culta como àquela que:

- é a variante de maior prestígio social na comunidade;
- é realizada com relativa uniformidade pelos membros do grupo social de padrão cultural mais elevado;
- é a que cumpre o papel de impedir a fragmentação dialetal;
- é ensinada na escola;
- é usada na escrita em gênero de discurso formal;
- é a mais empregada na literatura.

Preti continua dando as seguintes características para a norma culta:

- indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- uso de todas as pessoas verbais;
- emprego de todos os modos verbais;
- coordenação e subordinação;
- riqueza de construção simbólica;
- maior utilização da voz passiva;
- emprego de preposições nas regências;
- variedade da construção da frase;
- organização gramatical cuidado de frase.

O léxico da língua escrita constitui o veículo básico de armazenamento do conhecimento. Essa língua escrita obedecendo a norma, esta se refletirá no dicionário. Pois a variedade escrita é a guardiã e o depositário da herança cultural e literária do idioma e alicerce da língua em sua continuidade histórica. Em uma sociedade letrada, o dicionário constitui um tesouro vocabular que arquiva as palavras que nossa memória não consegue registrar. Ele registra a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes (norma social).

A norma, é, no caso, o vocabulário intelectualizado e rico que serve de modelo de correção para todos falantes. Por isso o consulente e/ou falante da língua atribui ao dicionário papel de autoridade lingüística. Ele registra uma norma: quanto à forma; quanto ao significado; quanto à sintaxe.

Quanto à ortografia o dicionário registra as variantes mais sempre normatiza a mais freqüente: por exemplo:

- balé (mais freqüente) v. ballé, ballet
- pivô (mais frequente) v. Pirot
- xampu (mais frequente) – shampoo.

A normalização do vocabulário é um processo complexo. Pois não se trata apenas de um problema de forma lingüística, mas também de um problema de natureza conceptual e taxinômica nos diz Biderman. A seleção das entradas de um dicionário (unidades lexicais) deve ser feita a partir de um *corpus*, composto de textos representativos da língua. E a partir desse conjunto de texto que será estabelecida a norma dicionário – Daí, portanto a importância de se analisar a bibliografia de referência dos dicionários de língua.

O dicionário de língua tem a função de registrar o conjunto lexical de uma língua, é nele que a escrita conserva o patrimônio científico, cultural, intelectual de um povo, transmitindo-o de uma geração para outra. Desvalorizar esse patrimônio seria quase um suicídio científico, argumenta Bagno (2001). Para tanto, porém, é necessário garantir a todos condições socioeconômicas de acesso aos bens culturais, assim como evitar fazer da norma-padrão um meio de estigmatizar as pessoas que não a conhecem nem dominam. O dicionário precisa além de registrar essa cultura, precisa colocar em discussão em suas acepções o pluralismo lingüístico: é preciso reconhecer que os dialetos regionais, sociais, as gírias, a linguagem técnica, a linguagem literária, a linguagem informal, enfim que todas as variedades lingüísticas são instrumentos vivos e adequados de comunicação, cada uma com seus objetivos e funções próprias. Conhecer uma língua significa, portanto, valorizar suas variedades e plasticidade e desenvolver uma atitude crítica e ética em relação a seu uso como instrumento de dominação e manutenção das desigualdades sociais. Tanto o lexicógrafo Antônio Houaiss quanto O lexicógrafo Aurélio Buarque em seus prefácios deixaram claro essa valorização à variedade lingüística.

1.1.4 Discurso

A noção de discurso deve ser discutida por dois motivos: 1- as unidades lexicais elencadas nas obras lexicográficas são extraídas de discursos concretos; 2- o próprio dicionário, na sua compilação de palavras se apresenta, como, já discutimos, como um discurso de discurso; um metadiscurso e um interdiscurso. Pensar em dicionário de língua é entrar num mundo onde reina as palavras, palavras estas que ultrapassam o seu simples poder macroestrutural e ganham dimensões discursivas que levam o próprio indivíduo a se sentir indefeso por tamanha audácia. “Um sujeito que fosse a origem absoluta de seu próprio discurso e o construísse peça por peça seria o criador do verbo, o próprio verbo” (DERRIDA 2005). O discurso é então o ponto de partida e o resultado das interações verbais. É no discurso que as palavras ganham sentido.

De acordo com Dubois, *et al* (2001, p. 192):

Discurso é a linguagem posta em ação, a língua assumida pelo falante. O discurso é uma unidade igual ou superior à frase; é constituído por uma seqüência que forma uma mensagem com um começo, um meio e um fim. Na sua acepção lingüística moderna, o termo discurso designa todo enunciado superior à frase, considerando do ponto de vista das regras de encadeamento das seqüências de frases.

O que deve ser observado aqui na definição de discurso é a possibilidade discursiva da linguagem, a vontade do outro em estabelecer significação no que se produz; todo ato de fala já é um discurso; torna-se fato, então, que o dicionário de língua produz discursos através de sua metalinguagem, sua polissemia, o que faz o consulente aceitar esse ou aquele discurso sobre a palavra consultada.

E, ao argumentar sobre o que seria o discurso propriamente dito, Orlandi (1999, p. 22) diz:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

O discurso é uma prática, uma ação e como tal carrega o interdiscurso do sujeito que age.

Pêcheux compreende os sentidos como sendo regrados pelas questões de espaço e tempo das práticas humanas, de-centralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto da Lingüística. O discurso é definido como efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico

no qual a Lingüística está pressuposta. [...] A maternidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua. O discurso é assim o observatório da relação língua/ideologia [...] estabelece a noção de interdiscurso que define como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. (Orlandi 2006. p.1)

Entendemos, com os estudos de Pêcheux, que o sentido das palavras se dá nas formações discursivas, constituídas pela historicidade. Partindo dessas noções, Pêcheux cria o objeto dessa nova teoria: o discurso. Para ele é fundamental a relação entre sujeito, linguagem e história.

O que deve ser observado aqui na definição de discurso é a possibilidade discursiva da linguagem, a vontade do outro em estabelecer significação no que se produz; todo ato de fala já é um discurso; torna-se fato, então, que o dicionário de língua produz discursos através de sua metalinguagem, sua polissemia, o que faz o consulente aceitar esse ou aquele discurso sobre a palavra consultada. Para entendermos melhor sobre o conceito de discurso, torna-se necessário compreendermos a noção de sujeito como ser social, conforme coloca Fernandes (2005, p. 33):

[...] devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado. [...] o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo.

Nessa perspectiva, podemos entender que o discurso implica em movimento, pois, através do estudo do discurso, é que se observa o homem falando. Então, analisar o discurso é observar/interpretar os sujeitos falando; lembrando que as palavras não têm sentido por si só; antes, elas têm sentido de acordo com as formações ideológicas. O que nos leva a refletir sobre a construção de uma obra lexicográfica ser constituída de ideologias e discursos de outros discursos, o qual abordar-se-á no terceiro capítulo quando se tratar das bibliografias de referências usadas pelos lexicógrafos. Isso nos permite vislumbrar que na língua/nas palavras/na fala estão presentes a ideologia, que nos levará a diferentes discursos, pois a língua está inserida na história.

Pêcheux (1995, p. 160), ao tratar do discurso, diz que “podemos chamar de

formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classe, determina o que pode e deve ser feito”. Ou seja, as palavras recebem sentidos dentro de um contexto que é influenciado pelas ideologias. Assim percebemos que ninguém é “dono” do ato discursivo, através da história; as ideologias vão se perpetuando e determinando as ações humanas. O que nos faz concluir o poder que a palavra exerce sobre o outro e que a relação locutor/interlocutor está na palavra. Neste sentido, Bakhtin (1986, p. 113) diz:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Sendo assim, o dicionário de língua, depositário de um léxico de um povo, inspira aos indivíduos sua consulta o que os consulentes por sua vez não conseguem visualizar são as ideologias e discursos nele implícitos.

Benveniste (2001) diz que o discurso caracteriza-se por uma enunciação que supõe um locutor e um ouvinte, e pela vontade, no falante, de influenciar seu interlocutor. Dessa forma, pode-se afirmar que as formas exercem no outro um pouco ou tudo de quem as produz.

O objetivo aqui é discutir a noção de sujeito para que se possa compreender que o dicionário de língua é um discurso de discursos. Baseamos-se nas idéias de Maingueneau (2002, p. 51) que faz referência a vários tipos de discursos que acreditamos fazer parte daqueles existentes nos dicionários de língua. Ele faz distinções acerca da noção de discurso como: “Os empregos usuais – o termo pode igualmente designar qualquer uso restrito da língua”, ou seja, “[...] pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos como o próprio conjunto de textos”.

De acordo com o autor, o discurso é uma organização situada para além da frase, mas não quer dizer que todos os discursos se manifestem por seqüências de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores à frase, mas sim que ele

mobiliza estruturas de uma outra ordem que as da frase.

Para Maingueneau (2002, p. 52) “o discurso é orientado não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear”. Ele é construído com uma finalidade, para alguém e num lugar, mas não precisa necessariamente ser estático; ou seja, pode sofrer alterações em seu curso.

Esse autor diz ainda que o discurso “é uma forma de ação”, o que nos faz compreender a historicidade de nossa língua; pois ao construir por meio da fala ou da escrita, manifestamos atos de discurso que têm a intencionalidade de modificar uma situação, e assim vê-se a interatividade do discurso.

A atividade verbal é, na realidade, uma inter-atividade entre dois parceiros, cuja marca nos enunciados encontra-se no binômio EU-VOCÊ da troca verbal. A manifestação mais evidente da interatividade é a interação oral, as conversações, em que os dois locutores coordenam suas enunciações, enunciam em função da atitude do outro e percebem imediatamente o efeito de suas palavras sobre o outro. (MAINGUENEAU, 2002, p. 53-54).

Nessa interatividade, o discurso acontece num lugar; e só é discurso quando é assumido por um sujeito. “O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências” (2002, p. 53). Entretanto esse sujeito é submetido a normas, pois o discurso é regido por normas discursivas, segundo o autor.

A atividade verbal se inscreve na vasta instituição da fala e, como todo comportamento, é regido por normas. Cada ato de linguagem implica normas particulares. Um ato tão simples em aparência com a pergunta, por exemplo, implica que o locutor ignore a resposta, que essa resposta apresente algum interesse para ele, que ele acredite que seu co-enunciador tem condições de responder-lhe. Mais fundamentalmente, nenhum ato de enunciação pode efetuar-se sem justificar, de uma maneira ou de outra, seu direito a apresentar-se da forma como se apresenta. Um trabalho de legitimação inseparável do exercício da palavra (MAINGUENEAU, 2002, p. 55).

Para Foucault (2004), discurso é “como uma dispersão”, isto é, elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Neste sentido, ao falar do conceito de discurso, deparamos novamente com a noção de sujeito, mas um sujeito que não é o fundador do pensamento e do objeto pensado.

Poder-se-ia dizer que o tema do sujeito fundador permite elidir a realidade do discurso. O sujeito fundador [...] está encarregado de animar diretamente “com seu modo de ver” as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, retoma, intuitivamente, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá, em seguida, senão que explicitar e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão enfim seu fundamento. Em sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, de marcas, de traços, de letras. Mas não tem necessidade, para os manifestar, de passar pela instância singular do discurso. (FOUCAULT, 1974, p. 49).

Pode-se refletir a partir das idéias de Foucault não como opostas às outras noções aqui estudadas, mas uma teoria que ajuda a compreender melhor esse universo fecundo que é o ato de usar a língua. Se ao usar a língua esta se transforma em discursos, então é de fundamental importância esse leque de conceitos e acreditamos que a obra lexicográfica se apropria de vários discursos, estabelece-se como sujeito de um discurso de outrem e assim inter-relaciona com o consulente que é também sujeito do seu discurso. Ao falar nessa inter-relação citamos:

O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros – outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc. Cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira, nem cita as mesmas fontes que um promotor de venda promocional... O simples fato de classificar um discurso dentro de um gênero (a conferência, o telejornal, etc.) implica relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero (MAINGUENEAU, 2002, p. 55-56).

A abordagem discursiva traz para a obra lexicográfica modificações importantes no tratamento da unidade lexical considerada agora unidade discursiva e comunicativa. Além disso, ver-se-á no capítulo três, que na tarefa lexicográfica, o levantamento das unidades que compõem a macroestrutura de um dicionário será feito a partir de um universo discursivo de um corpus. Pois, trata-se de unidades realizadas em discurso que juntas, na forma dicionário, criam um discurso. O dicionário de língua é um discurso de discursos. Sua formalização e representação do universo léxico de uma língua se configuram enquanto discurso e sobre os usos da língua.

Dessa forma é importante ressaltar que os discursos se dão na língua e na

sociedade, assim fortalecendo a construção de um livro de palavras que é o dicionário de língua, registro de um tempo/espaço cultural de uma sociedade.

1.2 língua/literatura

Ao discutir a construção do dicionário de língua e sendo seu *corpus* a literatura é necessário fazer uma reflexão sobre a relação língua e literatura para que compreendamos melhor o fazer lexicográfico. Segundo Maingueneau (2001, p. 102) “a literatura desempenha um papel capital na delimitação sociológica das línguas”. Assim é perceptível a influência literária na construção do léxico, desde a antigüidade a literatura provoca no seio da língua uma relação de adjuntora frente aos textos verbais. No dicionário de língua é muito visível os exemplos de língua oriundos do acervo literário da língua portuguesa.

A língua portuguesa foi tida oficial a partir dos movimentos literários surgidos em Portugal no início do século XII com as cantigas, ou seja, um padrão de língua a ser seguido, antes a língua não era tida como oficial. Foi no período Trovadoresco, que a língua inicia sua história arcaica. Dessa forma a língua se oficializa e ganha sustentação em Camões no século XVI e até hoje a literatura representa no campo lingüístico a mais bela forma de influência na solidificação do nosso idioma.

Há uma tensão entre a construção da língua, sua relação com a literatura, língua e cultura, vida e variedade lingüística. A literatura é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua.

A linguagem enquanto ato da fala tem suas coordenadas no tempo e espaço. Se os enunciados são contextualizados e o sujeito apropriado em forma de discurso, então a literatura também é uma forma de discurso do sujeito, mesmo que seja ficção. Pode-se dizer que literatura é ficção, mas não pode ser reduzida apenas a ficção. A literatura é uma forma de comunicação e seus discursos são construídos intencionalmente, resultado da forma como a língua é usada. Derrida (2005, p. 75-76) discute o entrelaçamento da realidade lingüística e a ficção:

Tradicionalmente, a linguagem é concebida como algo natural e essencial, um veículo neutro e transparente de representação ‘realidade’, o que supõe a existência de um elo natural entre as esferas da ‘palavra’ e da ‘coisa’.

Atos, sujeitos e experiências são apenas refletidos pelas palavras, a linguagem é uma espécie de espelho que revela o interior dos sujeitos, reproduzindo seus pensamentos e sentimentos e que retrata suas condutas e relações, que servem da linguagem apenas para se objetivar e transmitir.

Segundo Martins (1984, p. 18): “linguagem corrente, científica ou filosófica se dá na direção normal da língua” ao passo que a literatura vai além da normalidade corrente da língua. Ela ultrapassa o caráter homogêneo da língua e faz dela sua mais alta significação. Segundo Maingueneau,(2001, p. 54)

A dimensão interpretativa deve ser tomada mediante a consideração não do vínculo frontal entre um texto e uma dimensão social, mas o modo como ele opera uma transação com referência à situação de enunciação: ela a reconfigura por meio de seu dispositivo cenográfico, tendendo assim se distinguir para melhor impor um novo modo de dizer.

Portanto, a linguagem apropria-se de palavras para a literatura, a palavra é uma maneira de *poetar* com a língua.

Os literatos têm a habilidade de usar a palavra no seu alto grau de subjetividade discursiva, invertendo-as, trocando os sentidos e nos chamando a uma nova interpretação. Interpretação essa que tem um objetivo de nos transmitir conhecimentos. Derrida (2005, p. 76) nos lembra que: “Língua e escritura são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro”. Notamos que a literatura precisa da escrita para representar seus momentos de tensão e transformações e estes, apóiam-se na língua para que haja uma ‘pluralidade de linguagens’.

O que acontece com a literatura é uma apropriação das palavras para uma produção de um novo discurso. Koch (2002, p. 19) afirma que:

Ao produzir um discurso o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, instituindo-se como EU e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio EU, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem.

O eu passa por vivência de mundo, das idéias implícitas e não implícitas do texto. Ocorre uma persuasão, mas esta se dá no progresso do texto em que o escritor, ou narrador quer convencer o leitor das suas teorias e objetivos. Todo

objetivo de um texto está nas marcas de intenções do autor. Ou seja, ele escreve algo que depois, talvez nem fosse sua intenção, mas as palavras o condenam, pois estão registradas. Porém, Eagleton (2001, p. 6) nos alerta sobre a interpretatividade de uma palavra.

Qualquer linguagem em uso consiste de uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação, etc., os quais de forma alguma podem ser simplesmente unificados em uma única comunidade lingüística homogênea.

Sendo assim a relação língua/literatura é colocada explicitamente, pois um texto não circula somente em uma comunidade, mas ultrapassa barreiras desconhecidas pelo seu autor. Eagleton discute dessa forma ao questionar o conceito literatura e vai além “Se deparássemos com um fragmento escrito isolado de alguma civilização há muito desaparecida, não poderíamos dizer se tratava ou não de “poesia” apenas pelo exame que faríamos dele, já que não teríamos acesso aos discursos “comuns” daquela sociedade...”.

Assim, o estranhamento é nítido se desconhecermos o código de cada texto; a relação que a língua tem com a literatura é um enigma. A maneira como vemos as palavras e atribuímos sentidos. Eagleton (2001, p. 09) assim define literatura: “pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas”. Percebe-se que para Maingueneau (2001, p. 44), essa relação vai mais além: “o escritor é um homem que decide ser reconhecido pelos semelhantes através da escrita”.

Nota-se a cumplicidade entre a língua e a forma de como usá-la. Todo escritor conhece e a trabalha transformando-a na representatividade de um código lingüístico que dialoga diacronicamente e sincronicamente com quem faz a interlocução.

De acordo com Bakhtin (apud BIGONJAL-BRAGGIO, 1999, p. 17): “toda interação é dialógica e faz parte de um processo contínuo de comunicação que se materializa através de palavras. A linguagem vive de comunicação, do diálogo, e faz parte da vida cotidiana e das atividades práticas do homem”. Essa relação é de interação, pois o homem comunica-se, mas também transforma e altera seu ponto de vista de acordo com sua realidade, crenças e valores.

Na literatura os significados precisam ser estruturados e fluir de modo que possamos compreender o valor discursivo, da situação a qual estamos expostos na escrita: segundo Smolka (1998, p. 67):

O discurso interior é uma linguagem desabrochada em toda a sua dimensão, é uma linguagem mais completa que a falada. O discurso interior é quase completamente predicativo porque a situação, o assunto pensado, é sempre conhecido de quem pensa. A linguagem escrita, pelo contrário, tem que explicar completamente a situação para ser inteligível. A transformação do discurso interior, condensado ao máximo, em linguagem escrita, pormenorizada ao máximo, exige o que poderíamos designar por semântica deliberada – estruturação do fluir do significado.

A escrita precisa ser cuidadosamente detalhada para que possamos compreender o discurso. Existe a necessidade de um leitor competente, Demo (1994, p. 19) afirma que: “[...] qualidade é questão de competência humana, [...]”, então temos a necessidade de ter a qualidade de ser competentes para enfrentar os saberes de um texto. Uma vez que competência diz respeito a saberes e ‘capacidade de agir eficazmente’.

Para Maingueneau (2001, p. 101) as obras interagem com a língua: “A produção literária não é condicionada por uma língua completa e autárquica que lhe seria exterior, mas entra em jogo de tensões que a constitui”. Portanto, a relação entre língua e literatura é ampla, já que não existe literatura sem uma língua e não existe uma língua sem sua literatura própria. O imaginário de uma língua, seus costumes e valores são disseminados através de sua literatura. O *status* de uma língua é guardado na sua literatura. A literatura se faz necessária para o conhecimento de uma língua, seus neologismos e suas especificidades são reveladas através dos escritores. Os escritores nos mostram através de condições paratópicas que podem ser: existenciais, temporais e de lugares. Essas paratopias são necessárias para criar uma realidade ficcional. De acordo com Maingueneau (2001, p. 105): “Não é evidente que um escritor escreve em sua língua, pois sua condição paratópica só lhe designa como lugar uma fronteira, já que a escrita escava um hiato irreduzível com relação à língua materna”. O escritor se apropria de sua língua, mas em uma condição paratópica cria uma ficção que parece real. Isso não significa que uma mesma obra não possa apresentar várias referências de outras línguas e até mesmo de suas especificidades.

A interferência de outras línguas em uma obra literária só é possível porque os escritores aproveitam-se da relação de intertextualidade. Já que não existe neutralidade da língua, desta forma não existe uma língua pura, ou seja, os usos lingüísticos são sempre uma mistura de várias línguas. Platão já argumentava quando cita as artes, explicando como ocorre a essa paratopia em que o escritor aproxima-se do gênero real e que às vezes é difícil de reconhecer:

Aqueles que fazem esse trabalho, começam, eles também, por uma eliminação, rejeitando a terra, as pedras e muitas outras impurezas; depois disso permanecem na mistura os metais preciosos da mesma família do ouro que se separa pelo fogo, o cobre, à parte e, algumas vezes, também o diamante. Assim, dificilmente separados pelas chamas, deixam a descoberto o que chamamos ouro puro (PLATÃO, 1991, p. 252).

Os escritores refinam as palavras, embelezam e fazem tudo isso com muito requinte, até encontrar o ouro, que será a obra em si. Aristóteles na *Poética* já discutia o valor da literatura quando nos mostrava qual era o papel do poeta (1991, p. 209): “[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”.

A verossimilhança é uma forma de aproximar-se do real em que o autor busca mostrar a imensidão e uma profundidade. As profundezas da literatura são mostradas através da grandeza de uma obra, de seus valores universais.

Portanto, é preciso refletir sobre os conceitos que nos foram impostos sobre o que é literatura. Discute-se aqui, a relação língua e literatura para que compreendamos a importância do dicionário de língua como depositário dessa língua e sua relação com a literatura. Eagleton (2001, p. 11) diz: “A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler e não da natureza daquilo que é lido”. O dicionário de Língua é uma representação concreta da língua, porém verossimilhança que tenta retratar o léxico seu mais alto grau de representatividade. Meschonnic (1991) diz que os dicionários de língua supõem um público que lê. Dessa maneira os leitores têm a liberdade de lê-lo como preferir, atribuindo a ele valor ou não. O dicionário também é um discurso polissêmico, pois cada entrada tem um sentido diferente, ao contrário dos glossários e terminologia científica que se querem monossêmicos já que apresentam apenas uma acepção semântica e o dicionário não.

A relação língua e literatura na composição do dicionário de língua coloca em discussão sempre a noção de que língua o lexicógrafo quer falar, sua relação com as variantes lingüísticas e norma que priorizará no decorrer do fazer lexicográfico. É nas referências bibliográficas que veremos esses conceitos serem disseminados para compreendermos melhor essa ligação com a literatura. Os dicionários de língua geralmente trazem exemplos de uso e exemplificam as acepções ilustrando com versos literários. O que nos faz questionar o padrão de língua que o lexicógrafo quer transmitir, pois como já dissemos a literatura dá a oportunidade de as palavras continuarem vivas e o dicionário também tem essa função. Meschonnic (1991, p. 27, tradução nossa)⁴ coloca que “se existe uma obra em que seja fácil por estilo, é o dicionário”. O inverso da opinião comum. “Sem dúvida os melhores leitores são os escritores” (MESCHONNIC, 1991, p. 27, tradução nossa)⁵. Dessa forma lê-se dicionários e não apenas recorrem quando há uma necessidade. Meschonnic (1991, p. 28, tradução nossa)⁶ comenta:

[...] os escritores são familiares dos dicionários. O itinerário obrigatório, a cena primitiva da relação entre escritores e o dicionário, entre a literatura e o dicionário, começa por Baudelaire, contando, em Théophile Gautier, em 1859, sua primeira visita como um ritual de passagem: “Ele me pediu depois, com um olho curiosamente desconfiado, e como para me ressentir, se eu gostava de ler dicionários. Ele me disse isso, aliás, como diz qualquer coisa muito tranquilamente, e com o tom que outro teria empregado para se informar se eu preferia a leitura das viagens ou as dos romances. Felizmente, tinha sido atingido muito novo de lexicomania, e vi que com minha resposta ganhava estima.

Por conseguinte a relação entre ler e ou apenas consultar é colocada por Baudelaire e discutida por Meschonnic, atribuindo uma importância maior aos dicionários de língua. Como nosso trabalho discute a questão dicionário embasado nas duas obras brasileiras *HOUISS* e *AURÉLIO*. Não queremos aqui, atribuir a eles um valor literário, mas colocar em questionamento essa relação entre o dicionário e a literatura. O *AURÉLIO* usou em seu *corpus* uma bibliografia literária, ao passo que

⁴ S’il y a quelqu’ouvrage où il soit facile de mettre du style, c’est un dictionnaire.

⁵ Sans doute, les meilleurs lecteurs sont les écrivains.

⁶ Les écrivains sont familiers des dictionnaires. L’itinéraire obligé, la scène primitive du rapport entre l’écrivain et le dictionnaire, entre la littérature et le dictionnaire, commence à Baudelaire, racontant, dans *Théophile Gautier*, en 1859, sa première visite comme un rituel de passage : « Il me demanda ensuite avec un œil curieusement méfiant, et comme pour m’éprouver, si j’aimais à lire des dictionnaires. Il me dit cela d’ailleurs comme il dit toute chose, fort tranquillement, et du ton qu’un autre aurait pris pour s’informer si je préférerais la lecture des voyages à celle des romans. Par bonheur, j’avais été pris très-jeune de lexicomanie, et je vis que ma réponse me gagnait de l’estime.

HOUAISS lexicográfica. O estudo dessas duas obras revela a relação pertinente sobre seu gênero e sua relação com a literatura. A bibliografia não é colocada, escolhida por acaso, sem conseqüência, mas subjetivamente pelo seu autor e com uma intencionalidade.

Sendo assim, questionar as nuances entre língua e literatura é imprescindível para conhecermos melhor essas obras. Meschonnic (1991, p. 33, tradução nossa)⁷ diz: “Um dicionário se chama um dicionário porque é um livro de palavras. É o que a palavra *dicionário* quer dizer”. *New English Dictionary* segundo Matoré (apud MESCHONNIC, 1991) discute a composição desse livro de palavras: “Matoré acha mais satisfatória a definição do *New English Dictionary* que é muito mais longa, sendo a enumeração, na ordem habitual, dos diversos aspectos sucessivamente descritos pelo dicionário: ortografia, significação, empregos, sinônimos, história, e ‘nos grandes dicionários, a informação dada é ilustrada por citações da literatura’” (MESCHONNIC, 1991, p. 34, tradução nossa)⁸.

Essa argumentação coloca a presença da literatura no dicionário *New English Dictionary* o que assemelha nas duas obras discutidas por nós, *HOUAISS* e *AURÉLIO*, que também figuram em suas acepções exemplos da literatura. O primeiro em menor quantidade e o segundo mais acentuado, justificando assim a bibliografia de referência.

Verifica-se a influência literária na teoria do dicionário. Meschonnic (1991, p. 36, tradução nossa)⁹ “A teoria do dicionário não esperou o século XX. Mas ela não foi sempre o que hoje entendo por isso. Sua história é a de um entrecruzamento incessantemente recomeçado com a literatura e a filosofia”. Nota-se que a literatura está ligada a língua e essa por sua vez na história da lexicografia desde sua criação. Discutir dicionário de língua é sem dúvida penetrar na cultura de um povo e suas ramificações dentro de vários contextos sociais existentes em uma comunidade falante de uma mesma língua. Essa relação língua e sociedade discutida desde Saussure coloca em evidência a explícita relação com a literatura.

⁷ Um dictionnaire s'appelle un dictionnaire parce que c'est un livre de mots. C'est ce que lê mot *dictionnaire* veut dire.

⁸ Matoré trouve plus satisfaisante la définition du *New English Dictionary* qui est beaucoup plus longue, étant l'énumération, dans l'ordre habituel, des divers aspects successivement décrits par le dictionnaire: orthographe, signification, emplois, synonymes, histoire, et « dans les grands dictionnaires, l'information donnée est illustrée par des citations de la littérature ».

⁹ La théorie du dictionnaire n'a pas attendu le XX^e siècle. Mais elle n'a pas toujours été ce qu'aujourd'hui on entend par là. Son histoire est celle d'un entrecroisement sans cesse recommence avec la littérature et la philosophie.

Partindo desses pontos em discussão espera-se que a relação língua/literatura e sua influência na construção do dicionário de língua tenha servido para uma reflexão do gênero que postula ser o dicionário, justifica Meschonnic (1991, p. 21, grifo nosso, tradução nossa)¹⁰ “E da mesma maneira que traduções são **obras**, algumas gramáticas, algumas enciclopédias, **alguns dicionários**, são também **obras literárias** e funcionam culturalmente como obras literárias”. (grifo nosso)

Como já discutido, o dicionário metáfora que compila conhecimentos do léxico, deve ser estudado para que se possa fazer juízo de seu real papel numa sociedade em que a lexicografia ainda não decolou como privilégio de estudo. Há muitas discussões ainda para se fazer em relação ao dicionário de língua as quais abordaremos nos próximos textos.

1.2 Breve histórico da língua portuguesa

Propomos uma discussão sobre a história da língua portuguesa para entendermos como o dicionário de língua é importante para estruturação dela. Todas as línguas, como instrumentos de interação social, apresentam muitas variedades num mesmo momento histórico. Seu movimento vivo e contínuo de transformação se faz sentir também ao longo do tempo: as línguas têm história.

Em cada geração acontecem mudanças que são pouco perceptíveis, mas, ao longo de grandes períodos de tempo, as diferenças vão se ampliando e aprofundando. Palavras e construções entram em desuso e tornam-se arcaicas, sendo substituídas por outras. Acompanhando a história de uma língua, verificamos que as mudanças podem ser tão grandes que, a partir de um dado momento, a variedade decorrente das transformações dá origem a um novo idioma. Dessa forma vê-se nos dicionários de língua sua importância, pois ele é que convalida essa mudança. Foi o que aconteceu com o latim que, ao se tornar a língua comum de todo o Império Romano, foi-se dialetando, tomando fisionomias diversas nas diferentes regiões do Império. Desse longo processo de diferenciação e

¹⁰ Et de même que traductions sont des œuvres, de même certaines grammaires, certaines encyclopédies, certains dictionnaires sont des œuvres, et fonctionnent culturellement comme des œuvres littéraires.

transformação, resultaram as diversas línguas românicas e, entre elas *o português*. As razões para essas transformações são tanto externas, de ordem política, econômica, sociocultural, quanto internas, decorrentes das reações do sistema lingüístico às influências de outros idiomas com os quais entram em contato e das variações lingüísticas que cada sistema traz em si mesmo.

Podemos usar bem o português atual sem conhecer os fatos que cercaram sua história. Entretanto, o conhecimento desses fatos pode ampliar a compreensão de nossas origens culturais e ajudar-nos a interpretar melhor o presente, inclusive o presente lingüístico. Temos os dicionários etimológicos que buscam retratar a evolução das palavras. Mas também temos o dicionário de língua, retrato de um determinado período da língua. Através das sucessivas edições podem também atestar o aparecimento e encontrar o étimo.

O português pertence ao grupo das línguas neolatinas, novilatinas ou românicas, isto é, ao grupo de línguas originárias do latim vulgar, que era essencialmente falado. O latim, por sua vez, pertence ao ramo itálico do bloco indo-europeu, um dos grandes blocos ou famílias em que estão divididas as línguas do globo. O latim vulgar passou a receber contribuições das línguas pré-românicas, principalmente no léxico e na fonética. No século VIII, aconteceu a invasão árabe na Península, cujo território foi quase todo ocupado, exceto o norte, onde se refugiaram aqueles que jamais aceitariam o domínio sarraceno. De acordo com Ismael Coutinho (1976), isso contribuiu poderosamente para que, de par com as ciências, se desenvolvessem também as letras.

Segundo Matos e Silva (1991), o português arcaico é situado entre os séculos XIII e XV. Os historiadores e filólogos que a esse período do português se têm dedicado são unânimes em situar seu início nos princípios do século XIII, porque para isso têm uma razão explícita: é nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita.

O tempo que o precede é denominado ou de período *pré-literário*, de uma maneira geral; ou é subdividido em *pré-histórico*, e em *proto-histórico*, em geral situado a partir do século IX, quando já esses traços podem ser detectados por especialistas em documentos escritos no tradicionalmente chamado *latim bárbaro*, isto é, latim notarial ou tabeliônico, veiculado na área românica antes das línguas românicas se tornarem línguas oficiais. Marcam o nascimento do português arcaico, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa o *Testamento de Afonso II*,

datado indiscutivelmente, de 1214 e a *Notícia do Torto*, que hoje se considera que foi escrita entre 1214-1216.

Admite-se também que as mais antigas cantigas de amigo e de amor do *Cancioneiro Medieval Português* se situam, na sua origem, nos inícios do século XIII. Se o início do português arcaico pode ser marcado pelos fatos descritos, o limite final desse período é uma questão em aberto, embora se costume considerar o século XVI como o ponto de partida de um novo período na história da língua. Um limite final para a fase arcaica da língua, com base em fatos lingüísticos, está à espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características lingüísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno.

Enquanto essa cronologia não estiver feita – e certamente indicará não um ponto no tempo, mas uma fase de transição delimitável no tempo – são acontecimentos extralingüísticos que são tomados como balizas para marcar o fim do período arcaico, tais como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos medievais, nos fins do século XV e suas conseqüências culturais; o incremento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na sociedade portuguesa européia pelo contato com novas culturas e novas línguas, provocando, certamente, reflexos na língua portuguesa no seu processo de variação e mudança; o delineamento de uma normatização gramatical a partir de 1536, com a gramática de Fernão de Oliveira e de 1540, com a gramática de João de Barros, aparelho pedagógico que, juntamente com as cartilhas, que se multiplicaram daí por diante, darão conformação explícita a um futuro “dialecto” que se tornará a base para o ensino. Desde então será o português língua da escola ao lado do latim, língua exclusiva da escola em toda a Idade Média românica.

Os acontecimentos históricos enumerados são de fato extralingüísticos, mas, na história de qualquer língua, os fatores extralingüísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas. Os três acontecimentos mencionados inter-relacionados e outros que possam ser destacados favoreceram, muito provavelmente, mudanças lingüísticas que vieram a eliminar as características que em geral se apresentam para a fase arcaica do português.

Podemos destacar, na formação da língua portuguesa, os seguintes períodos ou fases, identificadas a partir da implantação do latim vulgar na Península Ibérica segundo Celso Cunha (2002, p. 26).

- **Fase do latim vulgar lusitânico**, variedade regional do latim vulgar hispânico, falado na Lusitânia e na Galiza, do século III a.C. ao século V d.C. Apesar de essencialmente oral, o latim vulgar ficou documentado nas obras de escritores latinos que usaram uma variedade lingüística próxima à falada, ou porque não tinham cultura literária, ou porque queriam comunica-se com as camadas mais humildes da população; em inscrições gravadas em muros e paredes por artífices que não dominavam o latim escrito; nas obras de gramáticos que, apontando erros, registravam as formas consideradas incorretas, das quais derivam o vocabulário português de uso comum. Outra fonte de reconstituição do latim vulgar é o estudo comparativo das línguas românicas.
- **Fase do romance lusitânico**, falado na Lusitânia e na Galiza, do século V ao século VIII. Variedade lingüística entre o latim vulgar e o português, não deixou documentos escritos.
- **Fase do galego-português**, falado do século IX ao final do século XII. Ficou indiretamente documentado em textos escritos em latim bárbaro, que misturava palavras da língua falada, viva, a fórmulas latinas estereotipadas. Era falado também na Galiza.
- **Fase do português arcaico**, do século XIII ao século XVI. Com a conquista do Algarves entra em contato com os falares do sul e se separa em duas: o galego, que continuou sendo falado na Galiza, e o português arcaico. Tornando língua oficial em fins do século XIII, começa a aparecer em documentos escritos, estando bem caracterizado na poesia trovadoresca, nas obras de Fernão Lopes (crônicas), Gil Vicente (teatro), Bernadim Ribeiro (novela e poesia) e Cristóvão Falcão (poesia).
- **Fase do português moderno**, do século XVI aos dias atuais. Costuma-se tomar como marco inicial dessa fase *Os Lusíadas*, de Camões e também o aparecimento das primeiras gramáticas do português. Conscientes da origem latina da língua portuguesa e desejosos de equipará-la em brilho à língua-mãe, tomada como modelo, os escritores renascentistas passaram a buscar no latim

escrito termos que dessem às suas obras um sabor clássico. Chegaram a corrigir formas correntes e populares, reconduzindo-as a seu aspecto latino original.

Dessa forma, a língua se sistematiza, ganha registro próprio tendo como *corpus* a literatura sistematizada por Camões.

Segundo Pinto (1988), na área das Humanidades houve uma inovação fundamental: a adoção do ensino do Português no Colégio dos Nobres. Era a valorização dos estudos vernáculos, na seqüência do exemplo francês de *Port Royal*. Decorrência natural dessa realidade foi o crescente interesse pelas questões de língua, com a publicação de vários e, para a época, importantes trabalhos, principalmente no campo da lexicografia, como os dicionários de Cândido de Figueiredo, Caldas Aulete, Laudelino Freire, Antenor Nascentes e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Segundo Krieger *et al.* (2006, p. 175.)

Uma lexicografia autônoma é fato apenas do século XX. A importância desse período para a história da lexicografia do Brasil, bem como do papel do dicionário de língua na configuração da identidade lingüística de uma nação justificam o objetivo de traçar o panorama inaugural da produção dicionarística do século XX.

De acordo com Pinto (1988), o vocabulário da língua literária do Brasil começou por ampliar o legado português, pela anexação dos designativos das coisas e da gente brasileira, sua experiência de vida e sua vida emocional. Em contrapartida, sofreu a supressão de um contingente de palavras especificamente ligadas à cultura portuguesa. Evidentemente, o processo de depuração, para fins de ajustamento, foi obra de séculos. Hábitos tradicionais, herdados dos portugueses, de verbalismo barroco, por exemplo, preponderaram até o século XX, quando entraram a ser combatidos frontalmente, embora há muito já viessem sendo contrabalançados pela tendência realística de configurar o presente. Gregório de Matos, no século XVII, Silva Alvarenga e Caldas Barbosa, no século XVIII, Macedo, Taunay, Bernardo Guimarães, no século XIX, constituem, a par de muitos outros, uma cadeia de agentes do processo de incorporação de designativos ligados ao meio físico e à cultura do Brasil.

É de notar, contudo que nem todos os novos vocábulos veiculados pelos escritores passaram para o léxico da língua. Entre as palavras transitórias,

destacam-se, em especial, as que refletem a moda literária do momento. Caso dos indigenismos de Gonçalves Dias e Alencar, assim como as formações devidas a escritores de alto potencial criativo, como Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Guimarães Rosa. Importa, no entanto, assinalar que sua presença constitui marca tipificadora de época, na história da língua literária.

Assim, na investigação das características da língua literária do século XX, por circunstâncias históricas especialmente aberta a inovações, graças ao espírito de libertação que se apossa dos escritores, o neologismo assume especial relevância. Evidentemente, há que distinguir, mesmo na obra dos escritores mais inclinados à inovação lexical de ordem estilística, a presença de neologismos culturais, de que eles são apenas portadores, refletindo uma incorporação que já se processou na língua.

Podemos dizer que a partir de Camões a língua ganha nova performance, e se estabiliza, se modifica e vai percorrendo fronteiras, pois é na literatura que se fixa, ou supõe fixar, a formação de uma língua, pois são textos de uma cultura viva. E na obra lexicográfica a língua é normatizada, validada, deixando de ser neologia e se eternizam. Dessa forma, é na evolução da língua que está a história da arte literária e os dicionários de língua vão à essa arte literária buscar exemplos de uso para compor sua fonte de pesquisa. Comenta Krieger que ao longo da história do Brasil, ele jamais contou com uma política lingüística que levasse à valorização de alguma obra lexicográfica a despeito do projeto da academia. Porém, os primeiros dicionários, que por diferentes razões e interesses, passam a contemplar a realidade lingüística do Brasil, desempenhando também um papel de fixar a unidade e a pluralidade do português falado em todo território brasileiro.

CAPÍTULO 2

2 LEXICOLOGIA/LEXICOGRAFIA: do léxico de uma língua em geral ao dicionário de língua portuguesa em particular

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade, 1973.

2.1 O léxico e a obra lexicográfica

Ao propor uma discussão acerca do dicionário de língua é pertinente compreendermos que o dicionário de língua é o depositário do léxico, ou seja, armazena e compila palavras e acepções deixadas por uma comunidade lingüística num tempo e espaço definidos e dessa forma vão sendo registradas no dicionário. Sendo assim a preocupação da lexicografia em estudar essas obras e como são elaboradas requer uma discussão mais abrangente sobre o léxico e a ciência que se encarrega de discutir como esse léxico é formado: a *lexicologia*

No entanto, não podemos ver o dicionário só como “armazenador” desse léxico, é preciso reconhecer o seu papel enquanto texto; uma vez que o que faz um dicionário é o uso. Assim léxico pode ser compreendido como a estrutura gráfica de cada vocábulo. Ao passo que o dicionário além de registrar a forma lexical também registra o campo lexical onde foi usada cada palavra. Dubois *et al.* (2002, p. 364), definem o léxico como: “termo lingüístico tão geral, a palavra léxico designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc...”

Destacamos nesse capítulo o estudo da lexicografia, lexicologia, a sistematização do dicionário de língua, a apresentação das duas obras que

analisamos: *Houaiss* e *Aurélio*, para um melhor compreender acerca do dicionário, sua forma, seu feitio. Discutiremos também sobre o papel da lexicologia e lexicografia para a formação do dicionário de língua, assim como a formação do gênero textual dos dicionários de língua. Como a literatura está presente em sua construção e a representatividade desse discurso dentro da obra lexicográfica.

2.1.1 Lexicologia

É preciso que haja uma interação entre lexicologia e lexicografia, pois se o léxico é o registro das palavras, o dicionário é o próprio registro do registrado. É de se discutir que muitas palavras serão excluídas no rol do dicionário, pois é impossível conseguir registrar tudo que se fala, uma vez que cada povo, cada sociedade, cada espaço comunga de formas diferentes de usar a língua. Portanto, o dicionário de língua é incompleto, uma obra inacabada e por sua vez estabelecendo critérios de inclusão e exclusão de palavras, é um discurso carregado de ideologias.

Segundo Isquierdo e Krieger (2004, p. 11),

a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela, o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura.

Assim, é interessante discutir uma obra que tenta resgatar essa cultura, esse valor que a história do uso da palavra tem no decorrer de sua evolução. Para Isquierdo e Krieger (2004, p. 11), “O léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão porque estudar o léxico implica também resgatar a cultura.”

O que se nota na afirmação de Negri é a importância discursiva que é registrada através do léxico e é lícito perguntar como isso foi exposto e como essas palavras vão sendo guardadas para futuras gerações? De que forma será utilizada. Pensemos então que a lexicografia responsabiliza-se por esse estudo; de como preservar a historicidade de cada palavra. Pois bem, o lexicógrafo não consegue

resgatar toda essa manifestação da língua culturalmente, segundo Carvalho (1989, p. 170), “como a língua não é um érgon, um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente, porém se fundamenta em modelos anteriores.” Dessa forma os lexicógrafos utilizam da lexicologia para compreender melhor cada palavra. Dubois *et al* (2002, p. 372) define a lexicologia como: “O estudo científico do vocabulário.” O que é importante para se construir um livro de palavras como o dicionário de língua. Barbosa (s/d, p. 3) a define como: “estudo científico do léxico”, portanto acrescenta algumas tarefas como:

Definir conjuntos e subconjuntos lexicais – universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo-; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias, examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma ‘realidade’ infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do “real” operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes: polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hipernímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a ajuda de certos métodos, como a análise distribucional e a análise sêmica, examinar a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência e trazer novas respostas a essa problemática; estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema lingüístico; procurar circunscrever a aptidão das palavras, para se interligarem, nos planos morfossintático, sintático e semântico, nos eixos paradigmático e sintagmático; estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário, analisar o léxico efetivo – ativo e passivo – e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica; procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais – neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética -, as relações da neologia com o contexto da enunciação, os mecanismos de auto-alimentação e auto-regulagem do léxico; formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observadas as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível reneologização.

Ao construir uma obra lexicográfica como o dicionário de língua, o lexicógrafo deve ser conhecedor da lexicologia e de como fazer um dicionário orientado pela lexicografia, e retratar no dicionário todas as tarefas abordadas por Barbosa, assim é

incontável o desgaste físico e psicológico que se passa um artista construtor de uma obra tão importante como o dicionário de língua.

Segundo Isquierdo e Krieger (2004, p. 12), sobre a complexidade de estudar a noção de palavra salientam a necessidade de teorias e obras que discutam e elucidam a clarear o conceito de palavra. O que se nota na problemática da construção do dicionário de língua. Para elas, a lexicologia é “disciplina voltada especificamente aos estudos do léxico de forma ampla e sob diferentes perspectivas teóricas”. Comentam também que a lexicologia é de fundamental importância para a criação de um dicionário, embora muitos pesquisadores não incluam a lexicologia em si, fazem-no sob denominações parciais da morfologia lexical, semântica lexical.

Entender qual o papel da lexicologia para a construção de uma obra que registra o léxico, embora não completo, é sem dúvida compreender como ele funciona. Biderman (apud ALVES, 2004 p.86)

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extra-lingüístico,

É preciso fazer uma intersecção entre língua, linguagem, lexicologia e lexicografia para um melhor esclarecimento do estudo do léxico. Abordar a lexicologia como apenas estudo estrutural, interno, formal e semântico das palavras é sem dúvida empobrecer demais a cultura de uma comunidade lingüística. Portanto, entender a lexicologia como o estudo integrado do léxico é valorizar a dinamicidade da língua.

2.1.2 Lexicografia

Na ânsia de conhecer como os dicionários de língua são feitos e estruturados, propomos um estudo sobre a lexicografia. Para Isquierdo e Krieger (2004, p.12) a lexicografia é: “a ciência que estuda a problemática dos dicionários e

se ocupa das técnicas do labor dicionarístico para construir obras de referência lingüística”.

Para Lorente (apud ISQUIERDO e KRIEGER, 2004, p. 21)

Na tradição mais antiga, a lexicografia se ocupou de elucidar o significado das palavras, os tratados da ortografia mostravam como escrevê-las corretamente, e os glossários literários e científicos nos revelavam que o inventário léxico é infinito. Daí a importância de uma crítica ao estudo de como é montado um dicionário de língua, sua relação à bibliografia e o contexto de uso e a época de confecção do mesmo.

E acrescenta Lorente (apud ISQUIERDO e KRIEGER, 2004, p. 21) que “também ao longo da história da lingüística moderna, podemos observar mostras palpáveis do interesse que as palavras suscitam ao tentar descrevê-las, representá-las ou classificá-las.” O dicionário faz isso. Daí a importância do estudo da lexicografia para a construção de um dicionário que valorize o inventário léxico de uma comunidade.

Dessa forma, o léxico, componente dessa estrutura lingüística, designa o conjunto de unidades, aqui entendidas como fatores sociais, históricos e evolutivos da linguagem, o que se entende no feitio dos dicionários, o qual, por sua vez, tenta abranger todo o léxico. Contudo, léxico não é sinônimo de lexicografia. Para Dubois *et al* (2001, p. 367) lexicografia é:

[...] a técnica de confecção dos dicionários e a análise lingüística dessa técnica. O termo é ambíguo, como lexicógrafo, que pode designar ao mesmo tempo o lingüista que estuda a lexicografia e o redator de um dicionário. Distinguem-se, assim, a ciência da lexicografia e a prática lexicográfica e, do mesmo modo o lingüista lexicógrafo e o autor de dicionário.

Lexicografia é ao mesmo tempo uma técnica de fazer dicionário e o estudo das obras. Enquanto atividade, a lexicografia, constrói um discurso sobre a língua a partir dos diferentes discursos que a manifestam. Se o léxico de uma língua carrega os valores dos povos que a usam, o dicionário busca representar a visão de mundo lingüisticamente construído. Enquanto estudo dos dicionários a lexicografia analisa seu fazer, modelos teóricos, metodológicos e as formações discursivas neles presentes.

A construção de uma obra lexicográfica requer a procura incontável de

palavras, e essas familiarizadas em discursos próprios, ou seja, em determinados contextos, metaforizados e que genericamente adquirem discurso próprio na obra lexicográfica.

É fato que para definir um Estado, é preciso fixar uma língua como norma para as atividades lingüísticas, assim é de fundamental importância a lexicografia. É interessante perceber que a língua, como instituição, se caracteriza pela interatividade que fazemos dela. A obra lexicográfica trata de buscar essa interatividade e colocá-la no dicionário. Porém, não podemos atribuir o certo ou errado nessa ou naquela acepção, os filólogos de Port-Royal (apud MESCHONNIC, 1991, p. 34) dizem:

[...] como os homens apenas são mestres de sua linguagem e não da dos outros, cada um tem o direito de fazer um dicionário para si, mas não temos o direito de fazer um para os outros, nem de explicar suas falas pelas significações particulares que teremos relacionadas às palavras.

Percebe-se que a lexicografia é uma metalinguagem e essa deve centrar não em conceitos particulares, mas de uma coletividade, por conseguinte, a sua função normativa, pois é através do registro coletivo que a palavra ganha sua significação na obra lexicográfica. Assim todo vocábulo ao ser registrado no dicionário deixa de ser neologia.

A Lexicografia, segundo Barbosa (1990), tem a função de definir, preenchendo, pois, uma função de decodificação, observando a melhor forma de estabelecer relações equivalentes entre a etimologia da palavra e seu vocabulário definido. Todo léxico tem história e a obra lexicográfica recupera, compila e armazena essas unidades lexicais, com vistas a resgatar os seus significados, explicitando-os com uma metalinguagem definitória.

Nota-se que a palavra é o centro do estudo da lexicografia e que o léxico é um inventário, teoricamente finito, mas dificilmente mensurável, de todas as palavras realizadas e potenciais de uma língua. O que torna imprescindível o papel da lexicografia para que esse léxico seja na sua maior parte contemplado no dicionário, o que se reitera não ser uma tarefa fácil.

Contudo, a lexicografia precisa fazer uma análise crítica das acepções que se dão às palavras no dicionário, pois, aí entra muitas vezes suas próprias significações, “o sujeito que fala”, o discurso:

A lexicografia nasceu como uma necessidade social e informativa muito tempo antes de que a lingüística se constituísse como ciência. Suas tradições de método forjaram-se na relação entre o lexicógrafo e o seu público, e inclusive seria possível sustentar que a própria idéia de língua, que depois daria a origem à lingüística, se criou com ajuda dessa lexicografia.

[...]

A lexicografia nasceu como uma tradição textual e não como produto de uma organização intelectual prévia de matéria dos dicionários [...] Em suas origens, pelo contrário, os métodos foram sendo forjados conforme a necessidade de transmitir aos leitores dos dicionários uma informação pertinente a vários interesses: [...]esquemática e rudimentar. (LARA, 2004, p. 142, 148).

Assim, observa-se o estudo centrado no ato de produzir a fala, os textos. O que se propõe discutir no terceiro capítulo e nas considerações finais é a necessidade de uma crítica aos dicionários, pois a transmissão particular do sujeito em relação à obra lexicográfica é pertinente e precisa de questionamentos.

A lexicografia não estuda um objeto, mas oferece os métodos e os procedimentos para criá-los. Esses métodos e esses procedimentos não são estranhos, pois, afinal, são produtos controlados da razão, e de uma razão técnica, que hoje se ensina nas universidades e nas editoras que se sentem responsáveis pela qualidade dos dicionários (LARA, 2004, p. 149).

Pode-se entender então, que a lexicografia estabelece métodos para a criação de uma obra lexicográfica, porém não determina o texto final da obra, o que sugere a arte do dicionário. Segundo Lara (2004, p. 152).

[...] não há arte na composição da nomenclatura, na decisão sobre o tipo de entradas em que se ordenarão os vocábulos no dicionário [...] Contudo existe arte na sutil análise semântica e na reconstrução do significado no texto do artigo; no discurso da definição e sua relação orgânica com os exemplos.

O que é relevante nessa arte é que a obra lexicográfica perpassa fronteiras, pois a língua é única, e cada povo incorpora à sua cultura, sua história, uma vez que ela não é estática. Todo povo tem a sua própria língua e essa, com todos os seus fatores de evolução e dinamicidade; e é pensando nessa grandeza de um idioma, que se estruturam as obras lexicográficas.

2.1.3 Estrutura da obra lexicográfica

Analisar um dicionário de língua é preciso que se estude como ele é estruturado. Toda obra se fundamenta em idéias para sua estruturação. No caso dos dicionários de língua eles são sistematizados pela lexicografia (disciplina que explica o feitiço dicionário e sua crítica). Segundo Isquierdo e Krieger (2004, p.12) comentam que

Assim, o percurso histórico das disciplinas relacionadas às ciências da linguagem demonstra que o estudo das palavras tem percorrido caminhos diversos sendo o objetivo de estudo de disciplinas distintas, nem sempre diretamente relacionadas à Lexicologia, disciplina voltada especificamente aos estudos do léxico de forma ampla e sob diferentes perspectivas teóricas; à Lexicografia que estuda a problemática dos dicionários de e se ocupa das técnicas do labor dicionarístico para construir obras de referência lingüística; e à Terminologia que orienta nos fundamentos para o estudo teórico e aplicado do termo, a palavra especializada, voltando-se então, para o estudo científico da unidade lexical em diferentes contextos de uso profissional.

Segundo Isquierdo e Krieger, o estudo da língua não é uma tarefa fácil, é preciso que os estudiosos e construtores de dicionários conheçam tanto a lexicografia, como a lexicologia e a terminologia para trabalhar com a palavra, pois estudar o léxico é sem dúvida ver as palavras em diferentes correntes teóricas. Para Biderman (2004) uma palavra não entra aleatoriamente no dicionário, primeiro ela deve ser usada num determinado lugar inúmeras vezes por uma comunidade lingüística em vários tipos de textos. Assim percebemos que os dicionários de língua não se estruturam do nada. Têm uma teoria.

Os dicionários de língua são estruturados a partir dos conceitos da lexicografia. Os elementos dessa composição são a macroestrutura, microestrutura e o processo de remissivas. Segundo Barbosa (1990, p.229),

No âmbito das investigações da lexicologia aplicada e da lexicografia, são três os componentes estruturais básicos da obra lexicográfica: a microestrutura, a macroestrutura e o sistema de remissivas. Convém observar, logo de início, que a constituição semântico-sintática de tais componentes é variável em função da natureza e da tipologia das obras a

que se integram. Certamente, questões relativas à tipologia de dicionários, vocabulários e glossários, à tipologia de organização de sua macroestrutura – apresentação vertical ou conjunto de entradas –, à tipologia de organização de sua microestrutura – apresentação horizontal ou conjunto dos paradigmas informacionais de cada entrada –, os sistemas de remissivas, à caracterização do estatuto sociosemiótico das obras lexicográficas consubstanciam-se como aspectos relevantes as reflexões e dos modelos elaborados pela lexicografia, enquanto ciência aplicada.

A macroestrutura sendo a organização das palavras em seqüência alfabética vão sendo articuladas e dando forma ao dicionário de língua. Chamamos de entrada as palavras que vão sendo colocadas em ordem. No primeiro contato do consulente com o dicionário de língua faz-se a leitura da macroestrutura que é a procura do verbete. A leitura é feita verticalmente. A microestrutura é a definição do verbete com seus paradigmas informacionais sobre a palavra. É a segunda leitura. No dicionário de língua essa parte é mais detalhada, pois é mais completo que os glossários e vocabulários. As definições variam de dicionário para dicionário. O *Houaiss* é mais informacional que o *Aurélio*, porém, é mais técnico. Ao passo que o dicionário *Aurélio* é mais dinâmico. As informações são mais claras e com exemplos de uso e da literatura. O processo de remissivas é a reconstrução, sintagmatização do discurso. Ao procurar uma palavra na macroestrutura; o discurso te joga para outra palavra. As informações acerca da palavra são registradas na microestrutura o que dialoga com o usuário para dar-lhe todas as informações de que ele precisa.

Barbosa (id: 229) comenta que “existe uma microestrutura básica, essencial, definida, que segue à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informação aplicáveis a qualquer entrada.” Ao conjunto – entrada + enunciado lexicográfico denominamos – artigo - ou verbete. Desse modo, o artigo mínimo - tem dois constituintes: entrada e definição = Artigo = (+ entrada + enunciado lexicográfico + definição.) – microestrutura mínima.”

Vejamos o verbete amargo em *Houaiss*: amargo - *adj.* 1- sabor áspero, *freq.* Desagradável, como o do fel de certos animais ou de quinino etc. 2- não doce; sem doce. Percebe-se a microestrutura mínima. A mesma palavra em *Aurélio* só para comparar como é articulado o discurso. Amargo – *Do lat. Amaricu, de amaru, amargo. Adj.* 1- que tem sabor adstringente, penetrante, desagradável. 2 - Diz-se do sabor com essas características. Nota-se como a microestrutura é feita nos discursos dos dois dicionários. Essa organização é feita a partir da pesquisa de cada autor e as várias definições são colocadas dependendo da obra. Não significa se um

dicionário tem aquela definição o outro terá. Nem mesmo as entradas. O que varia de obra para obra. A esse respeito Barbosa (1990. p. 229) diz:

É preciso ressaltar, no entanto, que a definição, como também todos os paradigmas compreendidos pelo enunciado lexicográfico e, ainda, a própria metodologia que autoriza a sua construção organizam-se em função da natureza da obra lexicográfica em que comparecem. Há, por conseguinte, uma correlação entre tipologia de dicionário e tipologia de definições, instituindo-se uma relação de dependência entre a natureza da obra lexicográfica e a natureza do enunciado lexicográfico.

Para BARBOSA (1990, p. 229), os dicionários podem ir além da microestrutura mínima: “o artigo de dicionário pode conter: *entrada + informação (etimologia / ortografia / fonética / gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação da entrada em contexto).*” Cada lexicógrafo pode dar à entrada os paradigmas que quiserem, desde que sejam confirmados pela utilização da palavra em vários gêneros textuais. Os paradigmas que ora comentamos se referem às abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, conjugação no caso dos verbos, pronúncia, homônimos, campos léxico-semânticos, etc. Podemos destacar também as lexias que fazem parte de uma macroestrutura e não como uma outra entrada. Ex.: No verbete “amigo” aparecem as definições e logo abaixo encontra-se uma lexia. “Amigo do peito”. Esse “amigo do peito” faz parte do verbete “amigo”, portanto não estabelece sozinho uma noção de entrada. Outros paradigmas podem ser acrescentados aos já citados, enriquecendo a microestrutura como os índices de frequência; nível de rapidez de difusão de uma palavra; emprego preferencial por um autor; relações de significação como sinonímia, antonímia, homonímia, analogias; ilustrações como sugere Barbosa.

A macroestrutura ou nomenclatura da obra lexicográfica constitui-se pelo conjunto das entradas como já comentamos e são distribuídas por distintos critérios. Ou seja, a exclusão ou não de um termo na entrada no dicionário. Para Barbosa esses termos para fazer parte do discurso lexicográfico deve ser uma palavra, a escolha do lexicógrafo, a qual ganhará diferenciação de um dicionário para outro.

O processo de remissivas configura como a rede de relações que se estabelece entre os lexemas, entre vocábulos de acordo com a subordinação das idéias e a facilidade para o usuário ao procurar a palavra. Esse processo de remissivas não significa que as palavras são da mesma família etimológica, mas do

mesmo campo semântico. Essa rede de relações orienta os percursos possíveis de leitura e recuperação da informação. O processo de remissivas também varia de uma obra para outra. Não há uma definição clara para o uso dessas ou daquelas palavras como remissivas. Cabe ao lexicógrafo defini-la e fazer a forma que propõe o discurso de sua obra. Segundo Barbosa (1990, p.231),

É imprescindível notar, preliminarmente, que, em qualquer das fases metodológicas de elaboração da macroestrutura, da microestrutura e dos processos de remissivas de uma obra lexicográfica, a aplicação das relações de significação é fundamental.

Perceber como as obras lexicográficas são estruturadas requer um estudo minucioso de cada entrada e suas definições, porém nosso objetivo aqui foi apenas mostrar como elas são feitas. “É notória a carência de obras lexicográficas, elaboradas de acordo com uma metodologia científica atual e comparativas as necessidades da sociedade contemporânea” (BARBOSA, 1990, p. 231) . Até porque os lexicógrafos utilizam meios de construção a sua revelia.

2.2 Dicionário de língua

Como esta pesquisa visa analisar dicionário de língua, atribuiu-se a ele um celeiro de idioma; é impossível estudar um idioma sem levar em conta o dicionário de língua, uma vez que as pesquisas feitas até aqui mostram a sua riqueza. Biderman (1998, p. 5) assim define um dicionário:

Um dicionário é um depósito da riqueza vocabular de uma língua. Ele contém muita informação sobre o conhecimento que se tem do mundo através das palavras que são, de fato, etiquetas que registram esse conhecimento.

Biderman nos lembra que o dicionário além de depositário do universo lexical de uma língua é receptáculo da visão de mundo e de conjunto de conhecimento de uma comunidade lingüística. Não estamos falando das entradas, mas das significações e exemplos pragmáticos selecionados pelo lexicógrafo. O dicionário de língua, por ser uma memória lingüística de uma sociedade, contribui para a

perpetuação dessa língua. Por conseguinte, podemos observar que o dicionário convalida e promove o uso da língua feita pelo usuário. Embora seja culto admite e registra dialetos e gírias.

[...] As palavras arroladas no dicionário dão testemunho de uma cultura; no nosso caso da língua portuguesa, o nosso vocabulário registra não só os símbolos da nossa cultura brasileira, mas também de muitas outras culturas, de que somos herdeiros: a lusitana, a grego-latina, as culturas indígenas, as culturas africanas, que os negros vindos da África nos legaram, e tantas outras mais que recebemos pelos mais variados caminhos (BIDERMAN, 1998, p. 5).

O léxico de uma língua é então o retrato histórico e social de uma cultura e suas influências na própria cultura. Segundo Ferreira (s/d), “O dicionário de língua, além de ser o depositário do léxico de uma língua, é veículo de uma visão de mundo lingüisticamente construída”, o que renova o conceito de dinamicidade da língua; nenhuma palavra perde seu discurso no decurso do dicionário, mas caminha com ele, dinamizando a língua e ganha novo discurso, ou seja, um segundo nascimento.

Oda al Dicciónario”

Dicciónario, no eres
Tumbra, sepulero, féretro
Túmulo, mausoles,
Sino preservacions,
Fuego escondido
Plantación de rubiés,
Perpetuidad viviente
De la esencia
Granero del idioma. (PABLO NERUDA, apud. HOUAISS, 2001)

Se o léxico é o veículo de visão lingüisticamente construída pelo povo, podemos perceber que a criação do dicionário não é comum como outras obras; ele é, sem dúvida, uma obra de arte, pois a composição dele requer um momento poético, que visa estabelecer com cada letra o trabalho metafórico de construção de cada acepção. Segundo Lara (2004, p. 149) “o fenômeno dicionário é o resultado de pôr em prática os métodos pelos seres humanos que interpretam, tanto seus métodos, como os vocábulos que tratam” o que vem provar que o dicionário acompanha a evolução da língua. Tanto que Voltaire (apud MESCHONNIC, 1991) afirma que o dicionário sem citações é um esqueleto onde se manifesta o

interdiscurso, sendo um discurso de outros discursos. Charles Nodier (apud MESCHONNIC, 1991, p. 40, tradução nossa)¹¹ diz “que o alfabeto, a gramática e o dicionário são a expressão completa do mundo social”. Segundo Barbosa (1996, p. 27) é “Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações lingüísticas sobre cada uma dessas unidades”. Assim o conceito de dicionário é visto por Barbosa como informante atual de cada palavra sendo ele a representação lexical de um idioma. Dessa forma salienta que o universo léxico “contém, ainda, as virtualidades, as lexias suscetíveis de serem criadas”. (1990, p. 233). O dicionário de língua para Barbosa (1990, p. 235) é então, “constituído de lexemas e estes, de todas as acepções que integram o seu plano de conteúdo”.

Nessa oda ao dicionário Pablo Neruda menciona a riqueza que guarda um dicionário, nela o autor retrata a funcionalidade do dicionário, seu valor enquanto obra e demonstra a perpetuidade da língua, palavras, no rol do dicionário que é ideal para demonstrar o quanto o dicionário é rico e perpassa fronteiras permitindo às palavras continuarem vivas. Não é um objeto morto, mas um celeiro do idioma. O dicionário não deve ser visto como simples livro de consulta pelo consulente, mas uma fonte de pesquisa, um retrato de um momento histórico da língua, no uso e em harmonia com o falante, daí a importância de novas edições, pois segundo Biderman (1998, p. 5):

Vivendo num mundo em que os meios de comunicação de massa estão nos transmitindo vocábulos de centenas de outras culturas, estamos enriquecendo o nosso universo cultural; conseqüentemente esses bens culturais de outros povos e nações passam a fazer parte do nosso mundo, sendo registrados no nosso vocábulo através de novas palavras.

E o dicionário como depositário desse léxico, valorizando a cultura e o uso que se faz de cada vocábulo, dá o direito à palavra viver eternamente. Horácio (s/d, p. 7) “Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala”, o que reforça Dubois *et. al* (2001, p. 188), “os dicionários de Língua são dicionários monolíngües, que apresentam sob a forma alfabética o léxico de uma língua; têm por intenção comum a investigação de um uso.”

¹¹ Que l’alphabet, la Grammaire et lê Dictionnaire sont l’expression complète du monde social.

Desse modo, Alain Rey (apud MESCHONNIC, 1991 p. 311, tradução nossa)¹² diz:

As palavras carregam tanta coisa com elas, tantas impressões vivas do espírito que as jogou como uma moeda em circulação, tantos rastros de história, tantas lembranças que nos deleitamos sem pena em vê-los desfilar no glossário, que as contém.

O dicionário de língua é a metáfora que traz escondida sua significação para seus consulentes e se torna uma moeda de circulação entre os estudantes e pesquisadores da língua, um registro formal de como as palavras vão sendo registradas no decorrer de uma época pelo povo e na comunidade escrevente desse léxico, suas mudanças e suas histórias que vão sendo guardadas, compiladas no dicionário de língua.

2.2.1- Dicionário: gênero literário

Diante da discussão que se faz sobre o dicionário de língua é necessário uma abordagem acerca do seu gênero textual. Ao se deparar com pinturas, palavras escritas em portadores de textos reconhecidos, parte-se do pressuposto de que quem as produziu pretende que elas sejam um texto, isto é, tenham unidade de sentido e certa função comunicativa. Indiferente disso também o dicionário postula uma unidade de sentido. A organização dicionarística é diferente de outros textos, porém há um sujeito que fala no dicionário, que argumenta e transmite através do discurso uma ideologia.

O texto dicionário não é narrativo se pensarmos nos elementos da narrativa, mas é nítida a relação textual do dicionário com o discurso narrativo. Os enunciados não apresentam pessoas, fatos, clímax, enredo. No entanto, há em sua confecção e em suas acepções um sujeito que fala. Se há um sujeito que fala supõe uma interlocução. E essa interlocução está estreitamente relacionada com os discursos que vão sendo construídos a partir do momento em que o consulente é levado a ter

¹² « Lês mots portent tant de choses avec eux, tant de vives empreintes de l'esprit qui les jeta comme une monnaie dans la circulation, tant de marques des temps et des lieux, tant de traces d'histoire, tant de ressouvenirs... qu'on se complaît sans peine à les voir défiler dans le glossaire qui les contient ».

ações ao consultar um dicionário. Ele precisa primeiro ler o dicionário verticalmente, depois horizontalmente e muitas vezes é jogado de um extremo ao outro pelo processo de remissivas.

O gênero textual é importante, pois a natureza do meio de comunicação condiciona a estrutura da mensagem, seu sentido e a percepção do receptor, no caso do dicionário de língua, o consulente. Uma notícia veiculada pela televisão produz efeitos diferentes da mesma notícia veiculada pelo rádio. O que reflete a importância do gênero e o portador. O dicionário de língua também deve ser visto dessa forma. Cada escritor postula nas acepções registradas para uma palavra no dicionário um efeito diferente daquela usada nesse ou naquele texto. Há uma diferenciação entre ler a palavra na macroestrutura e a possível interpretação que se dá a ela.

Dessa forma o uso da linguagem é regulado socialmente: não podemos dizer nem entender o que queremos, de qualquer maneira, em qualquer situação. Segundo Sousa e Souto (2002, p. 1),

os portadores e as convenções textuais participam dos nossos julgamentos acerca da adequação dos textos. Estamos tão acostumados a falar e ouvir, escrever e ler, observando as “regras de etiqueta” que regulam a produção de textos que nem percebemos o quanto elas interferem em nossos julgamentos acerca de sua carência e aceitabilidade”.

Pode-se discutir a função da linguagem atribuída ao dicionário de língua: a metalingüística, que manipula conscientemente o sistema de signos, tendo em vista fazer o leitor, voltar-se para o funcionamento do próprio código. O que é interessante é que assim como o dicionário, os textos literários também requerem do leitor essa volta para o funcionamento do próprio código. Segundo Meschonnic (1991, p. 30, tradução nossa)¹³. “A explicação do jogo de palavras consiste necessariamente na enumeração dos sentidos sucessivos que o jogo dizia de uma vez só, e essa enumeração se parece com o artigo do dicionário.”

Nota-se a preocupação do artigo lexicográfico em se manifestar a metalinguagem, a polissemia existentes, numa função não referencial, mas artística, transformando numa metáfora carregada de significações. O interessante é que o artigo lexicográfico registra o possível estilo da palavra, seria uma forma de se

¹³ L'explication du jeu de mots consiste nécessairement dans l'énumération des sens successifs que le jeu disait d'un coup, et cette énumération ressemble à l'article de dictionnaire.

aproximar da metalinguagem, ou seja, o consulente encontra no artigo lexicográfico a interpretação da palavra usada no *corpus*. Meschonnic (1991, p. 30, tradução nossa)¹⁴:

O dicionário se encontra assim envolvido de uma maneira nova os jogos de palavras que fazem o tom da época, particularmente na França. Onde o jogo de palavras, o trocadilho, a rima, na publicidade, atingem uma saturação desconhecida até então. A linguagem nunca esteve tão próxima da lexicomania.

Daí a necessidade de ler um dicionário e que cada vez mais o homem é impulsionado a usá-lo. É nele que se encontra esse jogo, essa metalinguagem, para esclarecer as facetas dos signos utilizados pelo homem na constituição de discursos.

O dicionário é cultural como já discutimos no primeiro capítulo e é impossível um escritor não usá-lo, segundo Barthes (apud MESCHONNIC, 1991) é uma *máquina de sonhar*, e acrescenta uma *armadilha poética*, senão um *delírio cultural*.

Essa interação entre obra e leitor fascina porque a construção da linguagem é pensada justamente para esse momento. Ao adentrar numa pesquisa de um livro de palavras o leitor se depara com sua própria história, sua maneira de ver e sentir a vida, pois é na palavra que os indivíduos recorrem, para explicar seus anseios e felicidades. É poético penetrar na significação que o dicionarista dá às palavras. Esse jogo entre o uso e o real de cada vocábulo é realmente artístico, belo, pois, em se tratando de língua, nada funciona de forma mecânica, mas poética. O simples fato de um mesmo vocábulo que parece apontar para o real de forma neutra, não é o real, mas uma representação do real a partir de um certo ponto de vista e com certas intenções. Assim quem fala ou escreve tem também algum nível de consciência do código, ou seja, no processo de produção e interpretação de textos interfere sempre um dicionário.

Há uma diferenciação entre ler um poema e ler um dicionário, porém a linguagem dicionarística é que faz o poema. A metalinguagem é usada pelo artista e o leitor usa também a metalinguagem para conhecer o poema. Segundo Sousa e Souto (2002, p. 02),

¹⁴ Le dictionnaire se trouve ainsi mêlé d'une manière neuve aux jeux de langage qui font le ton de l'époque, particulièrement en France. Où le jeu de mots, le calembour, la rime, dans la publicité, atteignent une saturation inconnue auparavant. Le langage n'a jamais été plus proche de la lexicomanie.

Um poema lírico, escrito em primeira pessoa, não expressa necessariamente os sentimentos da pessoa real que o produziu, mas deve ser lido a partir do pacto ficcional, estético e metalingüístico. Como ocorre em todos os textos literários, ele será em maior ou menor grau, um trabalho de (des)organização do código, sem o qual o texto não seria um poema, mas apenas confissão emocional.

Sendo assim, o gênero textual e a linguagem utilizada dependem da ótica de cada pessoa. Os verbetes de dicionário são construídos como definições de palavras, o que se assemelham à literatura. Buscam definir palavras de forma artística, verossímil com o real. Contudo, a literatura é vista como uma verossimilhança do real, porque transforma um simples vocábulo em seu mais alto valor significativo. No entanto, o dicionário de língua apesar de não ter explicitamente um enunciador, não postula nos gêneros textuais atuais como literários. Sendo que ele é o *corpus* da literatura e guardião das mais ricas metáforas usadas por literatos: a palavra. E, o que é interessante é a vasta relação do dicionário com as obras literárias. Nossa pesquisa mostra um *corpus* usado pelos dicionaristas recheado de obras literárias. O que denota uma relação de metalinguagem entre ambos. Matoré (apud MESCHONNIC, 1991, p 28, tradução nossa)¹⁵ diz: “os escritores contemporâneos apenas consideram os dicionários como obras de consulta” .

É vasta a discussão acerca do gênero e função do dicionário, mas como vimos o dicionário figura no gênero literário, embora alguns atribuem a ele apenas o valor didático. Segundo Meschonnic (1991, p. 27, tradução nossa)¹⁶, “Os dicionários podem não ser literários apenas pelas antologias de citações que contêm. Mas podem sê-lo também, pela própria escrita”. Dessa forma pode-se discutir a possibilidade de alguns dicionários de língua postularem esse gênero literário discutido por Meschonnic.

Ainda segundo Meschonnic (1991, p. 16, tradução nossa)¹⁷,

¹⁵ Les écrivains contemporains ne considèrent lês dictionnaires que comme des ouvrages de consultation.

¹⁶ Les dictionnaires peuvent ne pás être littéraires seulement par les anthologies de citations qu’ils contiennent. Ils peuvent l’être aussi par leur propre écriture.

¹⁷ Quant aux dictionnaires, ils se partagent entre observer et prescrire. Leus rôle social, leur fonction – pas seulement leus fonctionnement – en font un genre qui se différencie selon leur emploi, leur livrée. Dictionnaires [...] sont doc à merveille les lieux où lire entre les lignes, où reconnaître, plus facilement qu’ailleurs, les conflits, les masquages des conflits, les clichés qui font l’algum de famille d’une culture.

Quanto aos dicionários, eles se dividem entre observar e prescrever. Seus papéis, suas funções – não somente seus funcionamentos – fazem dele um **gênero** que os diferenciam segundo seus empregos, seus serviços. Dicionários [...] são, então, maravilhosamente, os lugares em que ler entre as linhas, em que reconhecer, mais facilmente que alhures, os conflitos, as máscaras dos conflitos, os clichês que fazem o álbum de família de uma cultura. (grifo do autor)

Assim, é preciso buscar na obra lexicográfica, os dicionários de língua, uma discussão acerca de sua composição, sua estrutura e sua função enunciativa dentro do gênero a que postula. Há uma dicotomia sobre o valor didático e literário do dicionário. Esse mesmo autor (p. 17, tradução nossa)¹⁸ lembra: “Há o clichê do dicionário de língua como obra didática. Já mostrarei que se trata de outra coisa”. Com o mesmo argumento Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)¹⁹, colocam: “O dicionário é também uma obra literária, da mesma maneira que outras obras didáticas são”. Assim percebe-se o gênero textual do dicionário, claro que o seu valor didático é notado, mas as obras literárias quando orientam comportamentos sociais vê aí sua função didática. O dicionário por ser visto como compilador de palavras, é usado somente no momento de dúvidas para esclarecimento desse ou daquele vocábulo, assim menosprezado como uma obra literária. Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)²⁰ argumentam que “O dicionário é também um texto, ou seja, um discurso finito, submetido à língua e à cultura”. Sendo um livro o autor coloca as discussões sobre seu gênero. O que nos faz refletir sua representação na literatura. E assim diz: “O dicionário como texto se aproxima da história dos gêneros literários” (1971, p. 8, tradução nossa)²¹. Dessa forma coloca em discussão até que ponto podemos considerar um dicionário um texto, uma obra e conseqüentemente uma obra literária como discutiram Meschonnic e Dubois.

A discussão acerca do seu gênero é colocada numa abordagem sobre seu texto que na verdade não sendo uma narrativa, é um texto, um discurso, assim divide a história dos gêneros literários. No entendimento de Dubois e Dubois (1971, p. 7, tradução nossa)²², “O lexicógrafo é, então, um redator no pleno sentido da

¹⁸ Il y a le cliché du dictionnaire de langue comme ouvrage *didactique*. Je montrerai qu’il s’agit d’autre chose.

¹⁹ Le dictionnaire est aussi une **œuvre littéraire**, au même titre que d’autres ouvrages didactiques (Grifo do autor).

²⁰ Le dictionnaire est aussi un **texte**, c’est-à-dire un discours fini, tenu sur la langue et la culture didactiques (Grifo do autor).

²¹ Le dictionnaire comme texte appartient à l’histoire des genres littéraires.

²² Le lexicographe est donc un rédacteur au sens plein du terme, un « écrivain », : astreint à des règles aussi rigoureuses que celles qui définissent tout autre genre littéraire.

palavra, um “escritor”, sujeito a regras tão rigorosas quanto as de qualquer gênero literário.” Nota-se o seu carácter literário como forma de expressão de uma cultura. Segundo Dubois e Dubois (1971, p. 8, tradução nossa)²³, “O dicionário é um objeto social, proveniente de uma necessidade histórica precisa. É um produto e um instrumento, o que não impede de no final das contas ser também uma obra”. E acrescenta: “Como texto, o dicionário aparenta a um gênero literário e sua redação se define como arte.” (p. 10, tradução nossa)²⁴. O que implica uma série de indagações acerca da construção do dicionário. Nossa pesquisa mostra uma relação bem próxima entre língua/literatura e a construção das acepções dos dicionários. Sem deixar de comentar o grande número de obras citadas na bibliografia de referência como *corpus* do acervo lexicográfico dos dicionários. Segundo Dubois e Dubois “Ele implica uma literatura”. Por conseguinte, o dicionário postula então, segundo esses teóricos, ao gênero literário.

Assim retoma a discussão da sua produção e sua beleza enquanto “Arte” a qual abordaremos ao falar sobre a construção dicionarística na literatura e a poética da procura incansável das palavras e suas acepções envolvidas na fala e escrita de um povo que tem história como já colocada por *Aurélio* parafraseando Carlos Drummond (1996, p. VIII):

Lutam com as palavras os escritores, os Drummonds, aceitando-lhes as definições correntes ou, no seu direito de artistas, modificando-lhes o sentido, ou criando novos, ou novas palavras; e lutam, igualmente, os dicionaristas, redefinindo-as, acrescentando-lhes significados, ou introduzindo-as no léxico, após enfrentar a tarefa, tantas vezes penosa, de captar-lhes a essência, desentranhar-lhes o sentido, infundir alma num corpo. Uns e outros se empenham na luta _e sempre com esperança de que não seja vã. Em nossos casos particulares _ o do Poeta e o deste aprendiz de lexicografia _ há uma diferença (deixem passar a confissão): a luta de Drummond principia “mal rompe a manhã”, a do aprendiz, ordinariamente, vai até de manhã.

O que é relevante perceber nessa relação entre língua e literatura é o fazer artístico das obras de arte, o trabalhar a palavra. Transformar aquilo que é em um contexto em outro de uma forma bela, como faz a arte literária e o dicionário de língua, que ora apresentamos como uma “máquina de sonhar”. É no dicionário de

²³ (Le dictionnaire) est un objet social, issu d’un besoin historique précis, C’est une marchandise et un instrument, ce qui ne l’empêche pas, brouillant les cartes, d’être aussi une œuvre.

²⁴ Comme texte, le dictionnaire appartient à un **genre littéraire** et sa rédaction se définit comme un *art*. (Grifo do autor)

língua que nossas raízes são formadas; é através dele que nosso mundo é conhecido; é nele que buscamos conhecer como construir um discurso metafórico; é nele que encontramos as mais ricas metáforas usadas por uma comunidade acepcionadas no seu discurso lexicográfico.

Seu valor pedagógico é incontestável, porém não se fica preso só nisso, é preciso compreender que o dicionário também prima por uma história, ao ser construído ele passa por diferentes moldes de escrita, seleção de vocábulos e escolha de fontes bibliográficas para formar seu discurso. Maingueneau (2001, p. 45) coloca a questão do texto literário e seu reconhecimento diante do público:

[...] primeiro, a necessidade de exprimir-se, em seguida, a concepção de um sentido, depois, a escolha de um suporte e de um gênero, vivido a seguir a redação, a busca de uma instância de difusão, a descoberta hipotética de um destinatário e por fim o eventual reconhecimento da legitimidade literária de seu autor.

Contudo, é necessário reescrever a história da língua, pensar sua função, seu discurso, sua história e assim passar pelo dicionário, pois eles mudam, não são apenas listas de palavras, mas a linguagem em movimento, questionando poeticamente que a linguagem “serve para viver” como lembra Meschonnic.

Ainda no debate sobre o gênero do dicionário, Meschonnic (1991) salienta: *a maioria não tem nenhum valor literário*. Se o autor coloca dessa forma é questionável uma lacuna para que existam dicionários que têm valor literário. Seria ousadia nossa afirmar valor literário aos dois (02) dicionários que pesquisamos – *Houaiss* e *Aurélio*, porém é desvalorizar demais sua possível qualificação desse gênero. No entanto, deve-se ressaltar com esses autores a necessidade de uma crítica dos dicionários, uma reflexão sobre seu fazer talvez como diz Alain Rey uma: *Metalexigrafia*

Ao pesquisar a teoria francesa na visão de Henri Meschonnic, Jean Dubois e Alain Rey sobre a poética dos dicionários percebemos a preocupação que devemos ter para com a lexicografia brasileira. A lexicografia tem um maior estudo na França o que justifica nossa pesquisa. Tanto Meschonnic quanto Dubois são questionadores dos dicionários franceses, por isso usamos para suscitar a nós pesquisadores de literatura essa teoria que coloca muitos pensativos sobre o gênero

a que pertence o dicionário; obra científica, pedagógica, mas com valor literário, em alguns casos.

Entretanto, Eagleton (2001, p. 14-15) pondera: “Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, [...] pode deixar de sê-lo”.

Ainda coloca:

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpreta-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. (2001, p. 15)

Percebe-se que o conceito literário é negociado a partir das diferenças teóricas e suas abordagens. Nenhum texto é um texto por acaso, mas seu gênero é questionável, pois depende da maneira como internalizamos o conceito de literatura.

Neste sentido Meschonnic (1991, p. 24, tradução nossa)²⁵ afirma:

Se há alguma loucura em fazer um dicionário, não se dá apenas em colecionar palavras, exemplos: ela passa pela transformação do discurso em lista; consiste também na arrumação, tão usual que não percebemos mais a estranheza disso, por ordem alfabética. A qual se acrescenta passageira ou crônica, escorregada muitas vezes irresistível, a de ler um dicionário. Restabelecendo um contínuo de sonho que associa entre elas todas estas palavras, estes nomes que não têm nenhuma relação, a não ser que rimam pelo início.

Esse mesmo autor (1991, p. 63, tradução nossa)²⁶ ainda afirma que: “Ver didatismo no dicionário supõe uma concepção de seu papel como de um modelo, o que generaliza abusivamente ao mesmo tempo uma noção particular e uma época do dicionário – clássica e neoclássica confundidas”.

Os dicionários de língua não têm a função de ensinar, mas de se comunicar, informar, para a partir daí provocar uma reflexão acerca do seu valor.

²⁵ S'il y a quelque folie à faire un dictionnaire, elle ne tient pas seulement à collectionner des mots, des exemples ; elle passe par la transformation du discours en liste : consiste aussi dans le rangement, si usuel qu'on n'en voit plus l'étrangeté, par ordre alphabétique. A quoi s'ajoute, passagère ou chronique, dérapage le plus souvent irrésistible, celle de lire un dictionnaire. Rétablissant un continu de rêve qui associe entre eux tous ces mots, ces nboms qui n'ont aucun rapport, sinon qu'ils riment par l'avant.

²⁶ Voir du didactisme dans le dictionnaire suppose une conception de son rôle comme d'un modèle, ce qui généralise abusivement à la fois une notion particulière et une époque du dictionnaire – classique et néo-classique confondus.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. (EAGLETON, 2001, p. 22).

Nesse sentido, é pertinente discutirmos a questão do gênero textual do dicionário. E sendo o dicionário fonte de inspiração para muitos escritores não só pela acepção, mas como forma estética para criação de várias obras literárias de grandes autores brasileiros como Oswald de Andrade em sua obra Dicionário de Bolso e Ivan Ângelo em A festa é que podemos considerar o dicionário uma obra de arte.

2.3 A Língua Portuguesa e seus dicionários mais representativos

Nessa parte buscamos apresentar os dois dicionários que são o *corpus* de nossa pesquisa e mostrar a importância dessas obras no contexto brasileiro, assim como discutir seu gênero, sua construção, e como cada autor buscou apresentar seu dicionário ao público, partindo desse pressuposto a apresentação fica necessária para que entendamos os objetivos de nossa pesquisa que é discutir a construção dos dicionários de língua e sua interferência na história da língua assim como sua relação com a literatura e qual o papel das bibliografias de referência para a construção do discurso lexicográfico. Dessa maneira abordaremos no próximo capítulo uma análise das bibliografias de referência através dos gráficos feitos a partir da contagem das obras usadas pelos lexicógrafos como fontes de suas pesquisas.

2.3.1 Houaiss

O dicionário *Houaiss* foi publicado em 2001 pela editora Objetiva por Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro e destaca-se aqui, por questão de conhecimento e esclarecimento falar um pouco sobre a biografia de Houaiss, pois foi um dos filólogos da nossa língua e sendo ele um batalhador em fazer registro de nossa língua, nossa cultura, apresenta-se a sua biografia como forma de esclarecer quem foi esse grande lexicógrafo e sua contribuição tanto na arte de construção de um léxico como também um grande literato, político e cidadão brasileiro.

Antônio Houaiss, professor, diplomata, filólogo, lexicógrafo e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de outubro de 1915. Eleito em 1º de abril de 1971 para a Cadeira n. 17, na sucessão de Álvaro Lins, foi recebido em 27 de agosto de 1971, pelo acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco.

É o quinto dos sete filhos de Habib Assad Houaiss e Malvina Farjalla Houaiss. Toda a sua formação intelectual foi no Rio de Janeiro: primário no ensino público, perito-contador pela Escola de Comércio Amaro Cavalcanti (1933); curso secundário de madureza (1935); bacharel (1940) e licenciado (1942) em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Casou-se, em 1942, com Ruth Marques de Salles (falecida a 4 de julho de 1988) e não teve filhos.

Foi professor de português, latim e literatura no magistério secundário oficial do então Distrito Federal, de 1934 a 1946, quando pediu exoneração, por força da lei de desacumulação, ao optar pela carreira diplomática.

Presidente do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro (1978-1981) e do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Imprensa (1983-1986). Membro da Comissão constituída pelo Ministro da Justiça para estudar a legislação censória e suas práticas no Brasil, e propor medidas anticensórias (março-julho de 1984) e da Comissão para o Estabelecimento de Diretrizes para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa, instituída pelo Decreto n. 91.372 de 26 de junho de 1985, com relatório conclusivo de 20 de dezembro de 1985.

Delegado do Governo para proceder nos países de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe) o convite de presença à realização do Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa (janeiro — fevereiro de 1986), foi membro da delegação brasileira no Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado

no Rio de Janeiro de 6 a 12 de maio de 1986, do qual foi o secretário-geral e delegado porta-voz brasileiro.

Integrou, em Brasília, na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, um grupo interdisciplinar sobre "A política da língua". Em 1988, organizou o Congresso Internacional de Tradutores, realizado no Instituto Internacional de Cultura (Campos — RJ), tendo sido o vice-presidente e o secretário-executivo do Encontro.

Em 1989, fez parte, em Lisboa, do Júri do primeiro Prêmio Luís de Camões, conferido a Miguel Torga. Foi presidente da Academia Brasileira de Letras (1996). O que favoreceu seu envolvimento na crítica literária.

Como escritor, tradutor, elaborou prefácio, *in vida urbana* (1956); *Crítica avulsa* (1960); *Seis poetas e um problema, estudos de crítica literária, estilística e ecdótica* (1967); *Augusto dos anjos, poesia, antologia, introdução e notas* (1960); Qual prefácio, *in A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade, de Hécio Martins* (1968); *Introdução, in Reunião: 10 livros de poesia, de Carlos Drummond de Andrade* (1969); *Crítica literária e estruturalismo, in II Simpósio de língua e literatura portuguesa* (1969); *Drummond mais Seis poetas e um problema* (1976); *Homenagem a Joaquim Cardoso, conferência* (1978); *vários sobre Estudos palavras, livros e autores* (1979).

Discutiu a descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca, dialectologia e ortofonia (1959); Elaborou um imenso acervo de textos como: *Sugestões para uma política da língua* (1960); *O Serviço de Documentação da Presidência da República* (1960); *Introdução filológica às Memórias póstumas de Brás Cubas, fixação do texto crítico* (1961); *A crise de nossa língua de cultura* (1983); *O português no Brasil* (1985); *O que é língua?* (1990); *A nova ortografia da Língua Portuguesa* (1991). *Obras, de Lima Barreto, em colaboração com Francisco de Assis Barbosa e Manuel Cavalcanti Proença* (1956); *O texto dos poemas, in Gonçalves Dias, poesia e prosa escolhida* (1959); *Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis* (1961); *Eu, outras poesias, poemas esquecidos, de Augusto dos Anjos* (1965); *Edições críticas de Obras de Machado de Assis, pela Comissão Machado de Assis* (1975).

Participou dos Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro (1956); Criou *Novo dicionário Balsa das línguas inglesa e portuguesa, 2 vols.*, em colaboração com Catherine B. Avery (1964); *Grande enciclopédia Delta-*

Larousse, 12 vols.; Enciclopédia Mirador Internacional, 20 vols. e 1 atlas (1975); Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse (1979); Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, relator (1981); Webster's dicionário inglês-português, 2 vols., em colaboração com Ismael Cardim e outros (1982)". Assim Antônio Houaiss foi precursor da língua e literatura brasileira e foi pensando em criar uma obra que ajudasse o consulente a consolidar a língua portuguesa que Houaiss (2001, p. 14) propôs a criação de seu dicionário:

Creemos não ser impertinente reconhecer que, dentro da sua tradição lexicográfica própria, a língua portuguesa – a nossa língua e da lusofonia, na qual se inserem os usos lingüísticos dos brasileiros, portugueses, angolanos, moçambicanos, caboverdenses, bissanenses, santomenses e quantos aceitam falar à sua imagem, onde quer que estejam – vê-se que carente de um esforço de atualização que honre os lexicográficos do passado, não os abjurando, mas buscando corresponder às necessidades do seu presente.

Assumindo uma posição a favor da unificação da língua portuguesa nos países lusófonos, Houaiss salienta a necessidade da uniformidade da língua nos países falantes de língua portuguesa e que sua criação não visa diminuir nenhuma linguagem utilizada pelos consulentes, mas no desejo de que o dicionário Houaiss de contribuir para a propagação dessa língua valorizando seus usos e buscando corresponder às pessoas e suas necessidades ao consultar a obra em questão.

Segundo Houaiss (2001, p. 14), "a modernidade exige cada vez mais que as pessoas dominem a língua escrita o que sem ajuda de um bom dicionário fica difícil". Vale dizer de indivíduos que não dominam a sua expressão escrita, condição que a modernidade impõe como exigência da própria cidadania." Dessa forma, vê na presente obra a preocupação com a língua de prestígio, atribuída aqui pelo autor como marca recomendável para a concretização da cidadania.

Criar um dicionário é sem dúvida registrar na história a evolução de uma língua. Contudo, somente o dicionário de Língua é capaz de manter a historicidade das palavras, pois como diz Houaiss (2001, p. 14):

Não se pode fugir à evidência de que cada utente da língua é senhor de determinado campo do seu universo lexical, mas pode ampliar o seu senhorio na medida em que disponha de dicionários com registro seguro e aprofundado das outras unidades lexicais que não domina. À proporção que tal senhorio da língua aumenta, mais útil se faz o esforço da conscientização da língua como um acervo cultural que tem história.

Nota-se na apresentação do dicionário que o autor busca por meio da obra valorizar a história das palavras e sua combinação de significações junto ao usuário dessa língua. Mas, ao mesmo tempo, perceber que o mundo lexical do usuário é limitado tanto na fala quanto na escrita; e o dicionário sendo esse depositário de palavras com inúmeras acepções pode ampliar ao seu consulente um maior conhecimento da própria língua que usa. No entanto, é preciso que se tenha um dicionário com registro seguro e que valorize a historicidade das palavras afirma Houaiss.

É relevante perceber a intenção ao apresentar sua obra, colocando-a como fonte segura e consciente na elaboração de suas acepções, que nos apresenta uma obra filológica que discutiremos posteriormente.

O dicionário busca segundo seus autores diversificar a língua no que tange a questões regionais, e respeita essa diferenciação. Evidencia e compatibiliza norma culta brasileira com a de Portugal e busca compreender as línguas emergentes dos países africanos o que é nítida a preocupação dos autores com a miscigenação da língua e sua influência nas regiões de cada país, buscando junto à essa postulação da língua uma melhor forma de ficar e criar então um dicionário que trata dessas questões sem prejudicar toda essa riqueza que só a história de cada língua pode contar.

Daí a urgência de dicionários que atenham não só ao lado quantitativo do acervo vocabular, para possibilitar que o todo possa ser de todos, como informem nesse todo elementos que em última análise dêem rica amostragem histórica do que o forma (HOUAISS, 2001, p. 14).

Nota-se a preocupação dos autores em construir um dicionário de língua uniforme e que valorize o vocabulário de uma comunidade lingüística. Contudo, que busque mostrar a historicidade desse povo e de seu léxico. Sendo assim, o dicionário Houaiss é um dicionário de língua que postula ser voltado para a flexibilização/evolução e modernização das palavras.

Com isso, a matéria nele registrada é de utilidade imediata para esclarecer inúmeras questões que o consulente possa suscitar – razão da forma, significado, quando se integrou ao acervo da língua, de onde proveio, que família de unidades gerou – e tanto mais (HOUAISS, 20001, p. 14).

Ao ler um dicionário é relevante que o consulente encontre o que precisa com maior informação o que é notável no dicionário em questão, pois, segundo o autor ele dá a cada usuário uma vasta lista de referências sobre a palavra que compõe a macroestrutura de seu dicionário. É rico de informação acerca do surgimento da palavra, sua origem e sua possível significação remissiva.

Para tamanha obra, o autor contou com uma equipe de várias áreas do conhecimento o que resultou em um livro altamente qualificado. “Grande foi o esforço coletivo empregado na realização desta obra por considerável equipe de intelectuais, capaz e seminal, que conseguimos reunir em torno do projeto” (HOUAISS, 2001, p. 14).

Assim sendo o projeto do dicionário foi difícil, pois coube a elaboração de uma extensa pesquisa para a coleta de dados; o trabalho sobre a história e o desenvolvimento das palavras na língua; uma rede abrangente de palavras, e uma extensa bibliografia, o que verificamos no prefácio.

O projeto deste dicionário fundamentou-se em três pressupostos iniciais: levantamento de uma nominata abrangente cujas entradas ganhassem definições ancoradas nos estudos de nosso grupo etmológico; levantamento e análise minuciosa dos elementos mórficos da língua como base do estabelecimento de grandes famílias lexicais e máximo esforço de datação das unidades lexicais a definir (VILLAR, apud HOUAISS, 2001, p. 15).

Uma obra lexicográfica que conta com uma grande equipe de diversas áreas do conhecimento, buscando tornar viva a memória das palavras por meio do dicionário de língua. Arrolar nesse dicionário, ou tentar colocar um maior número de vocábulos é sem dúvida uma tarefa expendiosa que demanda um esforço bibliográfico e uma pesquisa exaustiva que perdura anos e anos, segundo Villar (apud HOUAISS, 2001, p. 15):

O dicionário levou 15 anos para ser realizado, dos quais dez de trabalho efetivo. Nele trabalharam 34 redatores generalistas e especialistas, e 43 colaboradores externos, citados na lista da equipe editorial, não raro interligados em tempo real pela rede de banco de dados do Instituto Antônio Houaiss. Contou-se, ainda, com a preciosa cooperação de colaboradores de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

Não se faz um livro de língua sem considerar a história e a dinamicidade evolutiva do léxico dessa língua e de como se faz o uso dela pelo povo. Incorpora nesse livro de palavras uma colaboração de observadores estrangeiros dos países que compõem o léxico português, assim como colaboradores estrangeiros de obras lexicográficas tanto latinas como não latinas. Percebe-se então, nesse dicionário, uma vasta pesquisa de imigração de palavras que ocorreram durante muitos anos na construção e formação da língua portuguesa. Sua identidade vernácula, sua postura em relação a outras línguas e sua aceitação junto a vocábulos oriundos de influências regionais, culturais, religiosas e uma vasta mistura de línguas indígenas, africanas e tendências estrangeiras dicionarizadas por Houaiss.

O texto de nossos verbetes, depois de estabelecido, foi confrontado com o dos mais relevantes dicionários da língua portuguesa desde o século XVI, assim como o de expressivo número de léxicos contemporâneos de outros idiomas, todos referidos em nossa bibliografia geral. Do trabalho geral resultou uma obra de cerca de 228.500 unidades lexicais que não privilegia determinada faixa cronológica ou geográfica da língua. Versa diacronicamente sobre fenômenos não apenas do português contemporâneo do Brasil e de Portugal, mas ainda, embora de forma seletiva, sobre vocábulos da língua antiga e da arcaica, cujo registro se justifica pelo percentual de sua ocorrência na história da literatura portuguesa (VILLAR, 2001, p. 15).

Considerando o exposto acima, Villar (apud HOUAISS, 2001, p. 15) diz:

Outra característica da obra resultante é a sua vocação lusofônica, que a fez debruçar-se sobre dialetismos brasileiros e portugueses, como registrar e definir em sua nominata palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa, e diversos vocábulos de outros idiomas – por exemplo do chinês de algumas línguas da África –, incorporadas ao nosso léxico por se registrarem em obras literárias cujo meio de expressão foi o português.

É perceptível na citação acima como Villar (apud HOUAISS, 2001) aborda a questão da literatura como corpus do dicionário de língua em questão. Essa movimentação literária estrutura a língua como um fenômeno da valorização eclética da língua e define esteticamente ultrapassando os limites territoriais de um povo. Dessa forma assimila a cultura, registrando-a na literatura. É na literatura que essas palavras ganham vida. E para que elas sejam vivas nas obras dependem do dicionário de língua, pois é nele que se estrutura uma palavra, normatiza o seu uso, vulgo “denotativo”.

Como o acervo literário, lexicográfico, jornalístico, teórico em língua portuguesa é grande, mesmo que alguns ainda emergentes, mas que registram essa língua, é possível nele encontrarmos uma vasta utilização do léxico e isso motivou os autores do dicionário Houaiss a construir o dicionário de língua voltado para uma nova proposta de divulgação e valorização da lexicografia nos países de língua portuguesa, assim como a modernidade dessa obra. “Foi a importância de nossa língua no conceito das de maior curso de utilização o que plasmou a necessidade de projetar um dicionário abrangente que a fizesse ombrear com o que há de mais moderno no gênero pelo mundo”. (VILLAR, apud HOUAISS, 2001, p. 15). Percebe-se que o lexicógrafo considera a língua portuguesa como uma língua muito utilizada e que essa deva ser respeitada, defende a unificação da língua nos países lusofônicos, sabendo a difícil tarefa da unificação, pois a língua não é homogênea, portanto discute a heterogeneidade da língua como marcas correntes da sua evolução e que deva continuar, no entanto, a língua portuguesa normatizada deve ser apenas uma. É explícito a forma como o lexicógrafo registra as palavras no seu dicionário, e prima pelo uso brasileiro, portanto, registra também a forma de *algumas palavras* serem registradas em Portugal. Isso se dá pelo fato de Portugal ter uma história mais conservadora da língua.

Aqui o lexicógrafo propõe um dicionário moderno, abrangente que atendesse a necessidade dos consulentes. Percebe-se na apresentação do dicionário uma certa subjetividade ideológica de erudição do dicionário à classe de consulentes. O que será de tamanha importância para nosso estudo ainda neste capítulo.

2.3.2 *Aurélio*

O *Novo Dicionário Aurélio século XXI*, foi publicado em 1999, em sua 3ª edição, como uma obra reeditada por Aurélio Buarque de Holanda, pela Nova Fronteira, Rio de Janeiro. Há uma necessidade de construir aqui sua biografia para que possamos entender como foi a participação do lexicógrafo na formação do léxico português e de que forma sua contribuição resultou na construção do dicionário de língua. Sendo o *Aurélio* um dos dicionários mais usados, transformado em sinônimo de seu autor, torna-se necessário mostrar aqui um pouco sobre a vida

e obra de Aurélio. Porém, sua relação com a escrita literária, política e sua paixão pela lexicografia a qual veremos na biografia.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, crítico, ensaísta, tradutor, filólogo e lexicógrafo, nasceu em Passo de Camaragibe, AL, em 2 de maio de 1910, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de fevereiro de 1989. Eleito em 4 de maio de 1961 para a Cadeira n. 30, na sucessão de Antônio Austregésilo, foi recebido em 18 de dezembro de 1961, pelo acadêmico Rodrigo Otávio Filho.

Fez os preparatórios no Liceu Alagoano. Aos 15 anos ingressou no magistério e passou a se interessar pela língua e literatura portuguesas. Diplomou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1936. Em 1930 fez parte de um grupo de intelectuais que exerceria forte influência literária no Nordeste, entre outros, Valdemar Cavalcanti, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raul Lima, Rachel de Queiroz. Em 1936 e 1937, foi professor de Português, Literatura e Francês no Colégio Estadual de Alagoas, e em 1937 e 1938, diretor da Biblioteca Municipal de Maceió.

Colaborou na imprensa carioca, escrevendo contos e artigos. Foi secretário da Revista do Brasil (3ª fase), quando era seu diretor Otávio Tarquínio de Sousa, de 1939 a 1943. Nessa época, evidenciava-se o escritor, nos contos de Dois mundos, livro publicado em 1942 e premiado em 1944 pela Academia Brasileira de Letras, e no ensaio "Linguagem e estilo de Eça de Queirós", publicado em 1945. Em 1941 começou Aurélio Buarque a atividade que o iria absorver a vida inteira e que, de certa forma, iria suplantá-lo: o Aurélio dicionarista. Foi quando o convidaram a executar, pela primeira vez, um trabalho lexicográfico, como colaborador do *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. Em janeiro de 1945, tomou parte no I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo.

As múltiplas atividades de professor, lexicógrafo e de verdadeiro colaborador nas obras de seus amigos escritores valeram-lhe, desde aquela época, o título de "Mestre". Em 1947, iniciou no *Suplemento Literário do Diário de Notícias* a seção "O Conto da Semana", que durará até 1960 e, a partir de 1954, terá a colaboração de Paulo Rónai.

A partir de 1950 Aurélio Buarque manteve, na revista *Seleções do Reader's Digest*, a seção "Enriqueça o seu vocabulário", que em 1958 ele irá reunir e publicar no volume de igual título. Em 1963, tomou parte, em Bucareste, representando a Academia, no Simpósio de Língua, História, Folclore e Arte do Povo Romeno,

visitando na mesma ocasião a Bulgária, Iugoslávia, Tchecoslováquia e Grécia. Foi membro da Comissão Nacional do Folclore e da Comissão Machado de Assis.

A preocupação pela língua portuguesa, a paixão pelas palavras levou-o à imensa tarefa de elaborar o seu próprio dicionário, e esse trabalho lexicográfico ocupou-o durante muitos anos. Finalmente, em 1975, saiu o *Novo dicionário da língua portuguesa*, conhecido por todos como o *dicionário Aurélio*. Desde a sua publicação, Mestre Aurélio atendeu a muitos convites, no Brasil inteiro, para falar do Dicionário e dos mistérios e sutilezas da língua portuguesa, que ele enriqueceu de tantos brasileirismos, fazendo do brasileiro comum um consulente de dicionário e um usuário consciente do seu idioma. Pronunciou numerosas conferências, sobre assuntos literários e lingüísticos, no México, Estados Unidos, Cuba, Guatemala e Venezuela.

Pertenceu à Associação Brasileira de Escritores, seção do Rio de Janeiro (1944-49). Era membro da Academia Brasileira de Filologia, do Pen Clube do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, da Academia Alagoana de Letras e da Hispanic Society of America.

Obras: *Dois mundos, contos* (1942); "*Linguagem e estilo de Eça de Queirós*", in *Livro do centenário de Eça de Queirós* (1945); *Mar de histórias (Antologia do conto mundial)*, em colaboração com Paulo Rónai, *I vol. (1945); II vol. (1951); III vol. (1958); IV vol. (1963); V vol. (1981); Contos gauchescos e lendas do sul, de Simões Lopes Neto. Edição crítica, com amplo estudo sobre a linguagem e o estilo do autor* (1949); *O romance brasileiro (de 1752 a 1930), história Roteiro literário do Brasil e de Portugal literária* (1952); (*Antologia da língua portuguesa*), em colaboração com Álvaro Lins (1956); *Território lírico, ensaios* (1958); *Enriqueça o seu vocabulário, filologia* (1958); *Vocabulário ortográfico brasileiro* (1969); *O chapéu de meu pai, edição revista e reduzida de Dois mundos* (1974); *Novo dicionário da língua portuguesa* (1975); *Minidicionário da língua portuguesa* (1977).

Além dos contos que traduziu para a coleção Mar de Histórias, Aurélio Buarque de Holanda traduziu romances de vários autores, os *Poemas de amor*, de Amaru, e os *Pequenos poemas em prosa*, de Charles Baudelaire.

Ao observar a biografia de Aurélio nota-se, um grande filólogo, apaixonado pela língua portuguesa, investigador da língua e sua cultura, fundamentou seus estudos criando O *novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* o que foi preparado para uma vasta investigação de seu usuário, dispendo de uma moderna atualização

de verbetes e acepções elaboradas por lexicógrafos resultando numa obra altamente comercializada nos últimos tempos, atribuindo o nome do autor ao dicionário. Isso é devido ao grande número de edições vendidas e a maior facilidade dos consulentes encontrarem nas atuais bibliotecas, assumindo assim como um dos mais requisitados dicionários populares do Brasil.

Segundo Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. IX), “o dicionário Aurélio século XXI é uma obra inteiramente revista e ampliada com base no português contemporâneo, mas que concilia palavras e significados na literatura do passado”.

O que releva uma preocupação do lexicógrafo com a dinamicidade das palavras e do próprio léxico no decorrer da evolução da língua portuguesa. Essa preocupação é de grande relevância o que resultou num dicionário popular, pois é um dicionário próximo ao consulente.

Verdadeiro código da língua falada e escrita no Brasil e mesmo nos demais países de Língua Portuguesa, o Dicionário Aurélio é, as vésperas do século XXI e do terceiro milênio, o principal herdeiro e atualizador da linhagem lexicográfica [...] que se preocuparam em fazer um inventário abrangente dos termos da nossa língua, seus significados e empregos (ANJOS E FERREIRA apud AURÉLIO, 1999, p. IX).

O registro dessa língua falada e escrita em consoante ligação dos países de língua portuguesa, atualização é sem dúvida obrigatória, colocando o dicionário *Aurélio* como fonte moderna onde as palavras retratam esse léxico de uma forma ao encontro do artístico, a fala de um povo, carregada de novidades.

A busca incansável do grande lexicógrafo pela essência das palavras, por seus sentidos – transmitidos de forma simples e precisa – e os inúmeros exemplos criados ou coligidos aproximam o dicionário das artes, da ciência e da técnica, conduzindo o leitor às variedades nuanças e aos possíveis empregos da língua (ANJOS e FERREIRA apud AURÉLIO, 1999, p. IX).

É notável a preocupação do dicionário com a variedade lingüística usada nos países de língua portuguesa. Se posicionando então nas questões ligadas à política lingüística.

Nota-se a preocupação do lexicógrafo com a evolução da língua que se propõe a pesquisar e ir ao encontro de uma valorização de vocábulos ainda não normatizados, posicionando positivamente em uma uniformidade da língua, mas que contemplasse todos os países de língua portuguesa, acreditando na riqueza que

cada país tem e a presença dela no construir os verbetes. Segundo Aurélio (1986, p. 9)

As instruções para a organização do vocabulário ortográfico da Língua portuguesa terá por base o vocabulário ortográfico da língua portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, consoante a sugestão do Sr. Ministro da educação e Saúde, aprovada unânimemente pela Academia Brasileira de Letras, em 29 de janeiro de 1942. Para sua organização se obedecerá rigorosamente aos itens seguintes: Inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso. Inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária. Substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil, consoante a pronúncia e a morfologia consagradas. Fixação das grafias de vocábulos sincréticos e dos que têm uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos um por do outro, de maneira que figure em primeira plana, como preferível, o de uso mais generalizado.

Dessa forma o dicionário Aurélio assim como o Houaiss obedeceram as instruções feitas pela academia. O dicionário *Aurélio*, porém busca visualizar com mais nitidez essas mudanças em suas nominatas, mas não deixa de registrar algumas palavras que só se usam em Portugal que são os casos de palavras como: actual, contacto, facto etc. Isso mostra a preocupação de *Aurélio* para com a língua escrita usada em Portugal que difere um pouco da nossa. Não significa assim que o dicionário não valoriza o falar do povo, prova disso é que ele coloca em suas acepções linguajares usados em vários lugares de língua portuguesa. Atribui a cada palavra, caso tenha, a linguagem figurada com exemplos claros de como foi e pode ser usada. Vê-se no dicionário uma grande preocupação, em sua bibliografia de referência, em pesquisar uma literatura com registros do português que contempla todos os países de língua portuguesa. O que ressalta o prefácio elaborado por Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. IX):

[...] especialistas das diversas áreas do conhecimento passaram a minuciar a equipe de lexicógrafos do Aurélio com novos verbetes e usos das palavras. Recursos da política lexicográfica, hoje largamente aceita, o professor já indicava a urgência da pesquisa de estrangeirismos incorporados ao falar nativo, visando a sua inclusão no Dicionário com destaque para anglicismos, galicismos, arabismos, africanismos e variações lusitanas da nossa língua. E não se esquecia de que tão ou mais importante que os estrangeirismos é o registro dos regionalismos, gírias e usos populares do português no Brasil.

No exposto Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999) explicitamente relatam a

origem do dicionário em questão, atribuindo a ele a valorização do léxico português, fazendo com que desmistifica o uso denotativo que as palavras recebem pelos consulentes ao elaborar em seus discursos os discursos dicionarizados como formas reais de uso dessa ou daquela palavra. Pode-se dizer que as palavras não são sinônimas umas das outras, apenas são remissões possíveis de uso, pois cada palavra tem sua própria história e não se pode ter um significado comum aos vários usos que ela adquire. Por isso o dicionário tenta guardar esse uso em diferentes possibilidades, objetivando a história cultural de uma comunidade lingüística ao usar uma palavra. Dessa forma, justifica-se a bibliografia de referência usada pelo lexicógrafo. O *Dicionário Aurélio* foi bem elaborado, com ricas definições claras, subjetivas, expressas na vivência delas com os textos orais e escritos de diversas regiões, com valorização dessa miscigenação que houve no Brasil, sem contar o grande número de palavras nativas usadas pela nação indígena incorporadas no dicionário como afirmou Anjos no exposto acima.

Dessa forma somou ao dicionário cerca de 435.000 (quatrocentos e trinta e cinco mil) verbetes, locuções e definições, revolucionando a escrita e a fala do povo brasileiro em consoante com os outros países de mesma língua. Isso faz com que o dicionário seja muito usado tanto aqui, como em outros países. Isso se dá pelo esforço de sua equipe em pesquisar os linguajares de língua portuguesa tanto escrito como falado, e, principalmente ligados à arte e a literatura.

Um intenso trabalho de pesquisa resultou também na atualização e ampliação do leque de autores citados, abrangendo a produção em língua portuguesa dos três continentes. A música popular brasileira, extraordinária fonte para a pesquisa da língua e de sua evolução, foi prestigiada com a citação de inúmeros compositores (ANJOS e FERREIRA, apud AURÉLIO, 1999, p. X).

O que denota uma preocupação do dicionário para com a veracidade de seus verbetes. Se cada povo tem sua cultura e cada cultura ligada à história e cada história ao tempo, os fatos lingüísticos se unem para marcar esse tempo e o dicionário tem o papel de registrar num tempo e espaço a historicidade de cada palavra, seja de classe de maior ou menor prestígio social. Considera-se que o *Aurélio*, partindo desses pressupostos, transformou a história da lexicografia brasileira que antes nem todos tinham acesso e com a valorização da cultura expressa pelo dicionário e a facilidade do seu uso, assim como a presença dele na

maioria das escolas e universidades, é sinônimo, hoje, de referência da atual lexicografia brasileira. Segundo Anjos *et. al.* (1999, p. X) “Pretendemos [...] que sua atualização possa ser permanente, e sua utilização a mais franca e universal possível, ao alcance tanto do mais simples como do mais culto e exigente usuário”. Dessa forma é importante ressaltar a preocupação em elaborar uma obra lexicográfica, o sofrimento do lexicógrafo em elaborar sua obra por natureza inacabada. Isso é de fundamental importância para o pesquisador de língua, literatura ou qualquer área do conhecimento; e, o relevante colocado por *Aurélio* é a nuance abordada entre a construção de uma literatura como o fazer uma obra lexicográfica, o dicionário de língua.

Considerando as apresentações dos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*, *objetos* de nossa pesquisa, nosso interesse é discutir as bibliografias de referências. Acreditamos que ambos merecem nosso reconhecimento enquanto consulentes, porém, não desmerecem uma análise sobre seus discursos, suas palavras, suas acepções e suas referências bibliográficas.

CAPÍTULO 3

3 HOUAISS / AURÉLIO E A BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

A língua não é um érgon, um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente.

Nelly Carvalho, 1989.

Discutir-se-á nesse capítulo o fazer da bibliografia de referência como um discurso nos dicionários de língua assim como a representatividade de cada bibliografia para a construção do discurso lexicográfico. Os discursos formados nos dicionários de língua a partir de uma bibliografia de referência situada num tempo e espaço bem como sua forma de ver e usar a língua são marcadores fundamentais para discussão em torno do fazer dicionário. Como nossa pesquisa visa investigar a bibliografia de referência e sua representatividade no dicionário de língua é de fundamental importância destacar seu estudo.

Já discutimos anteriormente que a lexicografia reflete a sociedade. Mas de que forma esse refletir a sociedade é marcada na obra lexicográfica? De que forma percebemos essa representação? Cada época possui suas formações ideológicas e discursivas e é na bibliografia de referência do dicionário de língua que encontraremos formas discursivas representativas para o dicionário de língua. Abordaremos ainda nesse capítulo a sistematização dos gráficos, sua forma, sua escolha e o porquê de tais gráficos, assim como uma abrangente análise dos gráficos para uma melhor visão da formação de discursos nos dicionários que propomos estudar: *HOUAISS* e *AURÉLIO*.

Completar-se-á nesse capítulo um comparativo entre as duas obras analisadas: *HOUAISS* e *AURÉLIO*, contrapondo discursos percebidos a partir da bibliografia de referência das obras. Nesse capítulo focamos na idéia de que não existe formação ideológica fora da língua; o que corresponderá uma formação discursiva e que os dicionários de língua não são apenas códigos, mas discursos ocupadores de meios sociais que falam juridicamente desses lugares.

3.1 Bibliografia de referência: apresentação e análises

Propõe-se discutir aqui a importância da referência bibliográfica na obra lexicográfica, por que esse tipo de obra, como qualquer outra, se baseia em conhecimentos teóricos oriundos de muita pesquisa para tornar-se valorizada e reconhecida no meio científico como obra discursiva de um determinado assunto. Nessa pesquisa discutir-se-á a representatividade das bibliografias de referências dos dicionários *Houaiss* e Aurélio e suas influências na construção dos dicionários de língua, como argumenta Gurgel (2007, p. 266):

[...] se é fundamentalmente a delimitação de um tema-problema numa pesquisa que configura, por exemplo, um corpo de critérios a serem utilizados numa seleção de fonte para constituição de um *corpus*, cada pesquisa teria que, assim, explicitar o que vem a ser considerado “fontes representativas” a partir de outros critérios oriundos de seus objetivos, dado o caráter não definido dessa colocação dentro de um contexto específico.

É preciso refletir sobre as condições de produção respectivas de cada obra e qual o seu papel na construção do discurso dessas obras enquanto formadora de opinião. Quais aspectos foram levados em conta pelo autor no momento da produção? Quais autores foram arrolados em sua bibliografia? Foram levadas em consideração as questões do contexto social, histórico e ideológico? E qual representatividade tem cada obra citada? Essas questões são fundamentais para que se tenha uma melhor visão do que se pretende pesquisar.

Assim perguntamo-nos qual é a posição do sujeito lexicógrafo em uma conjuntura, como ele imagina seu público leitor, que imagens do dicionário e da língua são construídas? Ligado às condições de produção, temos também o interdiscurso que discursos formam a memória lexicográfica que é analisada nos dicionários? Quais formações discursivas estão presentes e de que modo eles articulam? Por exemplo: o discurso científico, o discurso literário, o discurso erudito, o discurso enciclopédia, etc. (NUNES, 2004, p. 806).

É então, necessário discutir a referência bibliográfica escolhida pelos autores do dicionário para verificar os interdiscursos por ela produzida e assim compreendemos o sujeito que fala e o sujeito (usuário) que se apropriará dessa obra

para se transformar em outros discursos em outros contextos os vocábulos dicionarizados pelo lexicógrafo. Segundo Altman (apud GURGEL, 2007, p. 268):

Não segui nenhum critério sistemático para a seleção destes textos, esta ainda é uma tarefa por fazer. Procurei, apenas, tomar como amostra um manual de cada especialidade, de reconhecida aceitação e, conseqüentemente, de ampla circulação em certos círculos acadêmicos.

É possível perceber a relação do escritor ao escolher esse ou aquele texto como fonte representativa, não descartando o discurso de outrem, no caso o consulente do dicionário, na construção de suas escolhas. *A priori* o dicionário da língua merece uma atenção especial devido ser um livro de palavras, as quais se ligam não por conectores, mas por ordem alfabética, obedecendo a sistemática das obras lexicográficas. Quer-se destacar neste ponto a necessidade de um *corpus* para os dicionários de língua e acredita-se perceber na referência citada por cada autor.

Assim é preciso conhecer o que é, realmente, dados concretos, suposições ou opiniões do senso comum, que geralmente incorporam na linguagem dos indivíduos no decorrer de um tempo e espaço. O que nos leva a discutir até que ponto o dicionário de língua se apropria de pesquisas do discurso do senso comum na sociedade falante de uma língua. E quais influências essas linguagens refletirão na elaboração do dicionário de língua. Segundo Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. XIV):

[...] especialistas das diversas áreas do conhecimento passaram a municiar a equipe de lexicógrafos do *Aurélio* com novos verbetes e usos das palavras. Precursor da política lexicográfica hoje largamente aceita, o professor já indicava a urgência da pesquisa de estrangeirismos incorporados ao falar nativo [...] E não se esquecia de que tão ou mais importante que os estrangeirismos é o registro dos regionalismos, gírias e usos populares do português no Brasil.

Numa obra, num livro, são necessários, abordagens de conhecimentos científicos para não discutir idéias infundadas. Sendo o dicionário de língua uma obra que se propõe registrar e eternizar a história de um léxico fica inevitável o não aparecimento dessa flexibilização da língua, uma vez que ela é dinâmica, heterogênea e contextualizada. Porém, não dizemos aqui que o conhecimento dessa flexibilidade lingüística é senso comum. A referência bibliográfica é o *corpus*

da obra que a citou. No caso do dicionário as citações das referências não ocorrem no decorrer do discurso, mas informadas no final. Estabelecendo uma veracidade das acepções definidas para cada palavra e a fonte onde foi buscar aquela significação para tal esclarecimento. Daí a importância da referência. No caso dos dicionários discutidos aqui é nítida a interferência da bibliografia de referência na criação do discurso político, econômico, social e histórico de cada obra lexicográfica. *Houaiss* e *Aurélio* são dois (2) dicionários de língua bem diferentes. O primeiro é filológico e o segundo uma obra menos preocupada com a história dos étimos, uma obra feita para todos os públicos. Comprovadamente pela bibliografia de referência. O que foi o objetivo das nossas análises no terceiro capítulo.

Não podemos desconsiderar que a representatividade se relaciona diretamente com a ideologia que influenciará na escolha das fontes que compõem o *corpus* dos dicionaristas. Segundo Rajagopalan (apud GURGEL, 2007, p. 273), “[...] toda representação é uma questão eminentemente ideológica e responde aos interesses políticos que norteiam seus defensores, e ainda que toda representação é política porque se constitui num ato de intervenção”.

Nenhum vocábulo é escolhido aleatoriamente para ser arrolado no dicionário, mas estudado e verificado seu uso em obras correntes do contexto de sua produção e seu uso na língua utilizada pelos consulentes. Aprender palavras de uma língua e sua significação é conhecer um imenso acervo bibliográfico e pensando no dicionário que é um livro de palavras é essencial essa busca pela palavra. Segundo Barbosa (2004, p. 324) “Aprender uma língua é aprender um modo de “pensar o mundo”. Diante do exposto é notório o papel da pesquisa para se conhecer o que se fala e o que se lê. É no dicionário de língua que buscamos esclarecer todo nosso desconhecimento da metalinguagem atribuída às palavras e espera-se então um maior esclarecimento desse ou daquele verbete. Entretanto, o lexicógrafo não atribui à essa ou àquela palavra tal discurso por ele próprio, mas busca em suas bibliografias uma substância sólida para cada acepção sugerida por ele. O que sugere uma extensa pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica segundo (CARVALHO, 1989, p.99) “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”. Para objetivar nossos estudos nos dois (2) dicionários *Houaiss* e *Aurélio* buscamos entender o termo

bibliografia para compreendermos melhor o porquê das escolhas de tais referências bibliográficas. A etimologia da palavra segundo Baptista (1989, p.100) diz:

A etimologia grega da palavra BIBLIOGRAFIA (*biblio* = livro; *grafia* = descrição, escrita) sugere que se trata de um estudo de textos impressos. Assim, pesquisar no campo bibliográfico é procurar no âmbito dos livros e documentos escritos as informações necessárias para progredir no estudo de um tema de interesse.

Analisando os dicionários em estudo percebemos uma extensa bibliografia; o que sugere uma riqueza. Segundo VILLAR (apud HOUAISS, 2001, p. 15) registra sobre a construção do dicionário Houaiss sua base principal:

A base documental sobre que este dicionário foi elaborado originou-se de pesquisas em milhares de obras literárias, técnicas e didáticas, além de periódicos de informação geral de entretenimento, que resultaram em extensos fichários, quer digitados, quer fruto de leituras automáticas com dispositivos de varredura eletrônica”.

O que é perceptível na construção do dicionário é a documentação exaustiva que o dicionarista tem para com o trabalho de leitura e conhecimento em cada área de sua pesquisa que tem em sua equipe, profissionais de várias áreas do conhecimento para concretizar a dura tarefa da construção de um léxico. Sua relação com o interdiscurso e como esse interdiscurso será colocado no dicionário; sendo ele metaforizado por diversos pensamentos. Percebe-se que a bibliografia de referência interfere nas acepções das palavras, pois, é nela que os pesquisadores da língua subjetivam seus discursos que de alguma forma aparecerá implicitamente no discurso do dicionário. É preciso destacar que a bibliografia, seja ela qual for, traz consigo ideologias que dependem do contexto político, social, econômico e histórico de um povo para um melhor esclarecimento dessa ou daquela acepção adotada.

Assim é importante ressaltar a periodicidade da obra lexicográfica, uma vez que seus registros fazem parte de uma evolução lexical ocorridas em um determinado contexto histórico que serve de parâmetros para o usuário da língua. Nenhuma língua se firma sem propagar seu registro. O que resulta então no fato que o dicionário de língua que não contempla todo o léxico, mas se estabelece como o referencial teórico para seus pesquisadores.

Mas como é difícil estabelecer relação língua e contexto no dicionário, pois,

nem sempre o dicionário é atual; e a língua é dinâmica. A referência é atualizada? Como atribuir uma interpretação à palavra, hoje, dicionarizada? É preciso que o consulente faça isso ao interpelar uma palavra e escolher a interpretação dada pelo lexicógrafo nas várias acepções postas por ele observando segundo a bibliografia de referência. (CARVALHO, 1989, p.127) discute a interpretabilidade de bibliografias e ressalta: “Compreender um texto equivale a haver entendido o que um autor quis dizer os problemas que postulou e as soluções que propôs para os mesmos”. Aí vem o interesse pelo nosso estudo do dicionário de língua. Como os seus autores e equipes interpretaram suas bibliografias de referências para então escolher essa ou aquela definição? E nós enquanto usuários dessas obras, como podemos estabelecer critérios de interpretação em seus discursos? Espera-se desse consulente um conhecimento das obras arroladas na bibliografia e sua empregabilidade corrente tanto na obra dicionarística como no contexto que por ele for usada.

Segundo os editores do dicionário *Aurélio Século XXI*, sua elaboração foi um trabalho árduo, pois com a modernidade das palavras dificultou ainda mais o trabalho de seus pesquisadores. Tudo para que as definições chegassem mais próxima de seus usuários.

Podemos concluir que a bibliografia de referência é essencial em qualquer texto científico, pois busca positivamente registrar a vida das idéias no trabalho discutido. Nenhuma obra se sustenta sozinha. É preciso que as opiniões sejam mescladas de outras discussões para se ter uma idéia científica. O dicionário de língua vai buscar em um imenso acervo bibliográfico, palavras produzidas em vários contextos para sustentação do discurso escolhido como fonte de sua representatividade. A Bibliografia de Referência enquanto garantia de representatividade nos permite não só verificar a concepção de língua dos autores como também a ideologia vinculada nos seus discursos e suas escolhas.

3.2 A bibliografia de referência do Houaiss e Aurélio: um estudo quantitativo

Como já se foi discutido, a representatividade da referência bibliográfica para uma obra é importante a fim de se fazer uma reflexão acerca dos dicionários de

língua. Aborda-se aqui a diversidade das fontes pesquisadas pelos lexicógrafos e sua influência na elaboração desses dicionários. Reitera-se que o dicionário de língua sendo um depositário de vocábulos ideológicos de uma língua espera-se que a bibliografia seja diversificada para uma maior relação entre contexto – a época de sua escritura – e sua movimentação lingüística atual, tendo em vista a dinâmica da língua.

Propomos uma discussão acerca dos dados retirados das bibliografias de referências dos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*, transformados em gráficos. Esses por sua vez elaborados a partir da contagem das bibliografias de referências arroladas no final de cada obra por seus autores. A discussão que propomos segue uma seqüência de 6 (seis) gráficos os quais vão estar em seqüência numérica. São 6 (seis) para cada obra, ou seja, os mesmos serão na obra de Houaiss serão também discutidos na obra de *Aurélio*. Após as análises dos gráficos segue uma análise comparativa dos 2 (dois) dicionários focos da nossa pesquisa.

No primeiro gráfico, foi discutido o tipo de obra presente na bibliografia de referência. Assim distinguimos: Obras de teoria literária; literárias; técnicas-científicas; periódicos; lingüísticas; lexicográficas. Dentro da teoria literária colocamos todas as obras que discutem ou normatizam o fazer literário; obras literárias, aquelas escritas em formas de romance, poesia, geralmente consagradas pela crítica literária como obras literárias; técnicas-científicas, aquelas que constituem ensinamentos de uma determinada área do conhecimento como os manuais de genética, os periódicos, aqueles de circulação momentânea como jornais, revistas, folhetins; nas lingüísticas; aquelas ligadas à discussão acerca da linguagem, livros teóricos sobre a língua; lexicográficas, aquelas que registram as palavras, definem e usam a linguagem metalingüisticamente como as enciclopédias, dicionários e gramáticas normativas.

No gráfico 2, levantamos entre as obras lexicográficas, o tipo de obra lexicográfica consultada, e utilizada por cada lexicógrafo. Dessas obras lexicográficas distinguimos literárias, línguas, específicas e enciclopédicas. Literárias, colocamos todos os dicionários de literatura, vocabulários e glossários de teoria literária; línguas estão todos os dicionários de língua e bilíngües, assim como vocabulários e glossários presentes na bibliografia; específicas, estão todas as obras lexicográficas de cunho técnico ligados a termos específicos de cada área do saber; enciclopédicas, são aquelas que buscam exemplificar determinados termos e

palavras. Portanto, nesse segundo gráfico, discutiremos a formação da obra lexicográfica e sua relação com outras.

O gráfico 3 foi elaborado pensando na originalidade das obras pesquisadas pelos lexicógrafos. Discute nesse gráfico se a obra consultada é original ou tradução. Isso se dá pelo fato de que ao consultar uma obra traduzida lemos discurso diferente do original. E também discutir a questão da tradução no Brasil. Já que os dicionários analisados são de língua portuguesa, questionamos a pertinência de obras de outras línguas e/ou traduzidas como representação da língua portuguesa. Dessa forma, perceber o conhecimento da equipe responsável por cada área de conhecimento e domínio de outras línguas e de que forma usou essas obras para o levantamento dessa ou daquela palavra na macroestrutura, juntamente com a acepção por ele defendida junto ao artigo lexicográfico.

O gráfico 4 busca levantar e discutir a atualidade da bibliografia de referência e para isso destacamos a época em que cada obra foi editada. E assim dividimos em: Obras editadas no século XX; século XIX; século XVIII; século XVII; século XVI. Acreditamos ser relevante esse gráfico pelo fato de termos discutido a dinamicidade e contemporaneidade da língua, uma vez que se tratando de dicionário de língua é fator importante percebermos se está presente a dinamicidade da língua e se as acepções definidas pelos lexicógrafos, a representam assim como os exemplos de uso da língua estão em consoante ligação. Destacamos também as obras do século XX. Nesse gráfico discutimos as obras editadas no século XX, para uma maior percepção de visão de língua que está contemplada na bibliografia de referência e se essa língua é atual, moderna como postulam os dois lexicógrafos. Obras de 1901 a 1950 e obras de 1951 a 2001. Essa parte nos ajudará a entender como foi a escolha dos lexicógrafos por obras mais atuais, ou mesmo estando no século XX, usarem obras do início do século. Uma vez que se nota a valorização da historicidade da palavra.

O gráfico 5 descreve os países onde foram publicadas as obras da bibliografia de referência dos dicionários. Nesse gráfico procuramos classificar todos os países que estão registrados nas bibliografias de referências. Não fizemos a classificação por continentes, mas buscamos deixar livre o nome dos países para que fique visível a preferência do lexicógrafo em usar essa ou aquela obra e se esses países têm relação com a língua portuguesa ou não, assim discutir-se-á o uso de uma bibliografia voltada para os países lusófonos. O que é de fundamental importância é

que os dois dicionários buscam contemplar a lusofonia e foram defensores do acordo ortográfico.

O gráfico 6 põe em evidência a localidade das editoras brasileiras para uma discussão sobre as variedades e sua consideração nos dicionários de língua portuguesa do Brasil. E se os lexicógrafos primaram somente por uma região do país como sendo a língua-padrão das demais. Esse gráfico é importante, pois é através dele que encontraremos a língua normatizada pelo dicionário e o prestígio de uma variedade em relação às outras. A linguagem de maior âmbito social e quais localidades do Brasil foi contemplada na bibliografia de referência. Nesse gráfico, podem-se perceber a ideologia em relação aos linguajares falados no Brasil e sua relação com os aspectos sociais, políticos no Brasil. É importante verificar nessa parte a migração de culturas lingüísticas para o sudeste do Brasil, onde supõe estar concentrada a maior parte das editoras do país e qual relação esse exposto interferirá na construção de um dicionário voltado para um país com tamanha diferença cultural, social e lingüística entre os habitantes dele. Se os lexicógrafos propõem um dicionário que contemple toda essa diversidade lingüística justifica-se a construção desse gráfico para a análise.

3.3 Leitura dos gráficos

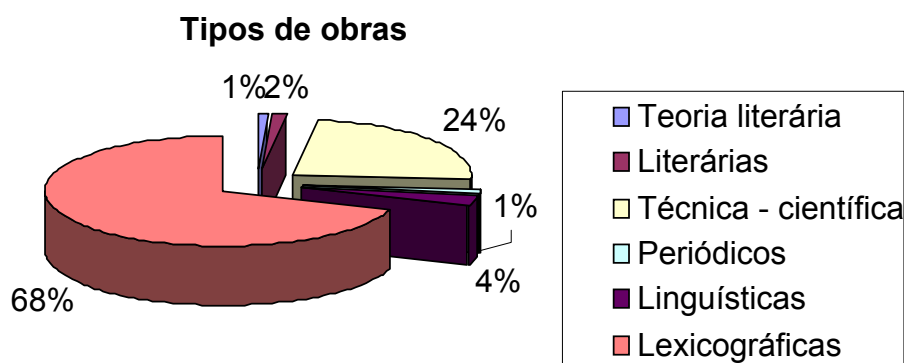
Os gráficos foram elaborados, como já foi dito, a partir de uma contagem minuciosa das obras contidas nas bibliografias de referências, portanto, resguardamos nos aqui de como se trata de números e classificação de obras atribuímos aos números uma margem de erro de 2 (dois) pontos percentuais para mais ou para menos, assim como também a aproximação nas casas decimais. As análises seguem uma seqüência iniciada pelo dicionário *Houaiss*, depois a análise do dicionário *Aurélio* já apresentando uma comparação entre os dois. Dessa forma acreditamos ser pertinente essa metodologia, até para que facilite a comunicação com futuros leitores de nosso trabalho.

3.3.1 Apresentação e análise dos gráficos do Dicionário Houaiss

Tabela 1 – Tipos de obras

Teoria literária	Literárias	Técnica - científica	Periódicos	Linguísticas	Lexicográficas	Total
6	12	193	7	28	550	796

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.



Nota-se a preocupação do lexicógrafo em pesquisar fontes representativas de várias áreas do conhecimento. Isso implica um vasto conhecimento da língua, suas mudanças, sua evolução e heterogeneidade para o enriquecimento do dicionário. Como é prescrito no gráfico o lexicógrafo primou por usar obras lexicográficas: dicionários de língua, dicionários ligados a outras áreas do conhecimento, glossários, vocabulários de diversas disciplinas, ciência e arte; 68% da escolha do lexicógrafo. Em seguida obras técnicas-científicas que representam um total de 24%, demonstrando a preocupação o lexicógrafo para com os termos técnicos e a forma como as palavras são usadas nos discursos especializados. Aborda a questão da composição de seu dicionário de língua como sendo um dicionário que trabalha a palavra usada num registro mais erudito, digamos culto. Sua preocupação com a forma de uso das palavras nas obras em questão nos faz perceber um dicionário mais filológico e provido de uma linguagem não muito comum. Não significa que Houaiss desvalorizou outras obras, portanto como o dicionário tem um caráter de trabalhar a historicidade da língua, supõe ser o dicionário o depositário desse léxico, onde se encarrega de registrar a história das lexias. Por isso é possível dizer que a obra em questão opta por uma abordagem filológica, uma vez que faz um estudo minucioso da história das famílias linguísticas de cada vocábulo como mostra o gráfico acima (Gráfico 1). Segundo Biderman (2004, p. 191-192):

Pode-se notar também que o Houaiss segue de perto o Aurélio, o que seria de esperar já que aquele dicionário foi elaborado e publicado depois. Ademais, é evidente que o HOUAISS recolheu sua nomenclatura em todos os dicionários do português que o precederam.

Dessa forma cria-se uma vasta referência desses dicionários, mostrando assim a preocupação com a palavra e sua origem, o que se justifica a idéia de um dicionário atual, com datações sobre cada vocábulo e seu uso na fonte pesquisada, transformando o dicionário, moderno, bem feito e com uma incontável macroestrutura jamais vista na história dos dicionários de língua com muitas definições e um imenso processo de remissivas, atribuindo sinônimos, parônimos, antônimos, hipinônimos, etc.... Há uma preocupação nos verbetes em demonstrar uma outra possibilidade de uso, como se percebe nos processos de remissivas, porém o consulente não encontrará em muitas definições aquela moderna em primeiro lugar, pois *Houaiss* privilegiou a seqüência histórica o que não é relevante para a língua moderna. É de se questionar para quem o dicionário foi escrito, seu possível interlocutor e como ele quer ser conhecido se é nítida a exclusão de algumas classes sociais representados pelos usuários que com certeza terão dificuldades em compreender as questões já abordadas. A esse respeito, Biderman (2004, p. 198) salienta:

A etimologia e a datação das palavras seria uma marca de superioridade do dicionário HOUAISS sobre os dicionários contemporâneos segundo seus autores. Contudo isso também é questionável. A língua portuguesa não possui estudos confiáveis sobre a história de seu léxico em seu conjunto para que se possam fazer afirmações categóricas para um número considerável de palavras do nosso vocabulário. [...] Portanto não creio que se possa empostar fidedignidade a muitas informações de cunho etimológico e histórico propostas por HOUAISS.

Foi uma temeridade o mentor do dicionário se ter lançado a um empreendimento tão ambicioso como este sem contar com uma equipe sólida de filólogos que respondesse por uma área tão complexa, visto como é tão pequena a produção científica sobre a história do português e sobretudo de seu vocabulário.

Apresenta-se na maioria de seus artigos a história dos étimos, a datação de seu uso pela primeira vez no português tendo como positivo esse registro, como afirma Villar (apud HOUAISS. 2001. p.15):

O trabalho de datação baseou-se em minuciosa técnica e extensa bibliografia, pormenorizadas em capítulos que se seguem a este texto. Assinalou ano ou século do primeiro registro no português de cerca de metade das unidades léxicas averbadas como entradas neste dicionário.

Valoriza a linguagem técnica-científica e é nítida a despreocupação com outros tipos de fontes. Embora Villar (apud HOUAISS, 2001, p. 15) tenha afirmado na apresentação do dicionário Houaiss que foram utilizadas “milhares de obras literárias, técnicas e didáticas, além de periódicos de informação geral e de entretenimento”, na bibliografia de referência que conta com 796 não constam arroladas tais obras. A hipérbole utilizada por Villar (apud HOUAISS, 2001) nos faz questionar a veracidade do dicionário *HOUAISS*, por conseguinte, as acepções interpretadas por ele. Segundo Biderman (2004, 194, 199):

O dicionário deve recolher e registrar o vocabulário em circulação em meio à comunidade dos falantes (evidentemente os mais educados, mas não apenas) documentando essa norma lingüística de significados e usos, que não são necessariamente literários, podendo ser, por exemplo, textos jornalísticos.

[...]

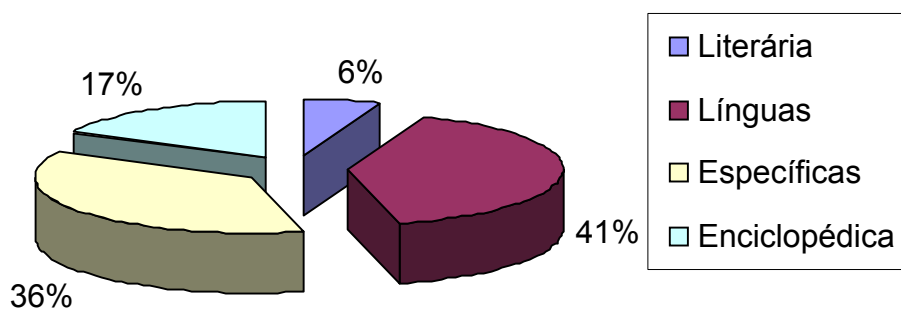
O Houaiss valeu-se, sobretudo, das obras e pesquisas de Antônio Geraldo da Cunha para esse fim. Além de problemático o registro do primeiro uso da palavra, isso tem conseqüências na estruturação do verbete. Assim, em princípio, o Houaiss ordena das acepções em ordem cronológica, assumindo, pois uma postura de dicionário histórico e não de um dicionário de usos da língua contemporânea. Convém lembrar que o OXFORD, que lhe servir de modelo, pelo contrário, se apresenta como um dicionário baseado em princípios históricos. Por conseguinte, um consulente comum do Houaiss, desconhecedor da dicotomia da língua, ficará surpreso ao constatar que o sentido mais comum na atualidade pode aparecer em 2º, 3º, [...], 8º lugar na sucessão histórico-hierárquica dos sentidos.

Embora não usando a literatura como *corpus* principal, o dicionário Houaiss objetiva sua obra numa perspectiva filológica. E como a segunda citação acima relata, a função do dicionário Houaiss para o público passa a ser uma representação da história da língua portuguesa em todo seu percurso, mesmo não se tendo bases fiéis (documentos) das origens das palavras. O dicionário *Houaiss* atende as expectativas daqueles que necessitam conhecer as origens e o processo de movimentação lingüística em cada época, desde que a palavra foi criada até a atualidade.

Tabela 2 – Sobre as obras lexicográficas do dicionário Houaiss

Literária	Línguas	Específicas	Enciclopédica
32	222	200	96

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.

Gráfico 2 - Obras lexicográficas - Houaiss

O gráfico representa a escolha do *Houaiss* pelo *corpus* lexicográfico, solidificando a idéia do estudo filológico subjetivado por seu autor. Dentre as obras lexicográficas 41 % foram retiradas de dicionários de língua, vocábulos e acepções oriundos de outros autores com discursos parecidos, revelando um dicionário muito formal, didático. Percebe-se a grande valorização por termos técnicos e científicos o que prova a segunda porcentagem com 36%. Sendo um dicionário de língua, pressupõe um público diversificado e não privilegiado como faz *Houaiss*. Um consulente que não conhece um pouco sobre a evolução da palavra e sua historicidade terá muita dúvida em conhecer essa ou aquela definição como a que procura.

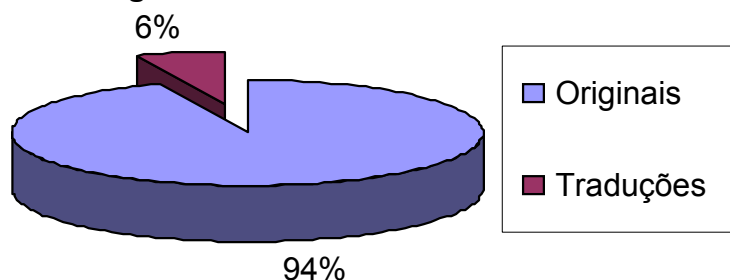
Os demais números foram insignificantes para o lexicógrafo, pois seu interesse não era abordar estilo comum como retrata os vocabulários literários. Pressupõe então o interesse por estudos da historicidade da língua e o uso científico das palavras e sua relação com outros dicionários de diversas áreas do conhecimento. Entretanto, não se afirma que Houaiss não tenha se preocupado em inovar seus verbetes com referencialidade às outras fontes, apenas o tratou com menor prestígio – fato esse, proposital – pois não era o caráter essencial de sua pesquisa a valorização da heterogeneidade da língua e sim seu registro formal atribuído a algumas áreas do conhecimento. Acreditamos que o uso excessivo de obras lexicográficas perde o registro da língua em uso.

Tabela 3 – Classificação quanto à originalidade das obras do dicionário Houaiss

Originais	Traduções
747	49

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.

Gráfico 3 - Classificação quanto à originalidade das obras - Houaiss



O dicionário Houaiss privilegiou a pesquisa nas obras originais o que mostra o gráfico 5. As obras originais arroladas na bibliografia de referência são Inglesas/Francesas/Portuguesas. Esse fato notifica a procura por fontes diversas, não presas à língua portuguesa do Brasil.

Houaiss, eterno conhecedor de outras línguas, como valorizava a abordagem de um dicionário histórico/filológico; tenta buscar nas obras originais o “verdadeiro” uso do vocábulo, sua historicidade e a datação. Segundo *Houaiss* (2001. p. XIV, grifo nosso) “[...] o desenvolvimento alcançado em outras línguas românicas, a exemplo do francês, do espanhol, do italiano, do catalão” continua: “ Daí a urgência de dicionários que se atenham não só o lado quantitativo do acervo vocabular, para possibilitar que o todo possa ser de todos, como informem nesse todo elementos que em última análise dêem rica amostragem histórica do que o forma”.

Houaiss vê na língua uma possibilidade de uniformização (homogeneidade), e o dicionário em questão é uma oportunidade para uma discussão acerca dessa uniformidade, uma vez que Houaiss foi o intermediador entre os países lusófonos para a discussão da uniformização da língua portuguesa. O dicionário aborda questões como o uso de estrangeirismos em nossa língua, sempre informando sua origem e o porquê do seu uso no Brasil. Com a modernização e a globalização fica evidente a entrada de novos vocábulos em nossa língua. Isso por um lado é positivo,

pois a língua não pode ser vista como estática, por outro é negativo pois, nos tornamos repetidores desses discursos sem levar em consideração a nossa língua mãe. Se houvesse um discernimento dos usuários em relação à língua estrangeira, enquanto facilitadora para a não exclusão social seria de fundamental importância, uma vez que também somos globalizados. O problema é que as pessoas muitas vezes grafam e falam palavras estrangeiras no lugar da nossa por simples questão de preconceito em relação à sua própria língua. Biderman (1998, p. 5) coloca que:

Vivendo num mundo em que meios de comunicação de massa estão transmitindo vocábulos de centenas de outras culturas, estamos enriquecendo o nosso universo cultural. [...] esses bens culturais de outros povos e nações passam a fazer parte do nosso mundo, sendo registrados no nosso vocabulário através de novas palavras.

Dessa forma justifica ao Houaiss a referencialidade representativa das fontes oriundas de outras línguas, não implica aqui dizermos que o lexicógrafo busca estrangeirismos em obras estrangeiras, e sim seus usos nos textos/discursos português – o que percebemos é que a maioria de obras estrangeiras são de domínio técnico-científicos ou dicionários. O que confirma a idéia de Houaiss construir um dicionário voltado para o público mais escolarizado e com fontes diferenciadas nas áreas do saber. Porém, o nosso léxico contém um contingente de vocábulos estrangeiros e conceitos importados de outros países, de acordo com Biderman (2004), e uma vez registrado no nosso vocabulário se atualiza.

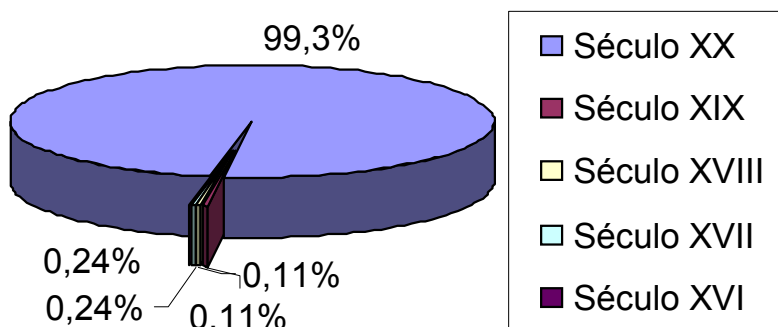
Payer (apud NUNES, 2007, p. 169) mostra que as línguas estrangeiras introduzidas no país, ao mesmo tempo em que configuravam uma memória para os imigrantes, também eram consideradas como “não nacionais”, sendo silenciadas pelas políticas lingüísticas impulsionadas pelo Estado Novo.

É importante ressaltar aqui a necessidade de um dicionário em abordar questões como globalização e seu reflexo no léxico de um povo. O dicionário de língua supõe discutir a língua do povo, mas o dicionário em questão, visando um público mais escolarizado, registra inúmeras palavras estrangeiras com significação de uso no Brasil, o que confirma o uso de obras originais.

Tabela 4 – Datas das publicações das obras pesquisadas no dicionário Houaiss

Século XX	Século XIX	Século XVIII	Século XVII	Século XVI
790	2	2	1	1

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.

Gráfico 4 - Datas das publicações das obras pesquisadas - Houaiss

Nesse gráfico discute-se as datas das edições das obras do *corpus*, bibliografia pesquisada para composição do dicionário Houaiss. Vê-se no gráfico a tendência do lexicógrafo pelas obras atuais, ou seja, século XX. Coloca em evidência os estudos lingüísticos modernos, porém um dicionário de língua, julgado filológico pelos autores, é impossível desconsiderar obras de outros séculos, pois em cada época surgem novas palavras e como já dissemos, a consulta em obras originais, denota poucos registros de dicionários e livros que retratem a história da filologia antes do século XX. Segundo Nunes (2007, p. 165, grifo nosso):

O dicionário monolíngue (de língua nacional) é relativamente **tardio** na história das ciências da linguagem. Ele apareceu inicialmente em uma série de países no período que vai dos séculos XVII ao XVIII (o da Academia Crusca na Itália em 1612, o Furetière e o Dictionnaire de l'Academie na França respectivamente em 1690 e 1694, o da Academia Real Espanhola em 1726). No caso português, temos o Bluteau em 1712-28 que, embora sendo um bilíngüe português-latim, já trazia longas definições em português, e o Moraes em 1789, o primeiro exclusivamente monolíngue.

Citam-se dicionários porque o *corpus* do Houaiss é na maior parte lexicográfico. Dessa forma, há uma fragilidade nos estudos filológicos antigos feitos por *Houaiss*. Segundo o gráfico acima foi insignificante as obras de outros séculos que não as do Século XX, como estão apresentadas. De acordo com Villar (apud

HOUAISS, 2001, p. 15): “O texto de nossos verbetes, depois de estabelecidos, foi confrontado com o dos mais relevantes dicionários da língua portuguesa desde o século XVI”. Embora, encontramos apenas 01 (uma) obra desse século mencionado por Villar. Pode-se perceber alguns problemas no prefácio feito por Villar. Todos os séculos estão representados, porém em desvantagem em relação ao século XX, que toma mais de 99% das obras relacionadas por Houaiss. Isso não faz do dicionário uma obra ruim, mas como seu objetivo é postular um dicionário filológico o torna inviável esse número em relação aos demais séculos. Uma vez que os primeiros registros de língua portuguesa são do século 12 (doze). A maioria das obras pesquisadas por Houaiss é do século XX, maior parte foi entre 1951 a 2000, o que mostra uma preocupação do lexicógrafo para com a língua moderna.

Portanto, como o dicionário julga ser um dicionário etimológico deveria primar por obras do trovadorismo, obras religiosas da época da legitimação da língua portuguesa e a *priori* textos de Camões, assim como de Gil Vicente que consagram a língua portuguesa. Ambos do início de nossa colonização que se deu no século 16 (dezesseis).

Segundo Biderman (2004, p. 187, grifo nosso):

Torna evidente que seu autor não está familiarizado com as muitas obras que tratam das ciências do léxico, particularmente da morfologia lexical e dos processos de formação de palavras para não falarmos de outras complexidades como a história do léxico.

Portanto, fica evidente a pesquisa do lexicógrafo por dicionários, uma vez que insinua uma recopilação e não uma pesquisa. Se sua bibliografia é de obras lexicográficas e atuais, denota uma fragilidade de compreender a história do léxico e apenas copia de outros dicionaristas antecessores.

Conforme Nunes (2007, p. 173):

Tomar o dicionário como um objeto histórico implica tanto um observar a estabilização dos sentidos em circunstâncias específicas, quanto em apreender suas transformações, suas atualizações, suas rupturas. Uma condição para isso é ter em vista o aparecimento e as transformações dos dicionários em um espaço-tempo, ou seja, o estabelecimento de uma tradição dicionarística.

Dessa forma, ao considerar o Houaiss um dicionário filológico/histórico pode ser errôneo, pois não houve um estudo minucioso de outros dicionários de outras

épocas, e sim atual, o que reforça a idéia de Nunes (2007), que se precisa de uma estruturação no fazer lexicográfico, valorizar o léxico em consonância com a sua história e sua evolução. O que é relevante observar também é a construção dos dicionários no Brasil, uma vez que é recente nossa lexicografia. Segundo Krieger *et al* (2006, p. 174):

O século XX representa um marco histórico na lexicografia brasileira. É neste período que surgem os nossos primeiros dicionários, editados seja em co-edição com Portugal, seja exclusivamente por editora nacional. É também no século XX que a Academia Brasileira de Letras vê concretizar, mesmo que tardiamente, seu projeto de publicar um Dicionário da Língua Portuguesa. É, pois, somente nesse período, ainda recente, que é interrompido um vazio de quatro séculos com efetivo nascimento da lexicografia nacional, definida mais pelos registros do Português do Brasil (PB) do que pelo lugar geográfico de publicação.

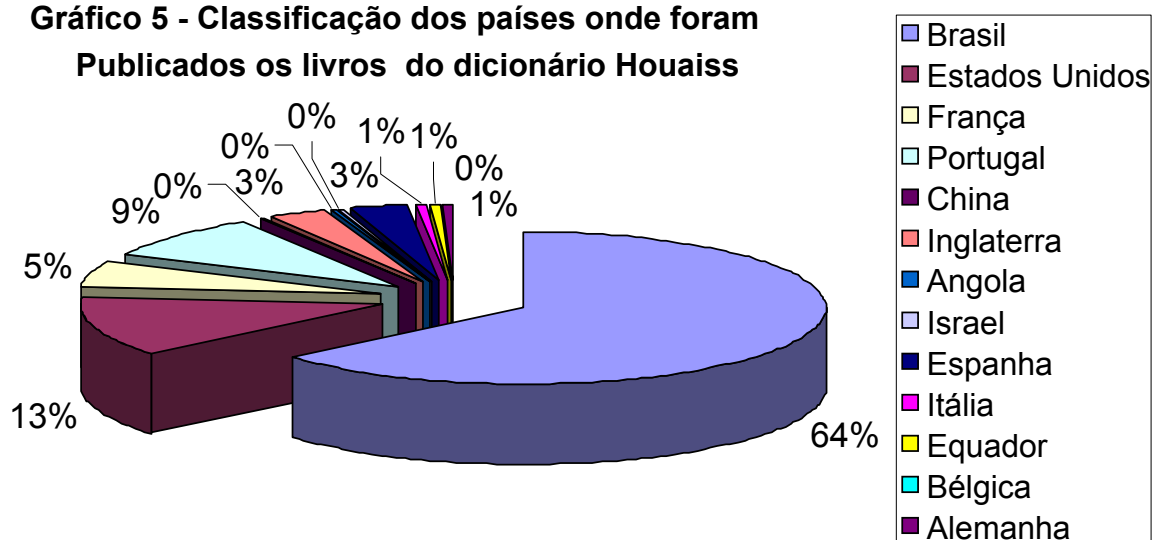
Vale ressaltar que houve uma tentativa primeira de Antônio Joaquim em descrever o vocabulário brasileiro, o que seria nosso primeiro dicionário de língua portuguesa, porém somente a letra C foi publicada em 1888. Mas já no século XX vários dicionários foram uma vanguarda para nosso início lexicográfico como: Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo em 1926 em publicações em Portugal e Brasil; Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete em 1958, também publicado em Portugal e Brasil; Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa que foi uma organização de vários autores como José Baptista da Luz, Hidelbrando de Lima, Gustavo Barros e Aurélio Buarque de Holanda, publicado no Brasil em 1938; Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa de Laudelino Freira em 1939-1944; Dicionário da Língua Portuguesa de Antenor Nascentes em 1961-1967; e o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira em 1975.

Tabela 5 – Classificação dos países onde foram publicados os livros do dicionário Houaiss

Bra sil	Esta dos Unid os	Fran ça	Portu gal	Chin a	Inglat erra	Ang ola	Isra el	Espa nha	Itáli a	Equa dor	Bélgi ca	Ale man ha
508	102	43	75	02	23	03	02	24	05	04	01	04

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.

Gráfico 5 - Classificação dos países onde foram publicados os livros do dicionário Houaiss



Ao construir um dicionário de Língua é preciso pensar no léxico de um povo levando em consideração o reflexo que ele pode representar àquele povo, falante e usuário dessa língua. Ao analisar a bibliografia de referência constata-se que o lexicógrafo Antônio Houaiss viajou nas histórias das línguas latinas, mas com base no português do Brasil, fato esse defendido por ele como uniformização da língua a partir de Brasil e Portugal. Passou pelos continentes à procura de uma informação mais precisa do vocábulo e sua acepção. O dicionário *Houaiss* traz a língua portuguesa como a língua mais pesquisada; depois as línguas inglesa, francesa e espanhola, as quais pertencem as línguas latinas irmãs no português, exceto o inglês. Sabemos que a maior parte dessas obras é de outros países que não são lusófonos, é de livros técnicos-científicos. Mesmo assim podemos questionar o grande número delas para representação da língua portuguesa. Segundo Nunes (2007, p. 164):

Visualizando um espaço ético em que se reflita sobre as condições de conhecimento e de produção dos dicionários, parece-nos que um caminho para isso está no estabelecimento de uma relação conseqüente entre o estudioso da linguagem e a sociedade.

Nunes (2007) coloca a necessidade de o lexicógrafo conhecer a sociedade e dela saber os seus anseios e necessidades para assim construir o dicionário de língua. Já se discutiu antes sobre a produção do dicionário e percebeu-se a visualização social, histórica, política, cultural influenciando na confecção deste.

Comprova esse argumento pelo fato de Houaiss ter valorizado e entendido que o Brasil sendo o único país da América do Sul a falar língua portuguesa e se limitar com outros países que falam línguas latinas como Argentina, Paraguai, Peru que usam o Espanhol como língua oficial, assim como Guiana e Guiana Francesa que também refletem diretamente com a língua francesa em nosso território por ser limite com o norte do nosso país. Esses fatores contribuíram para que Houaiss dedicasse seu estudo no registro da palavra em consonância às influências que esses povos ofereceram ao português ao se limitar com uma língua de mesma origem. Ainda para Nunes (2007, p. 164):

De um lado, cabe explicitar as condições de produção dos conhecimentos em determinadas conjunturas, mostrando o horizonte de possibilidades com o qual a prática científica se defronta. De outro, é preciso promover, ao lado de uma divulgação em direção à sociedade, uma escuta dos saberes e dos anseios dessa sociedade.

Dessa forma, percebemos a influência externa para a escolha da bibliografia, o contexto histórico e social para assim cada acepção dicionarizada. Entretanto, o dicionário *Houaiss* sendo um dicionário de língua portuguesa não pautou pela uniformização da língua portuguesa como foi seu discurso, pois não se vê na bibliografia de referência destaques para outros países da losofonia portuguesa como língua oficial. Julga-se que pode ter havido pesquisa; apenas não foram registradas na bibliografia, pois afirma *Houaiss* (2001, p. 14): “Constatou-se, ainda, com a preciosa cooperação de colaboradores de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique”. Países que não aparecem na bibliografia de referência salvo Portugal e Angola.

A construção de um dicionário requer a “escrita dos saberes” como afirmou Nunes (2007), portanto percebe-se uma dicotomia: A língua é uniforme/ecumênica como discute *Houaiss* (2001), assim não é preciso consultar tantas obras de países de língua portuguesa, pois o Brasil e Portugal já foram contemplados com a maioria, como se bastasse, desprestigia a produção literária dos outros países que compõem a losofonia portuguesa. Percebe-se também a valorização da língua portuguesa falada e registrada no Brasil em detrimento aos demais países de língua Portuguesa.

Aponta Orlandi (apud NUNES, 2007, p. 169):

Pensamos por a heterogeneidade lingüística no sentido de que joga 'nossa língua' um fundo falso em que a 'mesma' abriga, no entanto um 'outro', um 'diferente' histórico que o constitui embora na aparência da 'mesmidade': o português brasileiro e o português – português se recobrem como se fossem a nossa língua, mas não são.

Nota-se, no entanto, que para um dicionário uniforme é preciso uma vasta pesquisa e conhecimento dos saberes e anseios de uma sociedade. Esse privilégio que *Houaiss* (2001) dá à língua falada no Brasil denota a incoerência da homogeneidade da língua. Isso porque não é levado em conta a língua falada nos outros países falantes da língua portuguesa. O que questiona Orlandi (apud NUNES, 2007). “Esse pensamento de que a língua é homogênea é devido à história da colonização por que passaram os países de língua portuguesa”.

A aculturação dos países colonizados não leva em consideração que esses povos já falavam outra língua as quais se comunicam perfeitamente e foram obrigados a falar uma língua desconhecida, negando suas origens, sua forma de organização social, ética, histórica cultural, política e religiosa. Ao construir um dicionário de língua leva-se em conta essa questão, valorizando o modo de cada país antes da aculturação, que depois de acontecida, torna quase impossível esse feito. Também ressaltamos a grande influência política de *Houaiss* para a uniformização da língua padrão em relação às demais. Supõe desvalorizar as línguas faladas nos países lusófonos. Assim ao privilegiar a língua falada no Brasil e em Portugal, constrói-se um discurso de uniformização que rege os outros.

O leitor de dicionário até os anos 60 exigia que ele fosse popular, depois a figura desse leitor (cidadão) exige um dicionário culto, devido à idéia de relação com outros países e a expansão universitária no país. Segundo Nunes (2007, p. 171), “Nesse processo de mudança, o dicionário vai-se deslocando do popular para o culto. Esta última imagem se nota atualmente, nos dicionários de Borba (2001) e *Houaiss* (2000)”. Fato esse que pode ter influenciado *Houaiss* na escolha do discurso de seu dicionário.

Dessa forma, o dicionário *Houaiss* mistifica ainda mais a hegemonia da “língua culta” como a de maior prestígio social. O que demonstra a desvalorização dos saberes ora difundidos por ele. Pensa-se também na noção de culto a outras línguas como francês, o inglês e o espanhol utilizados por *Houaiss* (2001). A partir desse leque de discussões acerca do *Houaiss* é pertinente afirmar o conceito

homogêneo de seu dicionário “a língua culta”; as demais variantes não são representadas.

Nunes (2007, p. 178, grifo nosso) afirma:

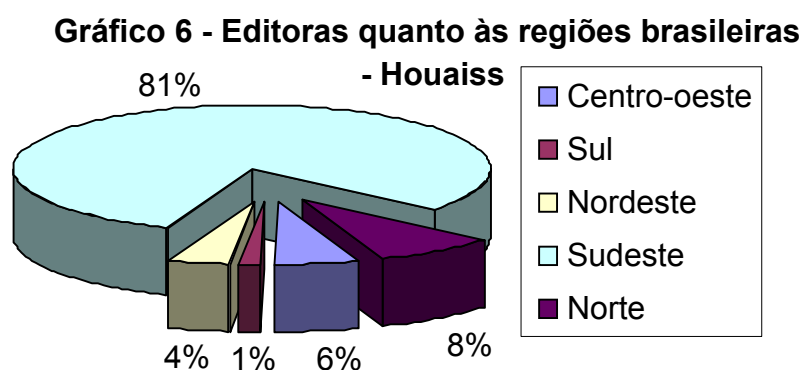
[...] diremos que a visão discursiva pode interferir no imaginário social, mostrando que o dicionário, não é **jamais neutro**, que **ele se dirige a leitores específicos**, que pressupõe certas imagens da língua. E que ele não funciona somente para tirar dúvidas ou para esclarecer os sentidos, mas para constituir os sujeitos em sua relação com a sociedade, com as instituições, com as ciências e as letras, com o Estado, com a ideologia.

A bibliografia de referência do dicionário Houaiss foi representativa na construção da ideologia de um dicionário culto e que os países de obras pesquisadas são considerados pelos usuários países ricos, e de línguas mais representativas no discurso da globalização, “chiques”, eruditas. Prova disso é a quantidade de estrangeirismos em nossa língua e sua preferência de uso no lugar da língua oficial. Dessa maneira, é preciso repensar o papel que os dicionários de língua desempenham enquanto registro do falar de um povo e que a partir de sua leitura quais as interferências ele pode provocar. E se ele tem um público definido, como argumentou Nunes, fica explícita a relação política de *Houaiss* para com a língua usada no Brasil em consonância com o feito do dicionário assinado por ele.

Tabela 6 – Editoras quanto às regiões brasileiras – Dicionário Houaiss

Centro-oeste	Sul	Nordeste	Sudeste	Norte
30	7	21	408	42

Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2001.



Com esse gráfico queremos discutir as regiões brasileiras, ou seja, a representatividade das variedades de obras regionais brasileiras na construção do dicionário *Houaiss*. O gráfico apresenta uma representatividade maior da região Sudeste em relação às outras regiões brasileiras. Nota-se que há uma ideologia de uniformização da língua a partir do Sudeste.

Aqui, cabe discutir o papel da editora. Seria o Sudeste elitizado o que fez os escritores lançarem suas obras na região ou as outras regiões do país não havia editor? No caso do dicionário *Houaiss* como sua fonte é lexicografia justifica-se pelo fato das pesquisas e dicionários serem mais desenvolvidos no sudeste, pois é o centro das grandes editoras como Nova Fronteira e Objetiva.

É fato que o dicionário descreve o léxico como forma ideal de língua, sendo ele, padrão da escrita, porém deve respeitar os linguajares falados por todas as regiões dos países de língua, por conseguinte, o dicionário de língua privilegia o falar e o registro do país do editor.

Pelas razões impostas, percebe-se a tendência que o dicionário de língua tem na uniformização da língua, isso devido ao registro, “forma culta”. No Brasil esse registro é único devido a norma ortográfica seguida pela academia, embora Portugal e os outros países de língua portuguesa esse “culto”, esse registro tem algumas diferenças, mas não interferindo muito nas acepções, porém mesmo assim a heterogeneidade da língua não está representada suficientemente na bibliografia de referência. Hoje, é preciso levar em conta também as variedades usadas em outros gêneros e portadores de grande prestígio e circulação, especialmente aqueles que buscam fazer-se entender por milhares de leitores e ouvintes, independentemente de sua origem geográfica e social: jornais e revistas, programas de TV e rádio.

Houaiss não valorizou a língua falada, deu-se privilégio ao registro escrito, o que de um lado valoriza a historicidade e o reconhecimento que o padrão tem para a sociedade de outro, discrimina a “língua viva” de um povo, de uma região, como a registrada pela literatura. Na concepção de língua viva observamos que hoje a literatura está voltada para a cultura do povo. O dicionário de língua também. Nenhuma obra se sustenta sozinha observando em sua maior parte a forma como as palavras são usadas. O dicionário *Houaiss* vê a língua como formadora de opinião de um povo, valoriza o registro padrão e técnico da língua. Pouco discute a questão da língua enquanto variedade lingüística. Como a intencionalidade da obra era navegar pela historicidade da língua e sua forma padrão desde a criação da

língua portuguesa optou por estudar um *corpus* que registrasse essa cultura dicionarística, assim justificando os gráficos discutidos acima.

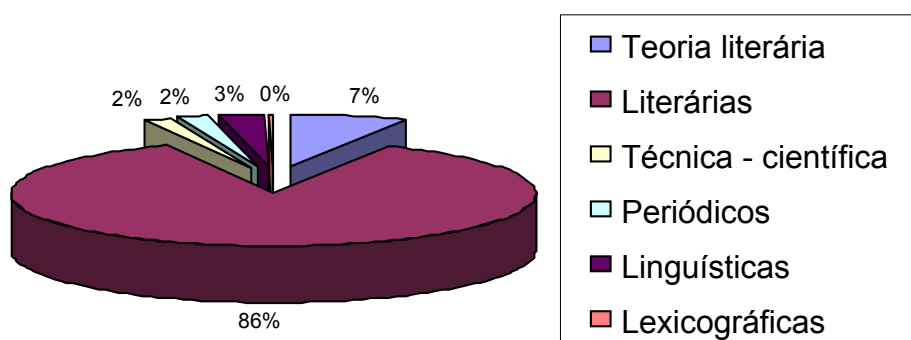
3.3.2 Análise dos gráficos do Dicionário Aurélio

Tabela 1 – Tipos de obras do Dicionário Aurélio

Teoria literária	Literárias	Técnica - científica	Periódicos	Linguísticas	Lexicográficas	Total
185	2.173	40	48	68	10	2.524

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 1 – Tipos de Obras - Aurélio



O dicionário Aurélio Século XXI usou como fonte representativa uma bibliografia que pautasse para a construção de um dicionário popular que ajudasse o consulente a compreender que a língua fica em constante movimento e que perceba a heterogeneidade da língua assim como as questões sociais, históricas, econômicas e geográficas que sofrem a língua. O lexicógrafo utilizou em maior parte obras literárias. Isso porque obras literárias são fontes vivas do uso da língua é ela que registra essa diversidade de uma comunidade falante de uma mesma língua. Esse fato faz do dicionário Aurélio uma obra popular, fácil de compreensão e muito usada pelo povo. Não prima pelo estudo dos étimos também como pouco registra significações como sinônimos, parônimos, antônimos e hipônimos. Seu processo de remissivas é em menor número em relação ao *Houaiss*, pois trata-se de explicar ao consulente no próprio verbete pesquisado. É rico em exemplos de uso tirados da literatura, onde qualquer usuário do mais simples ao mais erudito compreenderá

como afirmou Anjos no prefácio já discutido na apresentação do dicionário Aurélio.

Isso denota uma preocupação do lexicógrafo para com o estilo do uso da língua. A literatura, nesse sentido, representa a movimentação da língua em um tempo e espaço dando à palavra uma significação viva. *Aurélio* tem como bibliografia de referência para seu dicionário a literatura e essa representatividade expressa uma suposta subjetividade metaforizada do discurso, partindo da conotação para a denotação. A linguagem literária diverge da linguagem comum, porém é rica de verossimilhança e foi essa verossimilhança que *Aurélio* primou na construção do seu dicionário de língua. O dicionário é o registro da cultura de um povo e nada mais representativo em sua construção uma área que consolida essa movimentação cultural, lingüística que é a literatura.

Segundo Anjos e Ferreira (apud AURELIO, 1999, p. IX):

Na elaboração de seu Dicionário, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira teve, desde o início, a colaboração de grandes personalidades de nossa cultura, tais como Manoel Bandeira, Abgar Renault, Antenor Nascentes, Fernando de Azevedo, Francisco Venâncio Filho, Leonam de Azevedo Pena, Tales de Melo Carvalho [...] além de manter constante diálogo com amigos como João Guimarães Rosa, [...] mantém o refinamento dessas contribuições, e todas as áreas do conhecimento estão representadas por seus expoentes.

Dessa forma, vale ressaltar que a bibliografia de referência do dicionário *Aurélio* foi com 86% de fontes literárias e em segundo lugar também ligada à literatura com 7% de fontes que discutem a literatura, ou seja, *Aurélio* quis realmente dar um tom de discurso literário ao seu dicionário. Positivo esse pensamento, pois a literatura foi o marco na história da língua. Nossa língua só foi tida como oficial a partir de seu registro na literatura no início do século XII. O dicionário é moderno, mostra a evolução da língua, registra seu uso em vários países lusófonos, assim como regionalismos, justifica-se o uso de inúmeras obras de autores do regionalismo brasileiro, valoriza a língua falada dando ao registro normatizado exemplos claros do cotidiano. O que interfere diretamente nas acepções dos vocábulos. O dicionário representa no seu discurso uma linguagem mais popular e não se preocupa tanto com a historicidade dos étimos e sim com o momento da produção e uso de cada vocábulo. Tenta representar os exemplos de uso oriundos da literatura, transformando num dicionário de fácil compreensão, ou seja, um dicionário popular. Para Nunes (2004, p. 808-809) o *Dicionário Aurélio*

representa um novo marco para a lexicografia brasileira em detrimento à cultura, apontando que:

A literatura brasileira está contemplada, sobretudo com autores modernos. Inclui também cronistas, além de canções e “a língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, o falar do povo, os linguajares diversos: regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, gírios”. Constrói, assim uma imagem da “língua viva”, que teria nos cronistas um dos mais significativos representantes.

Essa gama de referências ligadas à literatura revela uma preocupação do lexicógrafo para com o estilo literário. Segundo Biderman (2004, p. 194):

[...] o vocabulário das grandes obras literárias deve ser registrado no dicionário como modelo ideal de Língua escrita para a comunidade dos falantes por considerarem sua linguagem e seu estilo dignos de serem imitados.

No entanto, essa mesma autora salienta que:

Devemos evitar idiosincrasias dos romancistas, poetas e escritores em geral, que muitas e muitas vezes criam palavras numa situação *ad hoc*, ou por razões exclusivamente estéticas; frequentemente essas criações neológicas não se perpetuam na tradição (p. 194).
É por causa da atribuição de autoridade literária dada ao escritor que tais palavras aparecem registradas no dicionário. Consta-se que Aurélio Buarque de H. Ferreira, como fizeram outros dicionaristas do passado, ficava fascinado por uma palavra exótica e a registrava em fichas para depois incorporá-la ao dicionário (p. 193).

Podemos de fato questionar a normatização de certas criações neológicas feitas pelos autores, já que não são usadas. Pode-se talvez justificar pela vontade de atualidade do dicionário *Aurélio*. Tanto que Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. IX) destacam o seguinte: “[...] tão ou mais importante que os estrangeirismos é o registro dos regionalismos, gírias e usos populares do português no Brasil.” Isso problematiza a fundamentação da fonte do uso da palavra, o que não é explícita no *Houaiss*, pois, não priorizou regionalismos, gírias e linguagem popular como fez Aurélio, porém, apresenta a fonte de quando e onde usou determinado vocábulo o que não é priorizado por *Aurélio*. As palavras não têm registro fiel da primeira vez que foram usadas na fala, sua história precisa, por isso *Aurélio* era fascinado em registrar aquilo que só ele estava presenciando com conversas

corriqueiras como afirma Biderman (2004, p.195).

O problema é que a qualidade científica dessas obras é questionável em muitos casos. Muitas dentre elas foram organizadas por curiosos e diletantes sem critério nenhum. [...] Creio que Aurélio Buarque de H. Ferreira, amante das palavras e do vocabulário típico do Brasil, foi registrando tudo sem estabelecer parâmetros confiáveis.

Esse apontamento questiona a extensa bibliografia de referência do Dicionário Aurélio Século XXI com aproximadamente 2.530 obras pesquisadas, (bem maior que o *Houaiss*). Porém, deve-se destacar a preocupação do lexicógrafo em registrar devido à frequência do uso e sua valorização da língua portuguesa usada pelo povo em detrimento ao tempo e ao espaço. Uma oportunidade ímpar de seu registro, tornando o dicionário considerado do povo. Para Biderman a qualidade científica fica comprometida em muitos casos em relação à palavra, mas a preocupação de *Aurélio* não era o registro histórico da palavra, mas o seu uso. A palavra só perpetuará enquanto língua viva se for usada pelo povo. Ao contrário cai no arcaísmo.

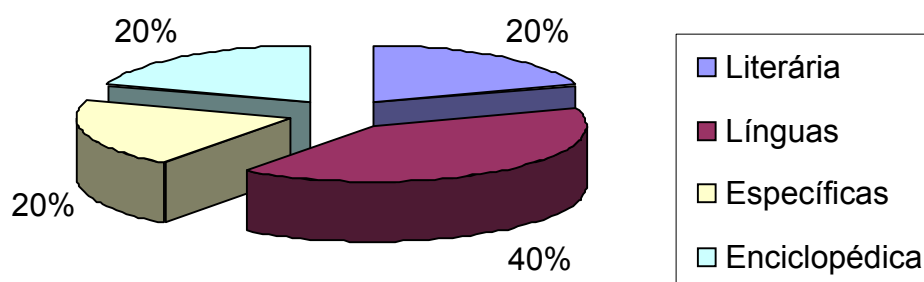
O dicionário *Aurélio* registra o padrão culto. Esse padrão encontrado em textos jornalísticos em geral, porém, nem sempre nos textos literários. O texto literário não apenas reflete as decisões pessoais do autor (que frequentemente viola as regras do padrão a fim de obter feitos estéticos), mas ainda pode conter traços do coloquial de uma ou outra região. Nesse sentido, pode-se identificar a região de origem de um autor através de um exame de sua linguagem.

Tabela 2 – Sobre as obras lexicográficas do Dicionário Aurélio

Literária	Línguas	Específicas	Enciclopédica
2	4	2	2

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 2 - Obras lexicográficas - Aurélio



Nota-se na bibliografia de referência do Aurélio uma pequena fonte lexicográfica, insignificante levando em conta o número de fontes usadas por ele, em relação ao *Houaiss*, isso se dá pelo fato do caráter da obra, sua idéia não era registro filológico das palavras e sim o uso. O que contribuiu para várias críticas em relação a sua formação enquanto literato. Assim, sugere a singularidade de seu dicionário sobrepondo aos demais. Porém, Biderman (2004, p.196) questiona o fato de muitos vocábulos terem sido usados com significados não usuais do atual expressando que tal fato ocorreu por terem sido copiados de dicionários anteriores. O que coloca em discussão a pequena bibliografia lexicográfica utilizada por *Aurélio*. Já *Houaiss* é relevante, pois admite essa pesquisa, o que foi comprovada no gráfico deste mesmo título.

[...] muitas vezes os dois dicionaristas – **Houaiss e Aurélio** – incluíram **sentidos** que já não se usam, caso tenham sido de fato usuais em etapa anterior da língua. Julgo que assim agiram induzidos frequentemente por registros de dicionários que os precederam.(grifo nosso)

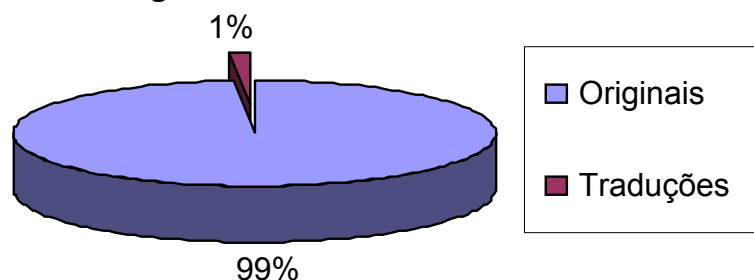
Dessa forma, é preciso refletir sobre o fato de o *Aurélio* não ter priorizado outras obras lexicográficas. É preciso compreender que um pesquisador deve ter familiaridade com a área que se propõe pesquisar. Sugere-se, no entanto, que *Aurélio* pode ter discriminado material relevante para sua pesquisa e usado aleatoriamente vocábulos soltos como sugere o pequeno número de obras lexicográficas utilizadas por ele.

Nesse caso é notória a insignificância das obras de cunho lexicográfico para *Aurélio*, pois numa bibliografia com aproximadamente 2.530 obras, levantamos apenas quatro dicionários de língua. Supõe-se que essa representação seja iminentemente caracterizada devido à modernização das grandes cidades, motivadas pelo grande crescimento industrial e tecnológico; transformando numa urgência, dicionários que ajudassem o trabalhador com uma linguagem mais acessível ao momento. Fragiliza assim algumas acepções discursivas que poderiam ser mais bem explicadas com o uso de outras obras especializadas. Usar uma outra obra lexicográfica para maiores esclarecimentos é positivo, apenas não podemos privilegiar, pois seria desvalorizar demais as outras possibilidades usadas pelo povo.

Tabela 3 – Classificação quanto à originalidade das obras do dicionário Aurélio

Originais	Traduções
2.487	37

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 3 - Classificação quanto à originalidade das obras - Aurélio

O dicionário *Aurélio* assim como o *Houaiss* também valorizou a pesquisa em um *corpus* original, porém com uma grande diferença, as fontes pesquisadas por *Aurélio* são em maioria de países de língua português, mostrando assim a primazia da língua no dicionário. O dicionário postula ser de língua portuguesa sem distinção de língua falada no Brasil ou em outros países da lusofonia. Segundo Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. XXIV, grifo nosso):

Uma obra inteiramente revista e ampliada com base no português contemporâneo, mas que concilia palavras e significados do presente com aqueles utilizados na literatura do passado. Verdadeiro código da língua **falada e escrita** no **Brasil** e mesmo nos demais países de língua portuguesa.

Analisa-se, dessa forma, que o lexicógrafo prima por trabalhar com obras que justificam tanto quanto a modernidade (a flexibilização da língua quanto aos falares do povo), tendo consonância com países de língua portuguesa. Isso faz do *Aurélio*, um dos dicionários mais usados e requisitados pelos consulentes. Seu *corpus* é literário e principalmente de língua portuguesa o que representa a “língua viva”. E, é nesse conceito de língua viva que *Aurélio* se baseou para não transformar seu dicionário em língua homogênea, mas, mostrar a heterogeneidade lingüística de um povo.

Payer (apud NUNES, 2007) discute a nítida relação da História da língua e seu registro que vai sendo perpetuado pelo falar de cada um em cada contexto.

Contextos registrados eternamente pela literatura, pois cada povo tem sua maneira de ver e sentir o mundo que o rodeia através da língua e na literatura é perpetuado.

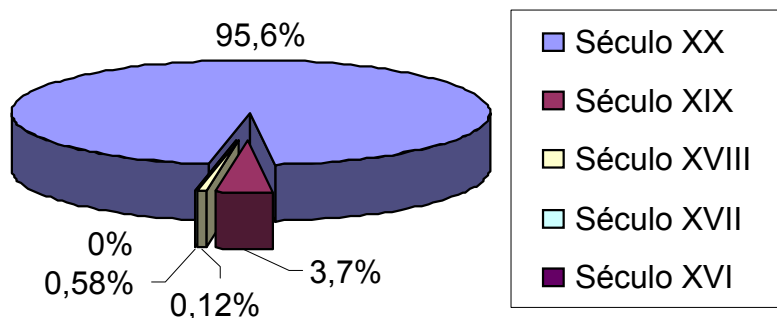
Vale ressaltar que tanto o *Houaiss* quanto o *Aurélio* primam pelos textos originais (independendo da língua, o que resultou em 02 (duas) obras altamente informativas). Claro, cada uma com um *corpus* diferenciado, segundo suas abordagens e metodologias. Vê-se nas bibliografias de referências dos 02 (dois) dicionários uma grande preocupação para com a representatividade de cada obra na construção do discurso escolhido por cada lexicógrafo. É pertinente dizermos que *Aurélio* não se preocupou em construir um dicionário voltado para a uniformização da língua, portanto acabou sendo aceito e muito usado nos outros países de mesma língua.

Tabela 4 – Datas das edições das obras pesquisadas no dicionário Aurélio

Século XX	Século XIX	Século XVIII	Século XVII	Século XVI
2.414	93	14	03	0

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 4 - Datas das edições das obras pesquisadas - Aurélio



Sendo a bibliografia do *Aurélio* bem mais numerosa que a do *Houaiss*, privilegiou também as edições modernas. O que se nota também é que *Aurélio*, dentre as obras pesquisadas somente do século XX, privilegiou as obras entre 1940 até 1999 data da confecção da terceira edição. Mostra uma imensa preocupação para com o falar atual do povo. Não se preocupa muito com o padrão e sim com todas as variedades de uma língua. Assim, não classificou seu dicionário como filológico, mas como popular, moderno. Espelha-se na teoria de que “O dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade.”

(BIDERMAN, 2004, p. 185). Como a maioria de sua bibliografia é literária, valoriza a linguagem atual e promove conhecimento político, social, histórico, cultural e econômico de um povo em relação à língua e ao contexto. Assim como o dicionário, a literatura convalida o uso da língua o que é relevante no *Aurélio*.

Como as obras, em sua maioria, são de países de Língua Portuguesa e essas reeditadas, justifica-se o uso, facilitando as novas edições, fato que não acontece com obras lexicográficas (escolhidas por *Houaiss*).

A literatura, assim como os dicionários, surgiu em maior número no século XIX, porém no caso de textos em Língua Portuguesa se diferem devido à facilidade do gênero literário desde a cantiga da ribeirinha no século XII. E com a evolução da língua, não se perdeu esses registros, tais como eram, apenas os reproduziram em novas edições. No caso do dicionário, isso é mais difícil, pois requer um estudo minucioso das ciências do léxico.

Segundo Krieger *et al* (2006, p. 183):

Mesmo com limitações a obra de Aurélio determina a feição do léxico vigente no Brasil. Além da grande representatividade, pode-se dizer que, com o Aurélio, as discussões sobre a autenticidade ou a identidade da língua portuguesa falada no Brasil acabam por perder o sentido. Tanto assim é que seu dicionário passou a ser largamente utilizado em Portugal, muito embora seja estruturado com base na variante brasileira. Dessa forma, o *Dicionário Aurélio*, junto com a concepção lingüística de variante, contribuiu para reorientar o foco de discussão e de estudos sobre as questões lingüísticas que envolvem o português de Portugal e do Brasil.

Justifica-se o uso, das edições atuais, reconhecendo a concepção lingüística de variante abordada por Krieger (2006). Somente a partir de Saussure se discutiu a língua como objeto de estudo e só a partir dos anos 60 viu-se na língua a possibilidade da discussão acerca da variante lingüística, valorizada aqui por *Aurélio*. Segundo Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. X) “que sua utilização possa ser permanente, e sua utilização, a mais franca e universal possível, ao alcance tanto do mais simples como do mais culto e exigente usuário.”

Ainda segundo Krieger *et al* (2006, p. 184):

Por estas e outras razões, o *Dicionário Aurélio* assume uma posição de destaque no quadro dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira, ocupando, praticamente sozinho, o cenário editorial da lexicografia da segunda metade do século XX. O nome de Aurélio tornou-se sinônimo de dicionário, constituindo-se de fato em obra de referência dos usos e

sentidos da língua falada e escrita no Brasil. E como tal, estabelece definitivamente a lexicografia brasileira.

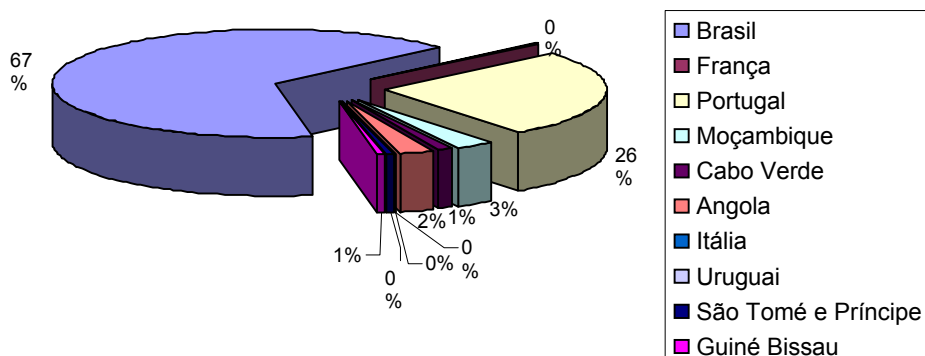
Assim, *Aurélio* contempla o conceito de língua que se discutiu no primeiro capítulo, sobre o conceito de língua e suas variantes, a sociolinguística e a pragmática restabelecidas aqui como pertencentes ao universo lexical da língua e sua riqueza vocabular. *Aurélio* demonstrou em sua obra uma dinamicidade em atribuir essa ou aquela acepção à palavra, dando exemplos da língua em movimento, viva com recortes da literatura, para que se tornasse um dicionário atual; capaz de fazer com que o público sentisse prazer em lê-lo.

Tabela 5 – Classificação dos países onde foram publicados o *corpus* do dicionário *Aurélio*

Brasil	França	Portugal	Moçambique	Cabo Verde	Angola	Itália	Uruguai	São Tomé e Príncipe	Guiné Bissau
1.669	10	658	71	26	60	01	01	12	16

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 5 - Classificação dos países onde foram publicados o *corpus* do dicionário *Aurélio*



Observa-se no gráfico a preocupação de *Aurélio* (1999) com os países de Língua Portuguesa. A valorização da Língua falada e escrita no Brasil a partir de obras literárias como fonte inesgotável dessa riqueza de nossa cultura usada no Brasil em evidência com a usada nos outros países de língua portuguesa. Há uma preocupação nas fontes pesquisadas por textos de origem da língua latina. Um dicionário de língua deve pesquisar fontes de países que têm a língua oficial, a língua escolhida pelo lexicógrafo, no caso o Português. Cada país de língua portuguesa foi colonizado em um espaço e tempo diferenciados, influenciados por culturas diferentes. O que torna necessário um estudo minucioso de cada

aculturação feita pelos colonizados da língua imposta e quais as influências dialetais, estrangeiras que sofreu. Todo povo sofre influências de outros povos, pois há migração de culturas, crenças, atos políticos e sociais de um povo para outro, e tudo isso se dá pelo ato da língua falada/escrita tendo como registro a língua oficial de cada nação.

Os países colonizados por Portugal foram exaustivamente pesquisados, sendo as referências para *Aurélio* (1999). Isso denota uma preocupação com a história e dinamicidade da língua. Como o *Aurélio* é um dicionário de língua, contempla estudos nos países de mesma língua. Não significa o paradigma de língua uniforme, homogênea, porém heterogênea.

Segundo Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. XIII, grifo nosso):

É para que o **Aurélio** continue, sempre, a refletir o português vivo, do Brasil, de Portugal e – esta é uma novidade introduzida na presente edição – da África, continuaremos, dentro do nosso propósito de fidelidade à obra do Mestre, a registrá-lo em todos os seus assuntos.

Cabe aqui, ressaltar a heterogeneidade da língua na fala de Anjos e Ferreira. O dicionário propõe refletir o português do Brasil/Portugal e África. Comprova esse fato pelo estudo minucioso das obras de tais países, familiarizando *Aurélio* com o falar do povo desses três continentes colonizados em contextos diferentes. Anjos e Ferreira (apud AURÉLIO, 1999, p. XIII, grifo nosso) afirmam que:

Um dicionário é, por excelência, uma obra dinâmica. A expansão da informação, nos dias atuais, é constante, e, conseqüentemente, o surgimento de novas tecnologias; a língua se modifica por exigência das várias áreas **científicas, literárias**, etc.

Assim o dicionário tem uma preocupação com o estudo da dinamicidade da língua, também é fato discutir que o dicionário *Aurélio* foi publicado em 1975, época em que os leitores passam de populares para cultos, ainda com uma visão de popular; isso se dá pelo grande número de novas edições e mercado. Segundo Nunes (2007, p. 175) “[...] em meados do século XX eles se voltaram mais para a circulação dessa língua na escola e junto a um público mais amplo”. Evidenciando o fator comércio, principalmente, ao *Aurélio* devido à sua familiaridade com a língua do povo, a qual compila os vocábulos falados no Brasil e nos outros países de Língua

Portuguesa. Prima em suas referências segundo o gráfico a utilização de fonte de países como a França, Itália - país onde surgiu o latim clássico e vulgar, do qual derivou o Português, e, Uruguai, país de Língua Espanhola. Todos de língua latina.

Segundo Nunes (2004, p. 809):

[...] apontamos os efeitos da globalização na imagem dos dicionários. Depois de consolidada a unidade nacional, o final do século vive um movimento de internacionalização. Nota-se isso no **Dicionário Aurélio**, que passa a introduzir termos de **países africanos**. Sustentando que desse modo a imagem da língua portuguesa como língua internacional.(grifo nosso)

Aurélio baseia-se na internacionalização da língua portuguesa, não como homogênea, mas como heterogênea. Levando em conta os outros países que compõem a lusofonia nos três continentes onde temos representantes ativos dessa língua, viva, que é o português.

Para Krieger *et al* (2006, p. 183):

A obra que alcança a repercussão que a Academia esperava, e que consagra o chamado *Dicionário Aurélio*. A primeira edição, datada de 1975, já se caracterizava como obra de grande porte em razão da extensão da nomenclatura, próxima de 150 mil entradas. A exaustividade dos registros também tipifica a obra de Aurélio como uma espécie de *thesaurus*. Nas duas edições subseqüentes (1989 e 1999), amplia-se a nomenclatura. A segunda acresce cerca de 300 mil entradas e a terceira (2004) e última edição é apresentada como totalizando 435 mil verbetes. No tocante aos brasileirismos, encontra-se cerca de 25% de ocorrências coletadas em várias fontes. Segundo o autor, no prefácio da primeira edição (1975), refere-se que não se limitou ao literário, buscando outras fontes de coleta de dados, incluindo a linguagem das revistas e textos jornalísticos, do teatro, do rádio e televisão, do falar do povo e dos linguajares diversos como jocosos, regionais, depreciativos, profissionais, gíriescos.

Assim dá ao *Aurélio* uma qualidade de dicionário de língua, voltado para a atualização da língua. Essa ruptura com a tendência erudita foi reflexo de pensamentos discutidos em vários momentos da escrita literária brasileira. Segundo Biderman (1998, p. 16) a Semana de 22 foi um desses movimentos importantes para a valorização da língua nacional que tinha como objetivo:

Proclamar a independência definitiva da cultura e da língua do Brasil com relação à matriz Portuguesa. [...] Desde então foram abandonados os modelos europeus e o ideal lingüístico que considerava a norma culta de Portugal como modelo correto e perfeito.

Essa ruptura não prejudicou as relações entre os países lusófonos, ao contrário, fez com que a língua falada e escrita no Brasil penetrasse nos outros países como marca da riqueza universal da variante da língua portuguesa de Portugal. Prova disto é que o dicionário de Língua portuguesa Aurélio Século XXI é um dos mais requisitados pelos usuários portugueses. Esse fato se confirma de acordo com o apontamento de Krieger *et al* (2006, p. 173): este “dicionário passou a ser largamente utilizado em Portugal, muito embora seja estruturado com base na variante brasileira”.

O que há de mais rico numa língua que a possibilidade usual dela em lugares diferenciados. Uma das características mais evidentes das línguas é sua variedade e essa variedade é natural e decorre do fato de que as línguas naturais não são sistemas monolíticos, invariáveis e imutáveis no espaço e no tempo. Pelo contrário, as línguas são sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a fatores como (dentre outros) a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos falantes e o grau de formalidade do contexto. Assim não significa que a comercialização do *Aurélio* em outros países de língua portuguesa seja de caráter homogêneo, mas uma forma de conhecimento e relações da língua em consonância com a história de cada país. Segundo Bechara (2000, p. 5): “não há nada no português brasileiro que não exista em Portugal”, argumenta ainda que: “Falamos a mesma língua. Do que ninguém duvida é que nosso modo de usá-la é bem diferente do de Cabral”.

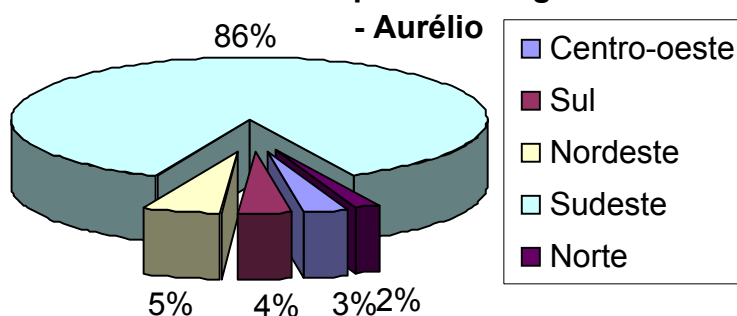
Mais uma vez é colocada a questão do uso. E o dicionário prima pelo uso o que é natural mostrar a riqueza desse uso pelos diferentes povos de língua portuguesa. Essa relação que baseou *Aurélio* em fazer de sua obra com referencialidade em obras de vários países de língua portuguesa como nota Krieger *et al* (2006).

Tabela 6 – Editoras quanto às regiões brasileiras – Dicionário Aurélio

Centro-oeste	Sul	Nordeste	Sudeste	Norte
49	61	91	1440	28

Fonte: Dicionário Aurélio Século XXI, 1999.

Gráfico 6 - Editoras quanto às regiões brasileiras



O dicionário *Aurélio* assim como o *Houaiss* tem na bibliografia de referência obras editadas no Sudeste. O *corpus* pesquisado por *Aurélio* representa as editoras na região Sudeste. O maior acervo de nossa literatura é realmente do Sudeste. *Aurélio* dedicou-se também a outras regiões, embora comparando ao Sudeste, tornam-se mínimas (quase insignificantes.) Ressalta-se a dificuldade de editoras em outras regiões, o que favorece a migração de obras para serem editadas no eixo (São Paulo x Rio de Janeiro). Muitos livros têm características, linguajares regionais, como: “Tropas e Boiadas” Hugo de Carvalho Ramos – autor goiano -, porém a edição é do sudeste.

Nesse sentido, muitos outros escritores também migraram seus textos ao sudeste. Fica uma reflexão sobre o papel do editor nessas obras. Qual seria a influência ideológica dele em relação ao que publica? Esses editores não exigem uma fidelidade/uniformização da língua da localidade da editora?

É perceptível essa relação nas obras literárias, jornais, revistas e televisão. O que se fala nessa região é padrão para as demais. Todos entendem e julgam ser correta. Não se pode conceber uma idéia mercadológica, no sentido de facilidade e credibilidade na edição de um livro, afinal, vários escritores de diferentes regiões do país migram para a região Sudeste na tentativa de publicar seus livros. Segundo Nunes (2004, p. 810): “É quando ganha corpo um processo de urbanização, escolarização e industrialização, surgindo nos centros urbanos um público leitor de dicionários nas escolas, instituições públicas e comércio na região Sudeste.” Pois o Sudeste é desde a década de 30 o nosso centro urbano.

É provável que *Aurélio/Houaiss* usaram muitas obras regionais, porém as edições não são de suas regiões, prejudicando assim nosso levantamento. Pelas razões expostas o *dicionário Aurélio* busca discutir a linguagem falada por diferentes povos de muitas regiões dos países da língua portuguesa. Registra muitos

vocábulos e nota-se de valores regionais e figurados, valorizando o popular e a riqueza heterogênea da Língua.

3.3.3 Considerações sobre comparações e discursos construídos

Já se discutiu a relação do dicionário Aurélio com a sociedade, e a influência que ela teve para a construção desse dicionário tão popular. Nesse contexto, geográfico do português no Brasil, percebe-se que as referências bibliográficas dos dois dicionários (*Houaiss* e *Aurélio*), demonstram uma representatividade muito forte de prestígio do que se fala e escreve no Sudeste às demais regiões. Embora não seja explicitamente defendidas pelos dois lexicógrafos, é sugerido pela fonte das editoras.

Segundo Nunes (2007, p. 165): “[...] ocorre uma descrição de um certo modo de dizer, e com o domínio da escrita, já que o dicionário muitas vezes é elaborado a partir de um *corpus* escrito.” Isso coloca em evidência a subjetividade do lexicógrafo, sua depreciação com certas obras e sobretudo com a língua falada.

Portanto, é necessário que se faça uma análise do que se lê nos dicionários. São eles discursos de outros discursos? Seria o *Houaiss* um discurso filológico de nossa história lexicográfica? O *Aurélio*, um discurso metaforizado das obras literárias? Segundo Nunes (2004, p. 810): “A interpretação do levantamento bibliográfico, fundamenta na explicitação das condições de produção dos dicionários, mostra algumas transformações nos estados discursivos e nas formas dicionarísticas”.

Assim afirma-se a representatividade da bibliografia de referência na ideologia discursiva do dicionário. Porém, há muita discussão acerca do fazer de um dicionário. Sua referencialidade e o *corpus* escolhido, muitos vocábulos ficam sem entradas no dicionário, muitas acepções desconsideradas e muitas falhas em relação ao modo de falar de cada povo pelos critérios de inclusão e exclusão de um dicionário. Dessa forma é pertinente o estudo para que se entenda realmente qual o papel das obras lexicográficas.

Biderman (2004, p. 200) lamenta da seguinte maneira:

Infelizmente, é preciso cobrar das equipes que elaboraram estas obras, o fato de um trabalho tão grande e mesmo insano, ter falhas que poderiam ter sido evitadas. De fato, se um corpo de lingüistas de formação especializada em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia tivesse cooperado nestes grandes empreendimentos e se essas obras se tivessem fundamentado em um grande *corpus* informatizado, representativo do Português Brasileiro contemporâneo, elas poderiam atingir o *status* de grande tesouro lexical da nossa língua.

Conclui Biderman (2004, p. 199) que: “Numa avaliação geral é preciso admitir que o *Aurélio* continua sendo um dicionário mais coerente e de melhor qualidade técnica que o *Houaiss*, apesar das muitas críticas feitas neste trabalho.” Pode-se afirmar que por ter usado uma bibliografia mais moderna e que mostra a língua em movimento, “língua viva” como a literatura, fez do *Aurélio* um dicionário mais parecido com o povo.

Nesse sentido, as referências bibliográficas escolhidas pelos lexicógrafos para formar seu *corpus* de trabalho podem revelar muitas falhas e também acertos dos estudiosos. É notório o fato de que os dicionários aqui analisados são distintos entre seu propósito no seio social. O *Aurélio*, no tocante à proximidade e simplicidade dos conceitos atrai a atenção dos consulentes que também terão base literária em suas mãos para entender o sentido de um vocábulo, já o *Houaiss* visa ajudar aqueles que pretendem entender a língua de uma forma mais histórica. Para aqueles que precisam se situar em um espaço e em um tempo determinados, além de buscar acepções mais complexas (eruditas), o dicionário *Houaiss* satisfará as necessidades dos consulentes. Cabe ao leitor e aos estudiosos adotarem aquele que tiver menos equívocos para melhor atender suas expectativas quanto aos conhecimentos referentes ao léxico da Língua Portuguesa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a construção da representatividade da bibliografia de referência para a construção do discurso lexicográfico é preciso pensar no ser humano como construtor de seus discursos pelas escolhas que fazem no decorrer de sua existência. Por isso, as opções do pesquisador de qualquer área, principalmente de língua, não passam da repetição do ato de recortar-colar, do qual se origina o texto como produto da leitura que, por sua vez, é resultado de uma excitação provocada por outro texto. O dicionário de língua, obra altamente registradora de uma cultura, vai ao encontro dessa ou daquela palavra para que possa torná-la conhecida em diferentes contextos e lugares. O essencial dessa escritura é que o sujeito da enunciação (no dicionário ele é apagado) escolhe, seleciona e aplica, considerando as preferências da equipe. O teor da bibliografia escolhida pelo enunciador é que sustenta toda a obra construída.

Ao analisar o discurso lexicográfico a partir de sua bibliografia de referência foi possível perceber a interferência de vários discursos nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio*. O primeiro com uma abordagem reflexiva da língua enquanto história e o segundo uma reflexão sobre os caminhos que a língua percorre na cultura de um povo. Mas, como representar uma língua em uma obra como o dicionário de língua sem representar adequadamente o discurso de outrem. O distanciamento do sujeito que fala da realidade do outro e a relação do lexicógrafo com esse outro. Percebemos que essa relação é um tanto parcial, subjetiva, sobre aquilo que se propõe representar. Os dicionários são representantes e guardiões de uma cultura. Porém, não se limitam ao registro somente de uma cultura, desdobram no fazer lexicográfico e vai além transformando aquilo que é convencional numa rede de significados desconhecidos de muitos usuários da mesma cultura. No caso do dicionário *Houaiss* ele busca seu discurso em obras lexicográficas, técnico-científicas para atender a um público – digamos culto -, ao passo que o dicionário *Aurélio* vai em busca de um discurso menos agressivo ao modo de falar de uma comunidade lingüística. Valoriza os falares de várias regiões, registra a língua popular das canções e dá ao dicionário um tom de espelho do povo.

O dicionário de língua institucionaliza a palavra a qual é representada politicamente e socialmente ao encontro com o sujeito que a descreveu. Há uma

ilusão ao representar uma palavra, pois toda escrita requer alguém que lê. Dessa forma questionamos o fazer dicionário de língua e chegamos à reflexão de que toda palavra sendo ela escrita ou não deva ser questionável. Subjaz a ela um discurso construído e como em toda a sociedade a produção do discurso é controlada; transformando como ilusão do dominador em representar o que se diz. Segundo Silva (2004, p. 63):

As Formações Imaginárias conduzem o rumo que o discurso vai seguir, mesmo que às vezes essas hipóteses sejam destruídas mais tarde quando o contato direto com o leitor mostrar uma realidade diferente da hipoteticamente criada. Portanto, ao construir o discurso, já está se pensando no leitor e na sua aceitabilidade e aprovação que tornam válido e prestigiado, fazendo-o, assim, atingir o seu objetivo de criador de efeitos de sentido.

Retomamos a Matoré (apud SILVA, 2004, p. 32.) que diz que a lexicografia “reflete a sociedade” e “as palavras não caem do céu, mas têm uma data e hora de nascimento.” Proposta esta defendida por *Houaiss* em registrar a história dos étimos. Ao ler esse dicionário perceberá o quanto ele é rico em registrar possíveis datas de uso da palavra em diferentes obras lexicográficas. Toma como primeira acepção de qualquer verbete a historicidade de cada palavra. Dado que pode provocar no consulente um descaso ao manusear esse dicionário. Se considerarmos que a língua é um instrumento de poder e, por meio dela, valores e pensamentos são construídos, reforçados e transformados. Entendemos que os dicionários em questão são formas de convalidar esses pensamentos. Matoré (apud SILVA, 2004, p.32) diz que “um vocabulário não é só um conjunto de palavras, é veículo de idéias e sentimentos, e traduz a existência de fatos, a presença de coisas.”

O ser humano só ganha existência própria porque é dotado de uma capacidade de reflexão que o coloca frente a si mesmo de forma questionadora e aquilo que é se torna um objeto de estudo para si. A questão é que esse ser não tem respostas plausíveis para sua própria origem e nem sabe quem é verdadeiramente. Frente a esse desejo de se conhecer, os objetos do mundo podem suscitar os questionamentos e se constituírem como desencadeadores do processo de autoconhecimento. Na obra lexicográfica é possível conhecer o discurso refletido por esse homem solidificado pela cultura que tenta retratar nas acepções, significações que cada vocábulo vai ganhando como objeto de estudo desse homem. Cabe ao

leitor de dicionário ao ler analisar e interpretar com certeza de que sua leitura é apenas uma das muitas possibilidades que a obra, em sua riqueza de significações, oferece. No entanto, a leitura de uma obra e sua crítica passam sempre pelo filtro pessoal de alguém situado num tempo histórico e influenciado, de alguma forma, por ele. Mesmo sendo cuidadosamente demonstrada e argumentada, a idéia defendida é sempre uma das possibilidades de leitura. Não podemos estabelecer parâmetros verdadeiros às acepções sugeridas pelos lexicógrafos, mas como uma das encontradas por eles, pois a cada dia vão surgindo nossos olhares para cada palavra. Como sugere Fernando Pessoa (apud ISTO É, 2008. p.50.) “Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma.” Assim, cada comunidade lingüística pode transformar o que está convencionado em outro que não está.

Nas obras analisadas a questão de língua uniforme foi defendida para que haja uma melhor comunicação entre os países da lusofonia, embora *Houaiss* tenha sido mais rígido e valorizado a língua usada no Brasil como a padrão. *Aurélio* demonstrou também essa preferência, porém, registrou, pesquisou obras de outros países que compõem o nosso idioma, valorizou a língua dita em Portugal e portanto a registrou sua forma de grafar. Registra nos verbetes e acepções dos falares dos países africanos e das tribos indígenas. Ler é uma arte, e, principalmente, compreendê-la, por isso é preciso que consulentes estejam atentos ao fazer lexicográfico. Nenhum registro foi para o dicionário sem ter passado por um estudo, compreendido por uma equipe e usado por um autor. No dicionário *Aurélio* percebe-se uma grande valorização do discurso literário na bibliografia de referência a qual é representada também nos exemplos de uso no discurso das acepções. Coloca a literatura como fonte principal do discurso lexicográfico – fazendo de sua obra uma obra viva como a literatura, com uma linguagem desposada de objetividade.

É tarefa do crítico contribuir com o letramento discursivo daqueles que falam a mesma língua, e, é na literatura que o discurso vai sendo desvendado, construindo, conseqüentemente, seres humanos capazes de uma compreensão mais profunda de si e do mundo. No entanto, a contribuição maior da crítica é no sentido de desvendamento. É o que esperamos ter conseguido ao analisar essas obras-dicionários de língua portuguesa - *Houaiss* e *Aurélio* e de ter contribuído para ampliar seu significado e entregá-lo a outros para que sintam motivados a fazer o mesmo. Nesse sentido, o presente estudo espera ter cumprido a proposta de desvelar as maneiras de ver os dicionários de língua portuguesa tão relevantes para

a literatura brasileira e para o patrimônio cultural de uma comunidade lingüística.

Mesmo o dicionário não tendo uma sistematização literária, é muito subjetivo com um discurso, às vezes, de exclusão de línguas, termos e até reafirmam estereótipos do negro, índio, mulher, homem e sua cultura. Mas como a ideologia dominante é a que sobressai. Isso comprovado em muitas obras literárias; o dicionário de língua sendo o depositário dessa cultura - mesmo sendo minoria - tenta de uma forma transcrever essa diferença implicitamente. Essa transcrição se insere em um tempo histórico e emana de certo lugar social, o que torna muito mais ampla a sua significação. Foi o que se procurou demonstrar com a seleção e análise das bibliografias de referências dos dois dicionários. São elas as responsáveis por legitimar os discursos encontrados em *Houaiss* e *Aurélio*.

A crítica literária não pode ignorar o dicionário de língua. Uma vez que eles são prenunciadores de novos tempos na literatura, trazendo uma contribuição importante, que é fruto de uma visão menos conservadora do conceito literário já discutido anteriormente. Esses prenunciamentos, muitas vezes, só se desvelam por meio de metáforas ou imagens que desafiam o leitor a descobri-las como manifestações discursivas nas acepções registradas por uma enunciação implícita do sujeito. Ler um dicionário é usufruir de pensamentos imaginários de uma determinada cultura. A forma como está registrada a língua no dicionário nos faz perceber que toda experiência do ser ocorre na e pela linguagem como já dizia Heidegger. O dicionário, como uma forma de linguagem, transforma o discurso em um dizer que põe o ser em diálogo com um mundo.

Se um dos objetivos da obra lexicográfica é fazer emergir a essência das palavras, as obras desses dois autores, *Houaiss* e *Aurélio*, cumprem esse papel de forma irretocável. Nota-se uma grande preocupação em buscar nas referências as significações adequadas para cada vocábulo. Retrata bem como o uso interfere na linguagem do povo pela literatura. Aborda questões de construção de um léxico moderno e compreensível a todos os leitores. *Aurélio* busca esse uso de forma mais abrangente e num *corpus* mais privilegiado do que *Houaiss*. Porém, *Houaiss* viaja nas histórias da língua e propõe muito mais significação para um vocábulo que *Aurélio*. Busca no estudo da sinonímia uma arma para o enfeitiçamento do leitor para um maior número de conceitos ultrapassando *Aurélio* no trabalho com a significação de termos. É possível encontrar em *Houaiss* um imenso trabalho de remissivas às quais – na sua maior parte - não são encontradas em *Aurélio*.

A relação da língua, literatura e discurso na obra lexicográfica é percebida no procedimento do lexicógrafo em tentar explicar a própria língua. A metalexigrafia, a poética do fazer as acepções de cada vocábulo. Assim os elementos que constituem a rede significativa dos artigos lexicográficos requerem uma análise cuidadosa, pois qualquer definição torna-se insuficiente quando se trata de analisar texto que rimam apenas por mecanicidade das letras organizadas alfabeticamente. Porém, nosso estudo percebeu que vai além de uma simples decodificação de significados. Há por trás da poeticidade de *A a Z* uma imensa metáfora que é a de construção da possibilidade de significação que uma palavra adquire em um enunciado produzido por um determinado sujeito em consonância com a de uma comunidade lingüística representada no discurso lexicográfico. Na maioria das acepções tanto *Houaiss* quanto *Aurélio* dá exemplos da linguagem-dita-literária. A linguagem figurada também tem presença nos dois dicionários; no segundo, portanto é mais exemplificada.

Essas metáforas engendradas por meio dessa linguagem dicionarizada são algo de poderoso e forte que estão ligadas à capacidade de significar sem estar ligadas por conectores lingüísticos, coesivamente, a não ser pela rima alfabética. O discurso é sem dúvida a transgressão da metáfora. Há uma correspondência lógica entre o discurso do dicionário, discurso do uso, da bibliografia de referência e *a priori* da literatura. Como já foi dito o dicionário *Houaiss* não privilegiou a literatura em seu *corpus*, porém, cita-o em seu prefácio como sua principal fonte de pesquisa. Mas, um mínimo de articulação lingüística pode pôr em discurso um máximo de significação ao explorar o discurso de outrem. Para Koch (apud COSTA, 2004, p. 33), “o homem é um caçador de sentidos.” O dicionário é então uma metáfora carregada de sentidos, pois vemos através das palavras. Os dicionários analisados aqui são produtores de discursos e merecem um estudo dentro da crítica literária. São eles que servem de embasamento aos escritores de qualquer gênero textual para a construção de significados, esses metaforizados pela obra lexicográfica. Quem nunca encontrou no dicionário de língua um perfeito significado para poder interpretar uma poesia? Nele há esse registro, pode ser que não esteja na primeira acepção sugerida pelo lexicógrafo. Daí, a grande importância de se ler um dicionário.

Decifrar o discurso lexicográfico é uma atividade complexa que mobiliza um conjunto de competências, exigindo do leitor bem mais que o simples conhecimento

das estruturas lingüísticas. É preciso percorrer a superfície discursiva sem perder de vista o tempo e espaço em que foi produzido, numa visão diacrônica e sincrônica, considerando que a escritura, especialmente a do dicionário, faz parte de uma rede em que os fios da cultura e do uso se entrelaçam para criar a significação. A língua em uso organiza-se em discurso deixando implícita a presença de outro discurso que se sobrepõe, que preexistia e que dialoga com este. Há toda uma história pessoal e social contaminando qualquer discurso. Dessa forma, não há a posição única de emissor, pois todo enunciado, de certa maneira, responde a uma rede de outros enunciados que vieram antes dele. Sendo assim, sobre a linguagem que se lê emerge sempre outra (BAKHTIN, 2000) que amplia o seu sentido.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para que haja uma mudança do consulente ao pesquisar um dicionário nos seguintes aspectos: Não ver apenas como uma obra didática, pedagógica, mas como uma obra com uma discursividade além daquela que ele procura; Perceber como os autores dessas obras colocam as palavras e suas acepções, de que forma são escolhidas para serem colocadas ali, e, principalmente, refletir sobre o sujeito que subjaz à escrita. Seu discurso dentro da sociedade em que vive; Pensar na forma como ele foi produzido e compreender que o dicionário não é um túmulo, sem discurso, sem fala. É um depositário do léxico, riquíssimo, que deve ser apreciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ARISTÓTELES. **Coleção os pensadores** vol. I. Tradução : Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da Versão inglesa de W.D Ross. Nova Cultural: 1991.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 1. 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- BAGNO, M. **Português Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: parábola, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, Lexicografia, terminologia, terminografia. Identidade Científica, Objeto, Métodos, Campos de Atuação**. s/d.
- _____. **Colóquio de Lexicologia e Lexicografia**- actas- Universidade Nova de Lisboa, jun. 1990.
- _____. A terminologia e o ensino da metalinguagem técnico-científica. In : **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia** , Vol. II Isquierdo, A. N. e KRIEGER, M. G., Orgs.. Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2004.
- _____. Dicionário, vocabulário, glossário: Concepções, In ALVES, I. M. (Org). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. FFLCH/USP 1996.
- BEVENISTE. Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novack Nicolau Salun- 4 ed. São Paulo: Pontes. 1995.
- _____. **Problemas de Lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas- SP: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário didático de português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. C Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: O Aurélio e o Houaiss, In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia**
- BIGONJAL-BRAGGIO, Silva Lucia. **Contribuições da lingüística para o ensino de línguas**. Goiânia: UFG, 1999.
- CAMACHO. R. G. Sociolinguística. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001

- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO, Maria Cecília de. **Construindo o saber**. Papyrus, Campinas – SP, 1989.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. 1976.
- COSTA, Manuel Ferreira. **Homens e Mulheres Dicionarizadas**. Caderno seminal digital.2004 .
- COSERIU, E. **Variação Linguística**. São Paulo : Cultrix, 1987.
- DERRIDA in **Derrida e educação**/ organizado por Carlos Skliar, - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DUBOIS, J. e DUBOIS, C. **Introduction à la lexicographie**. Paris. Librairie Larousse, 1971.
- DUBOIS, *et al.* **Dicionário de lingüística**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2001
- DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Wahenser Dutra: 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, (2005
- FERREIRA, A. B.de H., **Dicionário Aurélio século XXI**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. RJ. 3. ed. 1999.
- _____. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Nova Fronteira. 2. ed. Rio de Janeiro. RJ, 1986.
- _____. **Biografia**. Disponível em: www.netsaber.com.br. Acesso em: 09/03/2008.
- FOUCAULT. E **os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade?** (orgs) Vanice Sargentini, Pedro Navarro Barbosa. São Carlos: Claraluz, 2004
- GURGEL, S. **A representação como critério de seleção de fontes: um problema epistemológico**. CEDOCH- São Paulo.SP. 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

_____. **Biografia**. Disponível em www.objetiva.com.br. Acesso em :09/03/2008.

ISQUERDO, A. N. e KRIEGER, M.da G. **As ciências do Léxico**: lexicologia, Lexicografia e terminologia. Vol.II.(Apresentação). (orgs). Campo Grande. MS: ed. UFMS, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRIEGER, et. al., O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em: 12 de jan. 2006

LARA, Luis Fernando. O dicionário e suas disciplinas. . In : ISQUIERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia , vol. II. Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de de Cecília P. de Sousa e Silv / Décio Rocha. 2. ed. São Paulo- SP: Cortez. 2002

_____. Código de Linguagem e interlândia. In: **O contexto da Obra literária**. Trad. Marina Appenzeler. São Paulo: Martins fontes. 2001.

MARTINS, J. B. **Da literatura à filosofia**. São Paulo: FESAN, 2. ed. 1986.

MESCHONNIC, Henri. **Des mots et des mondes: dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures**. Paris, Hatier, 1991.

NUNES, J. H, **Levantamento bibliográfico de dicionários brasileiros de língua portuguesa**: uma interpretação discursiva. UNESP. São José do Rio Preto. SP. 2004

_____. Um Espaço ético para pensar os instrumentos lingüísticos: O caso do dicionário. In Orlandi, E. (org). **Política lingüística no Brasil**. Campinas. SP: Pontes editora, 2007.

ORLANDI, E. P. **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001

_____. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade.** Campinas, SP: Pontes, 2006.

PAIS. Cidemar Teodoro. **O dicionário terminológico como simulacro de universo de discurso.** In: *Atas do VI Simpósio de RITERM.* Universidade de Havana, Cuba, 1998. site: www.riterm.net. Acessado em 26-08-2008 às 13;30 hs.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1995

PESSOA. Fernando. *Obra poética.* Org. Maria aliete Galhoz. 2 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.

PINTO, Rolando Morel. **História da língua portuguesa. IV século XVIII.** São Paulo: Ática, 1988.

PINTO, Edith Pimentel. **História da língua portuguesa: VI século XX.** São Paulo: Ática, 1988.

PLATÃO. **Os pensadores.** 5. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991

PRETTY. Dino. **Sociolingüística: os meios da fala.** São Paulo: Cultural. 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de, **Curso de lingüística geral.** Tradução de Antonio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein 25. ed. Cultrix, São Paulo-SP 2003.

SILVA, Rosa Viginia Matos e. **O português arcaico: fonologia.** São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

SILVA, Fabiano Correa da. *Narciso acha feio o que não é espelho: Lula e a imagem presidencial.* **Caderno Seminal.** São Paulo, 2004.

SOUSA, W.de, e SOUTO, A. M.da S. **Língua portuguesa e literatura brasileira.** Belo Horizonte: editora Universidade Federal de Belo Horizonte, 2002.